

PROJETAR COM O LUGAR

Reabilitação de Casas na Aldeia do Xisto de Figueira

Centro de Artes do Lugar



MÓNICA SOFIA SILVA CARREIRA

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Júri:

Presidente: Doutor Pedro Belo Ravara

Vogais: Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa (arguente principal)

Doutor Amílcar Gil Pires (orientador)

Lisboa, FAUL, Março de 2017

Resumo

Título: Projetar com o Lugar: Reabilitação de Casas na Aldeia do Xisto de Figueira – Centro de Artes do Lugar

Nome do Aluno: Mónica Sofia Silva Carreira

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil e Pires

Mestrado: Integrado em Arquitetura

Data: Março de 2017

No decurso da finalização do projeto para obtenção do grau de mestre em Arquitetura serve o presente trabalho para e em oportunidade, aprofundar conhecimentos no que concerne ao estudo sobre Aldeias do Xisto, pesquisa e intervenção nas mesmas, e de uma forma mais alargada no que diz respeito a intervir no e com o Património Rural.

Tal facto, concretiza-se na possibilidade de elaborar uma proposta para a Aldeia do Xisto de Figueira, pertencente ao concelho de Proença-a-Nova, onde se pretendem criar competências e estruturar um saber enriquecido à luz de termos como: Fenomenologia, Lugar, Memória, Património e Paisagem. Estas noções são consideradas fundamentais às decisões do projeto e à integração do mesmo estando inerentes à referida proposta. Fundado no conhecimento adquirido de tais conceitos e análises feitas ao local, propõe-se um Centro de Artes do Lugar como programa, partindo de duas antigas habitações pré-existent na aldeia.

Sendo o objeto de estudo o testemunho de memórias, portador de saberes e cultura, é objetivo principal respeitar as características e vivências próprias dando continuidade à revitalização de um Lugar que não pode ser esquecido e merece ser potenciado.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Lugar, Memória; Património Rural; Paisagem.

Abstract

Title: Designing with the place: Rehabilitation of houses in a Schist Village of Figueira
– Art Center of the Place

Student's Name: Mónica Sofia Silva Carreira

Scientific Advisor: Professor Amílcar Gil e Pires

Master's Degree in: Integrated Architecture

Data: March, 2017

Upon project completion in order to obtain a Masters Degree in Architecture, the following essay is an opportunity to further develop knowledge with regards to the Schist Villages's study and research, and its intervention, more widely in relation to intervene with and on the Rural Heritage.

This fact manifests itself in the possibility of elaborating a proposal for the "Aldeia do Xisto de Figueira", part of the Proença-a-Nova district, where there is a will to create skills and develop knowledge molded by terms such as Phenomenology, Memory, Place, Heritage and Landscape. These notions are considered to be fundamental to the project's integration and its decisions, being intrinsically linked to the referred proposal. Taking on the knowledge gained from such concepts and analysis performed on-the-field, we propose a creation of an Art Center of the Place as a base program, starting from two ancient pre-existing houses located at the village.

Being study object, the recollection of memories, with its knowledgeable and cultural richness, it is the main objective to respect its own characteristics and life experiences, whilst continuing to pursuit the revitalization of the place which cannot be forgotten and deserves to be explored and developed on a cultural level.

Key-words: Phenomenology; Place; Memory; Rural Heritage; Landscape.

Agradecimentos

Uma vez, na faculdade de arquitetura, aprendi que toda a Cidade, toda a Arquitetura, são feitas de edificado de acompanhamento e de construção excepcional.

É desta forma que vejo o meu percurso até à conclusão deste trabalho em conjunto com as pessoas que me rodearam e deram suporte. Umas, sempre me acompanharam e estiveram de mãos dadas, outras, foram excepcionais à sua maneira, do princípio ao fim. De uma, ou outra forma, todas elas o sabem e saberão. A elas, aqui e oportunamente em modo pessoal, lhes endereço os meus sinceros agradecimentos. E são tantos.

Contudo, há uma pessoa que foi a pedra basilar do desenvolvimento de todo este projeto, e por isso será aqui, para sempre, merecedora de registo: o Professor Amílcar Gil Pires. Por ter sido excepcional, mas acima de tudo por nunca ter desistido de mim. Ele nunca desiste de um aluno.

“Um professor é a personificada consciência do aluno; confirma-o nas suas dúvidas; explica-lhe os motivos da sua insatisfação e estimula-lhe a vontade de melhorar.” Thomas Mann, in Doutor Fausto

Obrigado Professor.

Índice Geral

Resumo	1
Abstract	2
Agradecimentos	3
Índice Geral	4
Índice de Imagens	5
Introdução	7
1. <i>Parte I</i> – Abordagem Teórica do Tema “Projetar com o Lugar”	9
1.1. Estado da Arte	11
1.2. Distinção de Sítio, Lugar e Contexto	17
1.3. Conceito de Lugar	18
1.4. O Carácter da Arquitetura e do Lugar	22
1.5. Fenomenologia da Arquitetura	26
1.6. A Reabilitação num Lugar de Património	29
1.7. Referências Projetuais – Estudo de Casos	33
2. <i>Parte II</i> – O Objeto de Estudo – Sítio em Aldeia de Figueira	36
2.1. Contexto Histórico-Cultural	39
2.2. Análise Física e Social, Morfológica, Tipológica e Espacial	42
2.3. Análise Fenomenológica	50
3. <i>Parte III</i> – Proposta de Intervenção – o Projeto Centro de Artes do Lugar ...	58
3.1. O Programa – Estruturação Funcional e Espacial	59
3.2. Estratégias de Projeto e Ideias Conceptuais	61
3.3. Descrição da Solução Arquitetónica e Espacial Proposta	63
3.4. Apropriação dos Edifícios pela Contextualização Cultural e Social	69
Conclusão	72
Bibliografia	74
Anexos	77

Índice de Imagens

Fig. 1: Stonehenge, Wiltshire, Inglaterra, 3100 a.C.. Fonte: http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge	10
Fig. 2: Museu da Luz. Fonte: Autora	33
Fig. 3: Casa das Mudanças. Fonte: Autora	34
Fig. 4: Centro de Artes de Sines. Fonte: Autora	35
Fig. 5: Figueira e a rede Aldeias do Xisto, Pinhal Interior. Fonte: http://aldeiasdoxisto.pt	36
Fig. 6: Figueira, Aldeia do Xisto. Fonte: Autora	38
Fig. 7: Reminiscências de uma Aldeia perdida no tempo. Fonte: Autora	39
Fig. 8: Vestígios gravados que nos contam História. Fonte: Autora	40
Fig. 9: Ortofotomapa da Aldeia de Figueira. Fonte: Google Earth	42
Fig. 10: População envelhecida de Figueira. Fonte: Autora	42
Fig. 11: Aglomerado orgânico com dois eixos principais. Fonte: Autora	43
Fig. 12: Figueira em promontório. Fonte: Autora	44
Fig. 13: Dimensões genéricas de Figueira. Fonte: Autora	44
Fig. 14: Detalhe da pedra de furos para colocação de portas. Fonte: Autora	45
Fig. 15: Ruas estreitas outrora percorridas por pessoas e gado. Fonte: Autora	45
Fig. 16: Topologia de casa pátio de xisto, à esq. a Casa de dois andares, à dir. o seu pátio. Fonte: Autora	46
Fig. 17: Interiores de habitação, à esq. curral no piso térreo, à dir. sala no primeiro piso. Fonte: Autora	46
Fig. 18: Ritmos rurais cronometrados por atividades diárias e sazonais. Fonte: Autora	47
Fig. 19: Forno comunitário, é possível ver na foto à esq. o sistema de marcação de vez. Fonte: Autora	47
Fig. 20: Alminha e casa Grande, sinónimos de Fé de um povo rural. Fonte: Autora ..	48
Fig. 21: Socalcos em pedra são palco de atividades como olivicultura. Fonte: Autora	48
Fig. 22: A água como elemento vital dá origem a várias construções tradicionais. Fonte: Autora	49
Fig. 23: Levadas, paredes de xisto que encaminham o curso de água. Fonte: Autora	49
Fig. 24: Figueira, um oásis no deserto. Fonte: Autora	50

Fig. 25: Formação medieval da aldeia. Fonte: Autora.....	50
Fig. 26: Forno comunitário, local de encontro e de festa. Fonte: Autora.....	51
Fig. 27: No aglomerado e seu edificado tudo é feito de xisto. Fonte: Autora	51
Fig. 28: Acropolização da aldeia, função de defesa. Fonte: Autora	52
Fig. 29: Labirinto de Xisto. Fonte: Autora	52
Fig. 30: Sensação de verticalidade no interior do núcleo. Fonte: Autora	53
Fig. 31: Um sem número de escadas são encontradas apenas às fachadas. Fonte: Autora	53
Fig. 32: Policromia do Xisto. Fonte: Autora	54
Fig. 33: O homem apoderou-se da natureza e de um Lugar, agora a natureza apodera- se da sua construção. Fonte: Autora.....	54
Fig. 34: Rostos e casas, ambos enrugados. Fonte: Autora.....	55
Fig. 35: Forno com pão, broa e tigeladas. Fonte: Autora	55
Fig. 36: O regionalismo de uma comunidade ancorada à aldeia. Fonte: Autora.....	56
Fig. 37: À esquerda, a fonte que se descobre num percurso de sensações. À direita, também o rio se traça de xisto. Fonte: Autora.....	56
Fig. 38: Por entre sobreiros, Figueira espreita num postal de Xisto. Fonte: Autora	57
Fig. 39: Disposição Diagramática do Programa do Centro de Artes do Lugar Fonte: Autora	60
Fig. 40: Princípios formais que fornecem a génese do projeto. Fonte: Autora.....	62
Fig. 41: Escala fragmentada para incorporação do programa. Fonte: Autora.....	63
Fig. 42: Esquços conceptuais do enterrar do edifício. Fonte: Autora	63
Fig. 43: A luz vem de cima e há ruas na proposta. Fonte: Autora.....	65
Fig. 44: Nichos – função de memória e exposição numa alusão mimética à aldeia. Fonte: Autora	66
Fig. 45: A esplanada geometrizada. Fonte: Autora	67
Fig. 46: Esquço da apropriação dos socacos para espaço público. Fonte: Autora ...	67

Introdução

Sob o tema “Projetar com o Lugar”, intenta-se, neste Projeto Final de Mestrado a intervenção designada à reabilitação de casas na Aldeia do Xisto de Figueira, mais precisamente no Concelho de Proença-a-Nova, com a proposta para um Centro de Artes do Lugar.

O património rural como edificado na paisagem e no campo, está intimamente ligado com a linguagem, tradições, gastronomia, ciclos sazonais, música, história e com técnicas locais. Tem interesse científico, histórico – material e imaterial, etnográfico e muitas estruturas têm já um interesse arqueológico. É preciso saber tirar partido delas para com isso perceber um desenvolvimento muito mais ligado ao território que será sempre mais sustentável e sustentado.

O património rural é uma costela importantíssima da nossa cultura e ainda que o seu registo e o desenvolvimento do turismo nas aldeias seja cada vez mais notório e acentuado, nos dias que correm, corresponde a inúmeras paisagens desabitadas, colocando o problema no saber o que construir e como intervir nesse mesmo património. É importante encontrar parceiros dispostos (quer sejam eles políticos, como autarquias ou associações culturais) a agarrar a causa e levar para a frente projetos que dignifiquem as zonas, arranjar programas que mostrem o que foi e se construa um presente e um futuro, e acima de tudo, tragam gente. É este o principal propósito da proposta que aqui se fará apresentar.

Deste modo, entraremos mais a fundo nas questões que giram em torno deste nosso tema central “Projetar com o Lugar”, para o cimentar de todo o conhecimento subjacente e a posterior criação de uma metodologia de trabalho, que terá por base e o fim último de fazer arquitetura.

O processo de trabalho deverá seguir a seguinte metodologia:

1. Investigação de apoio ao Projeto Final de Mestrado.

Pesquisa Bibliográfica / Documental.

Recolha e Processamento de Informação.

Investigação de Casos de Estudo – à distância e in loco.

2.Desenho do Sítio / Investigação.

Análise Geométrica, Morfológica e Espacial.

Análise do Contexto do Lugar: Físico e Social; Cultural e Histórico.

Análise de Programas Funcionais adequados – estudo de casos de referência.

3.Definição do Programa.

4.Elaboração do Projeto.

5.Experimentação: Conceção de Ideias e Simulação.

Maquetes de estudo, Maquetes e Desenhos conceptuais, Desenhos de estudo, Perspetivas, Esquemas, etc.

Plantas, Cortes, Alçados, esquemas de relações.

Maquetes Finais: Modelos tridimensionais às Escalas 1/500; 1/200; 1/100.

Projeto de Execução com características construtivas do edifício.

Simulação tridimensional do aspeto final em Renderings.

Resta acrescentar que, na origem da escolha do sítio em questão esteve uma ligação pessoal aquele Lugar especial, motivada posteriormente por uma reunião na autarquia local.

Por se tratar de uma ligação emocional, todas as questões sensitivas e fenomenológicas inerentes à procura dos pilares de criação do objeto arquitetónico afloram com grande facilidade. A vontade de explorar um local cheio de carácter afigura-se evidente e a de fazer uma proposta que lhe imprima ainda mais valor, em demasia.

1. Parte I – Abordagem Teórica do Tema “Projetar com o Lugar”

Numa primeira abordagem ao que irá ser tratado daqui para a frente, pretende-se que neste capítulo, se enquadrem primeiramente e de modo sumário, os conhecimentos a montante do aprofundamento teórico, onde serão abordadas algumas das questões que inquietam o caso de estudo em questão e se exponha a experiência até agora adquirida. Posteriormente, entraremos mais a fundo nas questões que giram em torno do nosso tema central “Projetar com o Lugar”¹. Por último, mas também importante, se faça uma descrição e breve análise a projetos de relevante pertinência que servirão como referência para a elaboração do projeto final.

Relativamente ao tema, “Projetar com o Lugar”, o Lugar é o elemento que enquadra o projeto e as opções de projeto. O Homem, ao projetar procura referências no Lugar, na compreensão do espírito do Lugar, o *Genius Loci*, o sentir o Lugar, o interpretá-lo, o reconhecer nele a identidade, as relações ambientais, matéricas, culturais, sociais, estéticas, físicas e metafísicas, entre outras que nele estão impressas. Esta cultura requer sensibilidade em ler o Lugar como local geográfico e como um local onde o *Espírito do Lugar* está presente.

A relação que é estabelecida com a envolvente e a forma como um novo objeto se afirma e dialoga com a mesma é uma forma de se significar a Arquitetura. Esta é uma posição de extrema importância na requalificação do Património já que este último imprime no Lugar uma identidade e memória difícil de apagar, muitas vezes digna de se preservar, renunciando a sua extinção.

O próprio Património também significa aquele mesmo Lugar e significar um local é talvez, o primeiro gesto de Arquitetura como nos retratam as edificações pré-históricas dos menires, ou a apropriação de um local, tão simplesmente, demarcando-se nele um primitivo recinto na terra ou erguendo-se e delimitando-se ao mesmo tempo que se sacraliza um lugar como exemplo o Stonehenge.

¹ “Projetar com o Lugar” – Tema de autoria do professor Amílcar Gil Pires para a unidade curricular de Projeto Final de Mestrado, do Mestrado Integrado em Arquitetura, da Universidade de Lisboa.

Simple gestos como estes dão valor ao Lugar e são uma expressão exclusivamente humana.

“O templo, no seu estar-aí, concede primeiro às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos.”²



Fig. 1: Stonehenge, Wiltshire, Inglaterra, 3100 a.C.. Fonte: <http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge>

² HEIDEGGER, Martin: O templo Grego, in *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, 1999. pp 32-33

1.1. Estado da Arte

No estado da arte mostra-se ter conhecimento do que já foi feito ao nível dos vários temas de interesse e há uma tomada de consciência da importância de todo o percurso em que se foram adicionando experiências e aprendizagens imprescindíveis para a elaboração de um projeto que resuma o culminar de um percurso e amadurecimento na consciência do saber fazer arquitetura.

O objetivo deste projeto é estabelecer uma relação entre um edifício escolhido a ser reabilitado e ampliado e o lugar que o acolhe – Aldeia do Xisto de Figueira. Como complemento daquela vasta área de turismo rural, muito próxima de áreas de desporto e lazer, pretende-se a criação de um equipamento de alojamento temporário que colmate as necessidades dos edifícios habitacionais reabilitados para o mesmo fim, e criação de um centro de artes, programa este que foi denotado como carência e apetência em conversa com a Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Ao edifício existente atribuir-se-ão funções de receção, administração, zonas de estar e outras de apoio. Prevendo-se que o centro de artes e as unidades de alojamento se desenvolvam em anexo ao corpo principal a reabilitar, este programa tem o intuito de permitir a fixação da população ainda existente e gerar novas fontes de receita, vocacionando-se para o turismo.

Para melhor compreensão e estruturação de um raciocínio que serve de suporte de investigação à sustentação de uma proposta de arquitetura, sente-se a necessidade de dispor a uma lógica da seguinte forma:

Do Território, Do Património, Do Lugar

Sendo o território, pelo seu elevado grau de generalidade, um “*horizonte de referência*” com inúmeras definições, para André Corboz “*O território está na moda*”. É importante descodificar o que é o território e de que forma se pode reescrever nele, aquilo que ele denomina de *O território como palimpsesto*, um papiro que impetuosamente se apaga e reescreve.

“*Nesta abordagem o lugar é entendido como território cultural diversificado*”,³ como forma de garantia ao bom sucesso das iniciativas que valorizem a “*visão integrada do*

³ PAULO, Luísa M. da Conceição, *A Reabilitação do Património como Factor de Desenvolvimento Local: o modelo de aldeia sustentável (texto policopiado)*, Tese de

processo de desenvolvimento regional e local”,⁴ a tese da Dra. Luísa Paulo vem ajudar a definir e a esclarecer a importância da preservação de um património que vai muito além do património arquitetónico erudito. Fala do património construído, do património intangível e da valorização da paisagem humanizada, quando refere que há uma clara distinção no que concerne a uma preocupação a nível da investigação internacional para com o património erudito ao qual é conferido uma maior importância perante o património rural.

Para uma aproximação teórica do Lugar torna-se imprescindível o estudo de alguns autores que desenvolvem o tema e permitem uma reflexão mais operativa.

Com particular importância destaca-se a reflexão do orientador científico, Amílcar de Gil e Pires em *Carácter da Arquitectura e do Lugar*⁵, os textos do professor Rui Barreiros Duarte, *Os Valores do Lugar*⁶ e *A Poética do Lugar*⁷, a obra do professor Centeno Gorjão Jorge, *Lugares em Teoria*⁸, e finalmente *Existencia, Espacio y Arquitectura*⁹ e *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*¹⁰, estes últimos ambos de Christian Norberg-Schulz.

Estas fontes bibliográficas são determinantes na reflexão dos elementos constituintes do Lugar e na compreensão deste como criador de um domínio espacial e simbólico. Norberg-Schulz, através do conceito de espaço existencial, ajuda ainda ao entendimento do Lugar como parte integrante de uma rede de lugares partilhados publicamente por um grupo de indivíduos.

O Contexto

Numa aldeia cujos registos históricos se encontram gravados na pedra e contados por testemunhos locais, pois grande parte da informação foi perdida após o 25 de abril, é importante a leitura de *Sobreira Formosa Passado e Presente (Monografia)*.

Para a compreensão do contexto histórico-cultural onde se insere o caso de estudo, a monografia faz um retrato pormenorizado do crescimento, dos usos, costumes,

Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009

⁴ Idem.

⁵ PIRES, Amílcar de Gil e, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, ARTITEXTOS 06, Julho 2008

⁶ DUARTE, Rui Barreiros, *Os Valores do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.26, Abril 2002, pp.66-69

⁷ DUARTE, Rui Barreiros, *A Poética do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.23, Janeiro 2002, pp.44-49

⁸ JORGE, Gorjão, *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Março 2007

⁹ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975

¹⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984

tradições e história desde os tempos mais remotos até 1995, data da sua publicação. Não obstante de descrever minuciosamente a freguesia de Sobreira Formosa, torna-se um documento fundamental como base de referência para um melhor entendimento do contexto em que se desenvolve a povoação da aldeia do Xisto de Figueira, pertencente à dita freguesia.

Também fontes documentais *online* da Rede das Aldeias do Xisto liderada pela ADXTUR – Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, constituem um importante registo para a compreensão do enquadramento e fornecem um contexto social, político e cultural de ações que se desenrolam em torno do desenvolvimento sustentável das 27 aldeias integradas, com uma vasta oferta cultural e de atividades em 16 municípios na zona do Pinhal Interior.

O livro *Arquitectura Popular em Portugal* que após o inquérito à arquitetura regional portuguesa realizado por vários arquitetos nos anos 50 (iniciativa do então Sindicato Nacional dos Arquitetos) de certa forma sistematiza e permite catalogar de forma objetiva a arquitetura vernacular deste território português que vem sofrendo uma profunda mutação e construção.

Em *A Arquitectura Popular Portuguesa* aquele que Mário Moutinho define como um “ensaio de regionalização”¹¹, a área de estudo é inserida numa das cinco regiões arquitetónicas que o autor define, tendo como elementos comuns o clima, a vegetação, o relevo, formas de povoamento, tipos de construções e cores dominantes.

O projetar com o Lugar

*“A GRAVIDADE constrói o ESPAÇO e a LUZ constrói o TEMPO. Será necessário então, através do ajuste das suas medidas, TEMPERAR esses espaços e esses tempos dimensionando-os, proporcionando-os, dotando-os de escala, em suma, colocando-os em relação com o homem.”*¹²

Para o desenvolvimento do pensamento arquitetónico subjacente à proposta e sempre na perspetiva fenomenológica daquele que é projetar com este Lugar específico, Alberto Campo Baeza mostra que para elaborar um projeto de arquitetura, aquele que tem como ponto de partida o homem e que por sua vez o serve a si mesmo, e que através de um sistema de proporções, pega nas suas “*medidas universais*”¹³ para se relacionar com o

¹¹ MOUTINHO, Mário C., *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Estampa, Lisboa, 1979

¹² BAEZA, Alberto Campo, *Pensar com as mãos*, p.35

¹³ Idem, p.36

espaço. Baeza revela como são considerados os elementos próprios de construção daquela que é considerada a materialidade da arquitetura num pensamento particular que é feito com as mãos, em que este por sua vez se inspira no romance *A Caverna* de Saramago “quando afirma que os criadores têm como que pequenos cérebros na ponta dos dedos.”¹⁴

No que se refere ao campo de ação, o texto, *A Paisagem e a Obra do Homem* de Christian Norberg-Schulz mostra como retirar das preexistências ambientais estímulos para a criação por forma a estabelecer um diálogo com existente natural. A articulação entre uma expressão material contemporânea e os estilos vernaculares do passado de uma povoação.

Em *Arquitetura, Espaço, Forma e Ordem*,¹⁵ de Francis K. Ching, são reconhecidos temas de projeto basilares adequados ao caso particular e procurados elementos do projetar no ato de indagar questões espaço-formais.

Referências, alguns exemplos e sua pertinência

O Museu da Luz (Mourão), torna-se uma referência fundamental pela sua ligação ao sítio onde se encontra e pela sua relação com a Memória de um Lugar extinto. A importância do seu programa e da sua dimensão veiculam um grande interesse à proposta a jusante apresentada.

O Centro das Artes Casa das Mudanças (Calheta, ilha da Madeira), que pretende dinamizar o território insular com um programa cultural e museológico, dinamizador de toda a ilha, e pela maneira como o edifício pontua a paisagem e dialoga com o lugar, é de toda a pertinência para o estudo em questão.

O Centro de Artes de Sines, do atelier Aires Mateus, é essencial igualmente pelo seu programa cultural, mas também e principalmente por funcionar como um edifício que exerce o papel de porta, sendo parte integrante da cidade. Apesar do seu carácter excecional serve todas as camadas da população.

A aldeia do Soajo (Arcos-de-Valdevez), na serra da Peneda-Gerês, pertencente ao programa aldeias de Portugal, a aldeia de Ferraria de São João, em Penela, também integrante da rede aldeias do xisto e o Piódão pertencente à rede de aldeias históricas

¹⁴ Ibidem, p.11

¹⁵ CHING, Francis D. K., *Arquitectura: Forma, Espacio e Orden*, Ed. Gustavo Gili, México, 1991

de Portugal carecem de atenção pelo sistema de relações que estabelecem e pelas ofertas ao nível de uma estratégia programática.

Todas elas, caracterizadas pelas formas particulares de vivência e organização social, apresentam a opção de turismo rural ou de turismo de aldeia, merecem ser observadas pelas suas peculiaridades e relação com o território.

Por fim enumera-se o que já se fez até ao momento e que se possa achar relevante na aquisição de saber e experiência para a execução deste trabalho.

Consulta do Programa Røros, projeto financiado pela Noruega EEAGRANTS, no âmbito DA ALINEA para Conservação do Património a implementar no território do Pinhal Interior. A parceria da rede aldeias do xisto com o museu de Røros na Noruega lançou uma iniciativa de preservação do património rural português. A recuperação de habitações respeitando as regras de antigamente e a formação de artesãos são os objetivos do trabalho em conjunto. O programa terminou no final de 2009 e foram intervencionadas 80 casas. Contextos diferentes, práticas semelhantes, o xisto aproximou culturas em intervenções cujos princípios e técnicas de construção do antigamente são respeitadas. Transmissão de conhecimento e técnicas a funcionar como legado, ensinamento e mais valia são aqui trazidos a um património que teima em não se perder.

Frequência da disciplina Requalificação Urbana, no 4º ano da Licenciatura em Arquitetura, com realização do trabalho de requalificação, reabilitação e propostas para o centro histórico de Carnide.

Uma proposta para a reabilitação da Casa Afonso Costa em Casa-Museu, apresentada na Câmara Municipal de Seia por ocasião do centenário da República no ano de 2010.

Participação no 21º Concurso Ibérico de Soluções para Construção – Pladur em abril de 2011, sob o tema “Abrigo de peregrino – Uma paragem no caminho” num local concreto próximo do cabo de Finisterra, onde existe uma ermida, um cruzeiro, uma fonte e outras pequenas construções remanescentes. Numa atitude de recuperação deste ponto de paragem no Caminho de Santiago propunha-se um programa que permitisse ao peregrino repor energias para enfrentar novas etapas com espaços de convivência, descanso e meditação em que se pretendia um carácter temporário em termos de uso mas também de intervenção de modo que pudesse ser desmontado sem deixar marca no território.

Numa primeira abordagem ao que se refere ao tema “Projetar com o Lugar”, foi realizado no âmbito da disciplina de Laboratório de Projeto VI, no nono semestre do Mestrado Integrado em Arquitetura, um projeto de reabilitação da Quinta dos Alfinetes em Chelas. Aqui, deu-se a primeira aproximação ao conceito de lugar e sua importância numa perspetiva da preservação de uma memória coletiva. Foi feito um enquadramento histórico na tentativa de entender a relação da casa com a propriedade em todas as suas configurações geométricas e a sua original relação com o território. Mantendo tanto quanto possível e pertinente os seus recursos compositivos, foi elaborada uma proposta para uma Universidade Sénior e Centro de Estudos de Língua Portuguesa.

Posteriormente, durante um período de interregno à formação académica foi realizado o acompanhamento de obras de requalificação de diversas moradias no Sul de França.

Foram ainda visitadas as aldeias de Ferraria de São João e Piódão, bem como o Museu da Luz, o Centro das Artes Casa das Mudanças e o Centro de Artes de Sines, o que permite um confronto mais direto com a realidade no sentido de se poder tirar ilações entre a mesma e as fontes bibliográficas.

Em suma,

À luz da contemporaneidade como intervir num legado, que mais do que a um Património pertence à Memória do Povo de um Lugar? Qual a marca deixada no território? Quais as implicações da intervenção nesse Património?

Para estas e muitas outras questões a consulta das fontes documentais enumeradas, o ter conhecimento do que já foi concretizado neste campo de ação e a experiência adquirida tornam-se fundamentais à concretização de um trabalho coerente, lógico e incisivo.

Assim, poder-se-á afirmar com convicção que um projeto será sempre uma consequência de um Lugar e de uma vontade, a do mesmo e a do arquiteto.

1.2. Distinção de Sítio, Lugar e Contexto

Do latim *situs*, *Sítio* significa: *“lugar ocupado por um corpo qualquer; terreno próprio para quaisquer construções; chão ainda descoberto; qualquer local; qualquer pequena área específica de um país, região ou cidade; localidade, aldeia, povoação; lugar assinalado por alguma circunstância (ou acontecimento) importante; qualquer lugar; lugar memorável; povoação”*¹⁶. Na arquitetura, entende-se por *sítio* uma porção de espaço indiferenciado, descaracterizado, onde o homem ainda não interveio com a sua obra.

Para a definição de *Lugar* temos: *“país, cidade, povoação, região não especificada; área de limites definidos ou indefinidos; parte do espaço que ocupa ou poderia ocupar uma coisa, um ser inanimado; área apropriada para ser ocupada por pessoa ou coisa”*.¹⁷ No entanto, cremos que em arquitetura um *sítio* só se torna *Lugar* a partir do momento em que a ação do Homem nele aí se verifica. *“(...) A ideia de Lugar diferencia-se da de espaço pela presença da experiência. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do Mundo por parte do corpo humano.”*¹⁸ A fundação de um Lugar é o testemunho de uma conjuntura cultural e social através da qual habitamos o mundo.

Contexto quer dizer: *“inter-relação de circunstâncias que acompanham um facto ou uma situação; o conjunto de palavras, frases, ou o texto que precede ou se segue a determinada palavra, frase ou texto, e que contribuem para o seu significado; o encadeamento do discurso”*.¹⁹

A apreensão do *Contexto* em arquitetura afigura-se estar subordinado às distintas tradições culturais e às diversas condições ambientais, mesmo que um programa possa ser idêntico. Exemplo disso será, um edifício com um determinado programa construído em Portugal, diferente de um outro edifício que serve as mesmas funções, mas construído noutro país qualquer. A sua arquitetura será sempre condicionada pela cultura dos povos que a rodeiam.

¹⁶ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo VI, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2003, p.3348

¹⁷ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo IV, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2003, p.2319

¹⁸ MONTANER, Josep Maria, *A Modernidade Superada – Arquitectura, Arte e Pensamento do Séc.XX*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.37

¹⁹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo II, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2002, p.1061

1.3. Conceito de Lugar

Para um suporte mais eficaz à realização do projeto importa complementar o conhecimento prático do intervir num determinado contexto espacial, com uma averiguação do que significa o Lugar e em que medida o seu estudo imputa qualidade e valor no ato de fazer Arquitetura.

“Como problema de conhecimento, a ideia de Lugar orienta-se para a necessidade de afirmação de significado em Arquitetura.”²⁰

Se o conceito de Lugar é reabilitado pelas novas teorias e práticas da Arquitetura de teor existencialista, tendo estado “ausente no discurso arquitetónico até ao final do Movimento Moderno”²¹, quer isso dizer que até aqui não se fazia arquitetura com respeito ao Lugar? Seriam os objetos arquitetónicos tratados como isso mesmo – objetos – com desprimor para a envolvente que os rodeia e quem os iria utilizar/habitar?

Em primeira análise, poder-se-á dizer que a primeira definição de Lugar vem de Aristóteles, como sendo o espaço ocupado por um corpo. Uma vez que para Aristóteles o espaço entendido como Lugar é limitado fisicamente, este, diz respeito a uma realidade muito concreta e próxima à existência humana, está portanto, intimamente ligado à ação de cada Homem e ao espaço que o seu corpo ocupa. Podemos, assim, considerar que o começo de alguma conjectura relacionada com o conceito de Lugar está na teoria do espaço Aristotélico que o próprio denomina de ‘*Topos*’.²²

No Movimento Moderno há uma mudança de atitude subjugada por um novo paradigma de pensamento que põe em causa toda a reflexão clássica do saber fazer Arquitetura e do entendimento do espaço tal como Aristóteles nos deu a conhecer até aqui. Agora, interessa mais celebrar a racionalidade e a funcionalidade com a criação de uma arquitetura autêntica, do que manifestar aquilo que poderia ser considerado, uma preocupação com problemas formais. Esta abordagem arquitetónica considerada científica, analítica e que faz recurso às novas tecnologias, para Christian Norberg-Schulz traduz-se em espaços abstratos, sem substância, sem carácter, nem identidade. Norberg-Schulz (1926-2000), desenvolve importantes considerações sobre a relação do Homem com o Espaço e o seu meio envolvente. É na interação destas relações, que assume como básicas, que ele cria o conceito de “*Espaço Existencial*”.

²⁰ PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, p.79

²¹ Idem, p.81

²² Ibidem, ibidem

Para ele, o *Genius Loci* faz uma referência genérica à identidade de um Lugar a partir da História, sendo que, a identidade, será sempre um fator singular e de grande importância na consolidação de cada Lugar.²³

*“O sítio e a História têm uma importância fundamental para a transformação e criação de lugares novos. A ideia de Lugar tem origem em atividades convencionais e comportamentos ligados a conceitos de situações espaciais memoráveis, luz, forma e textura.”*²⁴

O conceito de Lugar adquire, assim, propriedades que vão cada vez mais contra a visão científica e impessoal, adotando qualidades inerentes à própria experiência do Homem no e com o espaço que o envolve.

*“Como oposto ao Lugar surge o conceito de não-lugar. O desafio da criação dum Lugar que não existe, ou que não teria condições de vir a existir naturalmente, processa-se com objectivos muito restritos, com propósitos essencialmente económicos e com vista a uma gestão racional de recursos essenciais como o espaço e o tempo, originando um ponto de confluência ou de passagem de multidões que não chegam, sequer a adquirir qualquer vínculo ou identidade com essas estruturas espaciais, antagónicas ao Lugar tradicional.”*²⁵

O conceito de não-lugar por contraposição ao de Lugar, emerge da lição de Marc Augé, enquanto espaço de transição, descaracterizado e destituído da capacidade de atrair o ser humano. Como exemplos clássicos de tais não-lugares, temos uma estrada, um aeroporto, uma superfície comercial.

Constata-se, portanto, que o não-lugar corresponderá, em síntese, a todos os espaços que não apelam à fixação, que são carecidos de calor humano e que portanto, estão funcionalizados.

*“Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”.*²⁶

²³ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975, p.33, in PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013

²⁴ MEISS, Pierre Von, *Elements of Architecture – From Form to Place*, E & FN Spon Ed., London, 1990, p.139

²⁵ PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, pp.118-119

²⁶ AUGÉ, Mark, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Editora 90º, Lisboa, 2005, p.67

Augé, defende a hipótese que a *“sobremodernidade é produtora de não-lugares”*²⁷ e que estes são diametralmente opostos ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, autoestradas, estações de metro, e pelos meios de transporte – mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados.

Se é certo que uma estrada pode perfeitamente inserir-se na afirmação a que fazemos referência, não é menos correto afirmar que determinado ou determinados fatores humanos podem alterar este estado de coisas. O ser concreto colocado no não-lugar pode dele fazer um lugar. Pense-se na estrada sem significado que o passa a ter, porque determinado acontecimento aí ocorreu, o que altera a perspetiva do observador.

Em suma, se o conceito é inatacável do ponto de vista arquitetónico, não é menos certo que a arquitetura é feita por e para o homem, o que revela, portanto, o sentido mecânico que o não-lugar acaba por esconder.

Perspetivando o não-lugar na sociedade hodierna, parece plausível afirmar que o mesmo é consequência direta e necessária das transformações sociais e económicas levadas a cabo ao longo dos séculos. O não-lugar, portanto, vai aparecendo ou desaparecendo à medida que as relações humanas se vão estabelecendo por um lado e esbatendo por outro. E tal releva no sentido em que o conceito de não-lugar é diferente na sociedade digital do séc. XXI quando confrontada com a sociedade pré-industrial, e igualmente dissemelhante mesmo no séc. XXI dentro das diversas latitudes geográficas.

Em suma, o conceito de não-lugar dá-nos uma perspetiva muito dinâmica e pormenorizada das ambições, desejos, e estados de determinada população num determinado momento temporal. Aliás, o não-lugar pode considerar-se um meio-termo entre o Lugar e o espaço, este último enquanto ainda não objeto de intervenção humana.

Todavia, o conceito de não-lugar por confronto ao de Lugar, este entendido como sítio com significado, não pode, quer parecer-nos, constituir uma noção absoluta. Vale por dizer, que se temos por boa a asserção do não-lugar, também entendemos que a mesma deverá ser temperada pelos condicionalismos próprios desse tal não-lugar.

Será certo então, afirmar que muito além dos diversos atributos como: envolvente, paisagem, relevo, topografia, orientação, luz, vistas, insolação, condições climáticas e

²⁷ Idem, ibidem

ambientais, e das relações espaciais entre si e com a localização e articulações com a envolvente; o Lugar não existe, nem existirá nunca, de forma autónoma, por si só, sem um contexto histórico e de tradição que o suporta, inserido num tempo e numa sociedade que o vive e utiliza. Ele possui em si mesmo uma natureza subjetiva que o enquadra num sistema de relações temporais e de perceção que lhe conferem sentido e memória, uma espécie de personalidade, a tal identidade, o *Genius Loci* com o qual a Arquitetura deverá dialogar.

1.4. O Carácter da Arquitetura e do Lugar

A definição do carácter na arquitetura tem sofrido variações ao longo dos tempos, sendo que este conceito é comum a muitas outras áreas do conhecimento humano como sejam a literatura, a história, a filosofia e a linguística.

Comecemos por verificar no dicionário a definição de *Carácter*. “*aspecto morfológico ou fisiológico utilizado para distinguir indivíduos numa espécie ou espécies entre si*”.²⁸ Ainda segundo o mesmo dicionário para Kant, *carácter* é a natureza sensível e material de um objeto qualquer que o torna possível de sofrer a ação de outros fenómenos da natureza, segundo vínculos de causalidade regidos por leis científicas universais.

Pois bem, o conceito mais filosófico de carácter entronca e arranja campo de aplicação na noção arquitetónica a que nos iremos referir.

No âmbito da arquitetura, o objeto com as suas qualidades, inserido num determinado espaço e rodeado de todas as inerentes circunstâncias humanas que nele se vislumbra transmite o seu carácter.

Portanto, o distintivo, o peculiar, a especificidade, são as características existentes em cada obra que a identificam como parte de um todo e ao mesmo tempo que a decompõem como uma individualidade com o seu próprio temperamento.

Afastemo-nos um pouco da “humanização” do termo que vimos a analisar e busquemos uma ideia mais técnica para a palavra. Deste modo, podemos definir carácter como “*um conjunto definido de traços*”²⁹ que lhe conferem uma forma para um resultado. Apesar de minimalista, tal definição abarca, entendemos, o distintivo – a forma - o essencial – o fim – conjugando-os e mantendo-os em contacto, dando-lhe a consistência necessária à sua inserção no local de onde surgirá o Lugar.

Aqui chegados, se substituirmos o termo carácter pelo termo característica, este quiçá até mais apropriado para realidades tangíveis, temos que ambos designam as qualidades distintivas de um algo numa determinada época e num determinado sítio.

²⁸ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo II, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2002, p.798

²⁹ Heráclito de Efêso, in A alma: Sócrates, Platão e Aristóteles, in <http://www.philosophy.pro.br/alma.htm>

Com Blondel, o conceito de carácter é caracterizado como sendo *“um dos níveis ou mesmo o nível mais importante para a criação da boa arquitetura, quer se tratasse de edifícios públicos ou privados, condicionados mais pela sua expressão simbólica ou pela sua função utilitária (...)”*.³⁰

Aqui se verifica, como tal, uma preponderância da função de destino particular de cada um dos edifícios que deverão possuir o seu próprio carácter numa demonstração do seu fim último e da sua própria identidade.

Mais tarde, tal conceito materializa-se em diversas outras categorias, como sejam, o carácter distintivo, o essencial e o relativo, cada qual inserido no objeto arquitetónico.³¹ Se se pode afirmar que cada edifício tem o seu próprio carácter, igualmente se pode concluir que cada carácter faz o próprio edifício enquanto conjunto de uma multifacetada organização de fatores.

Podemos então falar do carácter como elemento distintivo, mas ao mesmo tempo agregador de uma multiplicidade de fatores humanos e naturais que estão incluídos no fim último do projeto arquitetónico, a saber, a construção concreta.

Se o carácter da arquitetura, mais do que um conceito pré-definido, moldado por pensamentos e utilidades, é um conjunto de determinadas qualidades intrínsecas e extrínsecas, comuns à obra e ao Lugar da mesma, no espaço funcional em que se insere, não será errado, portanto, dizer que o carácter é a coisa no seu espaço, no seu tempo e na sua relação com o homem. Que necessariamente levam ao Lugar enquanto fim último de toda a construção humana, eivada das objetividades concretizáveis e das subjetividades do criador.

Em suma, o carácter que se pode humanizar na palavra personalidade, enquanto conjunto de características visíveis umas, tangíveis outras, mas todas percecionáveis, é indissociável da função do belo que se pretende manifestar na obra humana, e por conseguinte em arquitetura.³²

A técnica e representação a montante do carácter na arquitetura dão-lhe o húmus necessário à produção final, ou seja, enquanto reprodução do idealizado em harmonia

³⁰ PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, p.205

³¹ Idem, p.207

³² Ibidem, p.210

com o espírito do próprio Lugar. Dar corpo a um programa arquitetónico específico inserido num determinado contexto é próprio do carácter respeitante de um edifício que quer pelo seu aspeto, quer pela sua forma inerente, denotam a sua função. Porém, também é específico da determinação desse carácter o reconhecimento da identidade dos objetos que formalizam o Lugar onde se insere e que restringem o habitar e a identificação do Homem com o seu entorno. É para isso necessária uma verdadeira compreensão do espírito do lugar.

“Genius Loci é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser ‘independente’ tem o seu ‘genius’, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanhando-os do nascimento até à morte e determina o seu carácter e essência. Mesmo os deuses têm o seu ‘genius’, um facto que ilustra a natureza fundamental do conceito. O ‘genius’ denota o que um objecto é ou que este quer ser – usando um termo de Luís Kahn.”³³

Tentando descer mais fundo na perceção do carácter enquanto conceito da obra, temos que o mesmo está ligado indissociavelmente ao meio onde se insere o objeto arquitetónico e às coordenadas sociológicas que o rodeiam.

Esta ligação não só à matéria de que se compõe a construção, mas mais do que isso, aos afetos que a mesma e o Lugar onde se insere transmitem, permitem-nos concluir que o carácter funciona como a alma da coisa.

Na boca de Sócrates, *“Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é a natureza da alma”* (Fedon)³⁴.

Trazendo este conceito para o nosso estudo temos, então, que à sensação obtida pela observação se soma o movimento interno que a obra impreterivelmente confere e que cria o resultado final, nessa dualidade entre o ser e o parecer.

Expliquemo-nos, se como temos vindo a referir, o carácter tem um efeito distintivo mas também essencial e relativo, o que tudo somado atribui determinadas características ao objeto arquitetónico – cada obra expele a sua impressão ao destinatário, desde a austeridade de um edifício público, à pacatez de uma “villa”, ao arrojo de um bloco habitacional – as quais são visíveis por qualquer sujeito, não é menos certo que as qualidades intelectuais do tal sujeito interferem no modo como o carácter é assimilado por cada um.

³³ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984, p.18 in PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, p.213

³⁴ Fedon, in *A alma: Sócrates, Platão e Aristóteles*, in <http://www.philosophy.pro.br/alma.htm>

Se a uma prisão atribuímos o carácter de austeridade, o guarda prisional atribuir-lhe-á o da pacatez do seu lugar de trabalho, o preso dirá que lhe confere medo, e isto apesar de todos visualizarem a mesma construção com todas as suas idiossincrasias.

Portanto, podemos com algum à vontade dizer que temos tantos ou mais conceitos de carácter quantos mais observadores tivermos.

É certo que estaremos a ser acusados da subjetivação do conceito que vimos a analisar e que o mesmo deverá ser obtido desligando o observador do objeto observado.

Aceitamos que assim seja, mas não podemos olvidar que a arquitetura é feita para a humanidade e pela humanidade. E o resultado final de toda a construção humana é a sua utilização pelo homem, utilização esta que vai muito para além do simples utilitarismo, já que o simples apreciar é já uma utilização.

1.5. Fenomenologia da Arquitetura

Para percebermos o contributo que a “Fenomenologia” pode trazer ao panorama arquitetónico e ao saber fazer Arquitetura, é importante entendermos o seu significado bem como o do “Método Fenomenológico”.

A palavra “Fenomenologia” surgiu a partir do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e *logos*, um sufixo, que quer dizer "explicação" ou "estudo".³⁵ Logo, daí se conclui que, etimologicamente, “Fenomenologia” é o termo usado para significar “o estudo do que se mostra”.

É a Edmund Husserl (1859-1938), que podemos atribuir a responsabilidade pela criação deste termo e a sua utilização como significado para a “ciência das estruturas essenciais da consciência pura”. A ele devemos a máxima do “Regresso às próprias coisas” – “que manifesta a vontade de descrever simplesmente – antes de qualquer tentativa de explicação – a forma como uma coisa se apresenta à consciência, o modo como as coisas se manifestam”³⁶. Trata-se, portanto, do processo pelo qual tudo é informado pelos sentidos antes da experiência de consciência. Os fenómenos são interpretados assim que se apresentam à perceção, fazendo com que haja uma indissociabilidade entre o sujeito e o objeto que se lhe apresenta.

“A Fenomenologia é considerada como sendo análoga, embora distinta, da introspeção, por ser um método onde o sujeito determina a natureza dos seus pensamentos e experiências. Mas é diferente por registar não as verdades accidentais sobre a experiência, mas as verdades essenciais. É suposto a fenomenologia dar-nos a essência de um estado mental e não as suas relações externas.”³⁷

Em investigação, o “Método Fenomenológico” mostrar-se assim como um método básico de análise - o método que permitirá o tornar às coisas mesmas. Segundo Husserl com a sua redução fenomenológica, tudo é informado pelos sentidos antes de qualquer tentativa de explicação. É o processo pelo qual tudo é informado pelos sentidos e mudado numa experiência de consciência. O interesse é posto nos fenómenos que afetam e envolvem um objeto numa abordagem realizada pela experiência da perceção

³⁵ <http://www.significados.com.br/fenomenologia/>

³⁶ Dicionário Prático de Filosofia, Ed. Miramar, p.185

³⁷ SCRUTON, Roger, *Estética da Arquitectura*, Ed. 70, Lisboa, 1979, p. 83

do sujeito onde há um apelo à sua imaginação por forma a tentar adquirir uma verdadeira compreensão das estruturas essenciais desses mesmos fenómenos.³⁸

Mais do que o mundo existente, interessa à fenomenologia o conhecimento desse mundo para cada sujeito. Na arquitetura, a análise fenomenológica é sempre indissociável que quem a realiza e depreende a envolvente a que se propõe observar. Partindo sempre de uma experiência particular é conscientemente afetada pela percepção e pela imaginação de um espaço ou Lugar. Através de uma posição ativa do observador há uma procura dinâmica da identificação das características espaciais, sensoriais e formais do objeto a que se propõe enfrentar, sugestionado pela confrontação entre o homem e o espaço, surge da relação entre uma imagem e a sua representação a perspetiva da experiência percetiva individualizada.

Na questão da experiência que o homem tem do ambiente que o rodeia está comprovado que a percepção do espaço é um processo complexo em que estão implicadas muitas variáveis.

“Não percebemos simplesmente um mundo comum a todos nós, como defendem alguns homens ingênuos, práticos e realistas, mas sim mundos diferentes que são produto das nossas motivações e experiências anteriores. Em geral, a percepção destaca suposições válidas acerca do meio ambiente que nos rodeia e tais suposições variam em função das situações em que participamos. A percepção interfere num mundo que poderia ser descrito, também, perfeitamente, como acontecimentos num espaço-tempo de quatro dimensões.”³⁹

Para a arquitetura esta abordagem teórica é fundamental: num entendimento primeiro ao sítio, que alberga a proposta a sugerir, por forma a realizar uma correta compreensão deste elemento morfológico e constituir um Lugar na sua verdadeira aceção, num perfeito enlace com todas as outras reminiscências que lhe são intrínsecas como a sua própria história e cultura envolvente. E num entendimento ulterior das estruturas formais e espaciais, que conferem imagens e sentimentos a quem experiencia, provocando manifestações fenomenológicas a quem se propõe explorar a relação fenómeno-sujeito num ensaio do discernimento percetivo do espaço.

É necessário, contudo, ter atenção redobrada quando nos propomos a uma interpretação fenomenológica de determinado objeto ou contexto pois nem sempre os

³⁸ PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013

³⁹ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existência, Espaço y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975, p.10

fenómenos nos são fornecidos de modo direto podendo, os mesmos, estar encobertos, como nos afirma Heidegger: “A forma em que os fenómenos podem estar encobertos é variada. Em primeiro lugar, pode estar encoberto um fenómeno no sentido de estar, todavia, não descoberto. Não há noção nem conhecimento do seu estar aí. Um fenómeno pode, porém, estar enterrado. Isto implica: estava já descoberto mas voltou a ficar encoberto. Este encobrimento pode chegar a ser total ou, antes, o já descoberto é ainda visível, mas só na forma de ‘parecer ser’. Este estar encoberto, no sentido de estar ‘desfigurado’ é o mais frequente e o mais perigoso, porque aqui são especialmente tenazes as possibilidades de engano ou extravio.”⁴⁰

E se aos fenómenos fenomenológicos são tão caras as palavras de Heidegger, então a etimologia do ser arquiteto não está de todo ajustada. O voltar às coisas, que confere à arquitetura a perspetiva fenomenológica e poética, traz à tona o seu próprio carácter em oposição às “*abstrações e às construções mentais*”⁴¹.

⁴⁰ Martin Heidegger, *El Ser y el Tiempo*, Ed. F.C.E. Espana, S.A., Madrid, 1984, p.46 In PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, p.171

⁴¹ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984, p.8

1.6. A Reabilitação num Lugar de Património

Todo e qualquer ato de intervenção sobre o património arquitetónico carece de antemão de uma reflexão no sentido de melhor ditar o que aí poderá surgir.

Neste caso de estudo específico, o objetivo principal será sempre o de revalorizar esse mesmo património de modo consciente, sensível e informado por forma a manter a sua identidade de Lugar, nunca descurando o contexto social, cultural e natural em que está inserido.

A reabilitação como exercício de intervenção no património construído tem vindo a ganhar suma importância à medida que a consciência arquitetónica e urbanística se torna mais sustentável, ecológica, económica e ambiental. É, cada vez mais, um tema de grande relevância no mundo que nos rodeia sobretudo quando nos deparamos com o legado cultural deixado pelo nosso antepassado como testemunho da sua presença na Terra. Trata-se, portanto, de lidar com o depoimento cultural relativo a obras deixadas que nos confronta com diversas questões antropológicas e humanas.

É fundamental para todo o tipo de intervenção no património edificado existente saber de antemão determinar o seu valor, a sua condição, o seu estado de preservação, a possibilidade e o potencial de recuperação. Todos estes elementos nos fornecem premissas para o impedimento do avançar dos trabalhos e das propostas ou, pelo contrário, podem tornar-se num ponto de partida metodológico.⁴²

No caso de estudo em questão, pretende-se apresentar uma recuperação que envolve uma dose de reconstrução e, prolixamente, de construção nova, sem a qual não se poderia dar um destino válido e útil à reutilização dos imóveis implicados na proposta. O que se pretende é que a proposta acabe por se tornar uma mais-valia num Lugar já reconhecido, porém, quase abandonado.

Podemos dizer então que, a reabilitação se depara diretamente com fatores identitários e de memória coletiva, sendo um tema de importância vital à intervenção atual e futura do homem na nossa herança patrimonial.

“Trata-se de proceder à avaliação da memória acumulada e da memória evocativa, remetendo para o conhecimento cumulativo de um sítio na sua

⁴² PAULO, Luísa M. da Conceição, *A Reabilitação do Património como Factor de Desenvolvimento Local: o modelo de aldeia sustentável (texto policopiado)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009

*relação com a envolvente. Deste modo, os critérios relativos à preservação da paisagem são mantidos.*⁴³

Segundo refere o autor, há que fazer obra nova por forma a resgatar a situação existente encontrando-se na reutilização a solução para a revitalização do património. Só assim poderá ser feito um retorno ao sistema de interação social, à relação estética e até política com o entorno material e imaterial em que se encontra, em suma, poderá o edifício ser enquadrado numa ordem económica contemporânea.

O tecido produtivo de regiões como a que iremos a tratar tem vindo a ser bruscamente transformado devido a alterações significativas no sector primário em que o empobrecimento fez com que atividades como a agricultura e a pecuária regredissem por forma a tornarem-se apenas num recurso de subsistência. A par desta situação, a industrialização e o desenvolvimento dos meios urbanos tornou-se o grande motor do êxodo rural transportando as populações de pequenos núcleos para as grandes cidades, fazendo com que o interior do país ficasse muito desertificado. Dentro de todo o património rural o objetivo é o combate a uma paisagem cada vez mais desabitada.⁴⁴

Desta forma, o que será a jusante sugerido, muito mais que um retorno ao passado, será o referido enquadramento nesta nova ordem económica pela reabilitação de parte do edificado existente num núcleo rural coeso. Para que tal seja viável, um novo programa, compatível com as pré-existências, deverá ser incutido. Um programa que se inspire no passado que o acolhe, respeitando a história e o ambiente que o envolve mas que responda às necessidades atuais e futuras da região – uma espécie de máquina do tempo: *“(...) por fim, nessas pequenas e singelas “máquinas do tempo”, muito imperfeitas como é evidente, mas que nos permitem olhar o passado, e passar dele para o presente, sem o desproporcionado esforço das coisas secretas e obtusas: abrindo uma pequena porta ou lançando uma tênue pista, por pequena que seja, mas que por isso mesmo seja suficiente para o encaminhamento do sujeito para o conhecimento.*⁴⁵

⁴³ PEREIRA, Paulo, *Património edificado. Pedras angulares*, Aura, Lisboa, 2000, p.91

⁴⁴ PAULO, Luísa M. da Conceição, *A Reabilitação do Património como Factor de Desenvolvimento Local: o modelo de aldeia sustentável (texto policopiado)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009

⁴⁵ PEREIRA, Paulo, *Op. Cit.*, p.92

Reabilitar é retirar o objeto patrimonial a intervir da estagnação em que se encontra e reintegra-lo na realidade presente, adornado por uma moldura do passado, projetando-se para uma dimensão futura.

*“Não haverá ainda que esquecer que ao criticar o nosso presente fazemo-lo com base em espaços de épocas nossas de passado mais feliz ou em espaços diversos do nosso cujo presente é também mais feliz, de qualquer modo segundo uma perspectiva que pode até ser errada, porque seguramente o nosso passado não volta e a nossa circunstância presente é bem diferente (...)”*⁴⁶

Se o património arquitetónico é o grande testemunho vivo (com mais ou menos ‘rugas’, mais ou menos mazelas), do passado histórico, social, científico, cultural da presença do Homem e dos seus feitos na Terra, ele é o grande veículo de uma memória coletiva e identitária. É o reflexo mais imediato de uma época e suas gentes, tendo a capacidade de comunicar através da sua obra construída. Cada pedra no seu lugar, ou que já tenha desmoronado da sua pré-existência, transporta-nos de imediato para o tempo que a fez ali ir parar, tem a habilidade de nos transmitir a aura da época que a circunscreveu contando-nos um pedaço dessa história, dos usos, dos costumes e das tradições que a envolveram. E é esta memória que nos identifica enquanto parte de um todo, que nos faz pertencer ou não a esse Lugar.

Através da arquitetura o Homem vê-se, agora, ali representado bem como todas as suas relações existenciais para com a Natureza que o acolhe. No confronto do Eu com a memória de um passado mais ou menos longínquo eu me reconheço, eu crio a minha própria identidade e conto a minha história particular enraizada no contexto sociológico.⁴⁷

Grosso modo, poder-se-á afirmar que a memória é a matéria-prima da reabilitação na medida em que nos permite atribuir valor às coisas. Através da reabilitação são disponibilizadas ferramentas para fazer perpetuar essa memória dando pistas para o que pode vir a ser a construção ou reconstrução de um local específico. A reabilitação é uma forma de representação de uma nova realidade, é um meio, uma máquina de capturar memórias, só existe porque existe construção, e conforme o tom que lhe é dado, atribui-se um filtro a essa realidade que é em si nova e que está prestes a nascer.

⁴⁶ TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto, 2004, p.48

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar* [Bauen, Wohnen, Denken] (1951), in HEIDEGGER, Martin, *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. (Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback)

“Aliás, em que consiste representar? De um modo muito simples: em tornar “presente” o que está ausente.”⁴⁸

O Homem desde sempre que, se faz representar de diversos modos, “toda a representação do indivíduo” é “necessariamente uma representação do laço social, que lhe é consubstancial.”⁴⁹ No entanto, é através da arquitetura quer pelas relações formais, espaciais, intencionais que ele materializa os seus propósitos.

“(…), se a Architectura é representada, ela também representa. A Architectura representa, em primeiro lugar, o espaço por ela própria criado, que não é apenas dimensão, forma ou figura pela qual as tais disposições tipológicas se exprimem, mas uma espécie de cenário de acções vivenciais constituído através da articulação de sistemas de estruturas funcionais e de estruturas plásticas.

Aliás, a arquitetura não subsiste fora de um espaço de representação que se distingue da pura extensão fenoménica: as virtualidades simbólicas das imagens que exhibe acabam por torná-la inevitavelmente significativa. Em razão disso, a Architectura transforma-se num sistema simbólico.”⁵⁰

Ele constrói quando Habita e dessa forma exterioriza a sua identidade⁵¹, faz-se perdurar na referida memória e dá sentido ao Lugar e a todos os Lugares por onde passa e transforma, e se transformam consigo num novo sentido que é agora dos dois, do Homem e desse Lugar.

“Mas, se a arquitetura é o espaço pensado mediante certas lógicas de apropriação – aquelas que, em determinado momento histórico, correspondem ao cumprimento das diversas funções englobadas no habitar humano –, ela torna-se, também por isso mesmo, um modo de pensar o espaço vivencial e define a relação que o homem, em cada tempo, mantém com o ambiente natural. Com efeito, ela funda um microcosmos pronto para acolher ocupantes humanos.”⁵²

A arquitetura é em todas as suas dimensões nada mais que uma representação do Homem que Habita um Lugar e da sua época. É um recetáculo de memórias que, na sua representação sob a forma de uma existência ininterrupta dão todo o sentido à existência da reabilitação.

⁴⁸ JORGE, Gorjão, *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Março 2007, p.28

⁴⁹ AUGÉ, Mark, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Editora 90º, Lisboa, 2005, p.21

⁵⁰ JORGE, Gorjão, *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Março 2007, p.36

⁵¹ HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar* [Bauen, Wohnen, Denken] (1951), in HEIDEGGER, Martin, *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. (Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback)

⁵² JORGE, Gorjão, Op. Cit., p.37

1.7. Referências Projetuais – Estudo de Casos

Museu da Luz



Fig. 2: Museu da Luz. Fonte: Autora

O Museu da Luz da autoria dos arquitetos Pedro Pacheco e Marie Clément situa-se na nova Aldeia da Luz e a sua inauguração data de 2003.

É uma referência fundamental pela sua ligação ao sítio e pela sua relação com a Memória de um Lugar extinto. Um edifício recetáculo da informação de um outrora de uma aldeia agora inexistente, e espaço de representação da mesma, imiscuindo-se num novo local, a nova aldeia que lhe sucede. A ponte entre o passado e o presente. A importância do seu programa também veicula um grande interesse à proposta apresentada, pois em tudo se relaciona com a intenção de preservar a Memória de um local tão característico e com a transmissão da sua cultura e preservação de saberes.⁵³ Pela escala, pelo programa não demasiado ostensivo e essencialmente por se tratar de um repositório de Memória de uma aldeia submersa, de uma gente e um tempo agora inexistentes.

⁵³ Ar Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, n.6, pp.152-157

Casa das Mudas

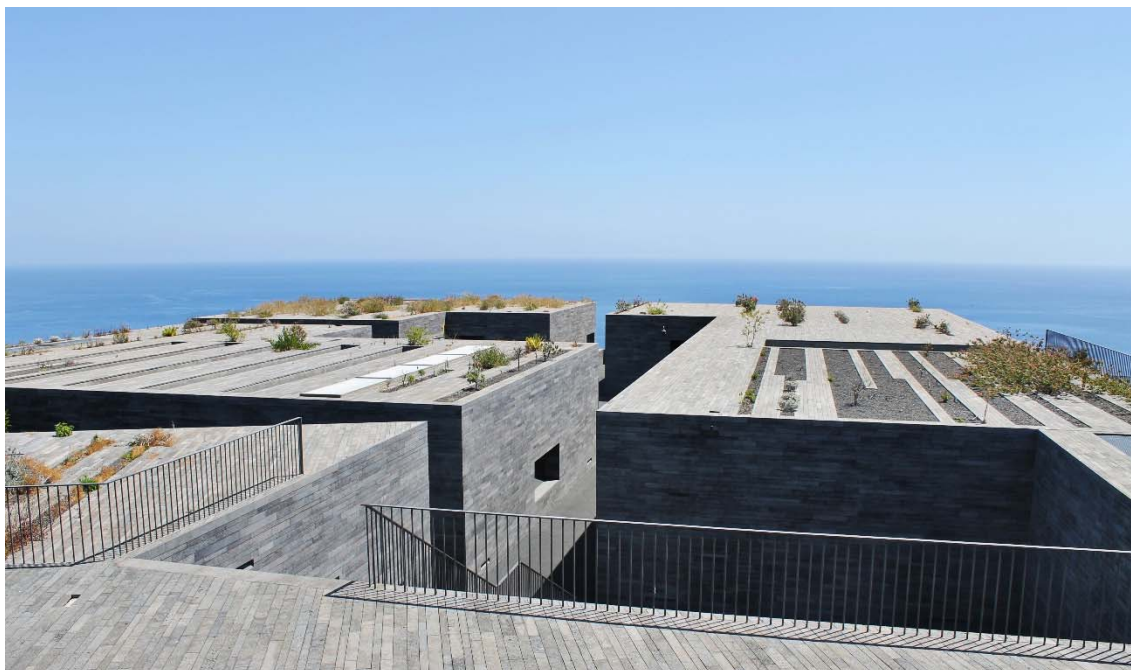


Fig. 3: Casa das Mudas. Fonte: Autora

O Centro das Artes Casa das Mudas que teve como assinatura o arquiteto Paulo David, localiza-se na Calheta pertencente ao Funchal e data de 2004.

Um edifício que, tal como projeto que se vai fazer apresentar, parte de uma pré-existência. O corpo que se lança sobre a paisagem está ancorado à atual Casa da Cultura da Calheta e faz uma expansão da mesma.

Pretende dinamizar o território insular com um conteúdo programático composto por várias áreas de exposição, biblioteca, auditório, serviços educativos, loja/livraria, cafetaria, restaurante e espaços administrativos, interligados segundo um percurso que convida a participar numa experiência ligada à arte contemporânea.

Tem como *“ambição o redesenhar a “massa montanhosa”, onde o edifício actua como uma topografia”*,⁵⁴ e estabelece assim, uma relação ímpar com o território onde se insere pontuando a paisagem na linha de fecho de um monte que acaba abruptamente sobre o mar dialogando com o lugar de uma forma soberba.

⁵⁴ <http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david>

Centro de Artes de Sines

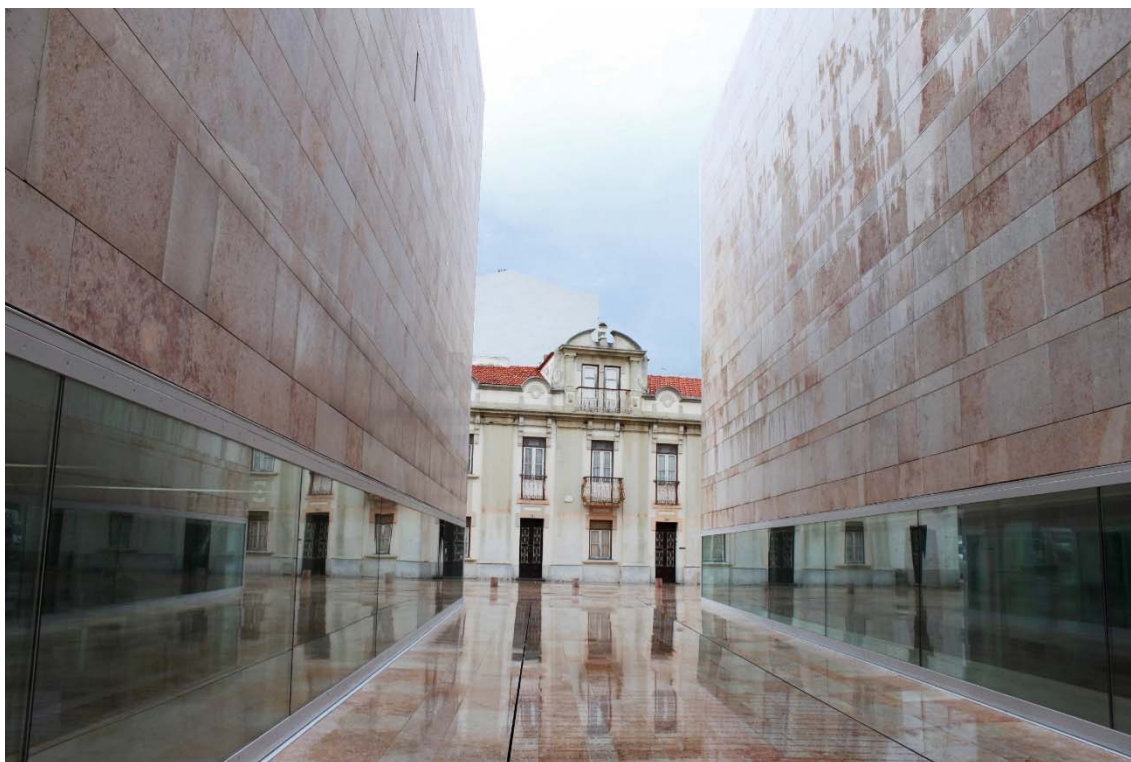


Fig. 4: Centro de Artes de Sines. Fonte: Autora

Centro de Artes de Sines do atelier Aires Mateus, situa-se em Sines e abre ao público em 2005.

Torna-se essencial pelo seu programa de exceção que agrega várias funções, composto por um centro de exposições, biblioteca municipal, auditório, arquivo municipal, serviço educativo e cultural e apoios diversos.

É importante também e principalmente por funcionar como um edifício que exerce um papel de marco com uma função primordial de porta na cidade tornando-se parte integrante e vital desta. Demarca o início do caminho medieval que abre a cidade à baía e coincide com a via de delimitação entre a cidade histórica e a cidade moderna. É o principal equipamento cultural e de suporte às artes da cidade de Sines, contudo, apesar do seu carácter excecional, serve todas as camadas da população, integrando-se como um ponto de referência na mesma.⁵⁵

⁵⁵ <http://centrodeartes.sines.pt/pages/731>

2. Parte II – O Objeto de Estudo – Sítio em Aldeia de Figueira

Figueira – aldeia pertencente à freguesia de Sobreira Formosa, concelho de Proença-a-Nova. Fica a 190Km de Lisboa, 105 km da Guarda, situa-se na margem direita da ribeira de Fróia afluente da ribeira da Ocreza, entre Proença-a-Nova e Castelo Branco. Pela sua dimensão, proximidade ao IC8, ao aeródromo das moitas, e à praia fluvial de Fróia está no centro de uma variada oferta turística.

Figueira integra uma rede alargada de aldeias (Figueira, Fajão, Ferraria de São João, Gondramaz, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, Martim Branco, Mosteiro, Pedrógão Pequeno, Água Formosa, Aigra Nova, Aigra Velha, Aldeia das Dez, Álvaro, Barroca, Benfeita, Candal, Casal de São Simão, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro, Comareira, Pena, Sarzedas, Talasnal, Sobral de São Miguel e Vila Cova de Alva), que guardam a memória e as tradições únicas de uma região.

Distribuídas num vasto território que abrange 16 Municípios do Pinhal Interior, Região Centro de Portugal, são 27 estas aldeias inseridas na rede Aldeias do Xisto – verdadeiros tesouros feitos de pedra e xisto fincadas em paisagens de cortar a respiração que se estendem desde a Serra da Lousã a Castelo Branco.⁵⁶

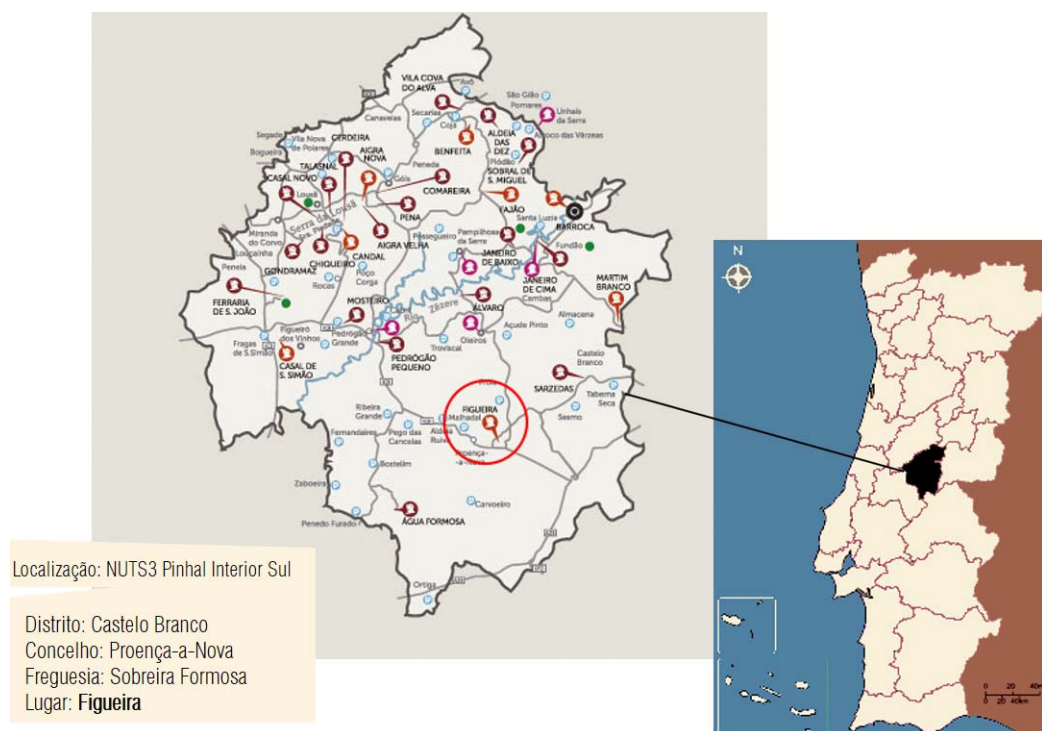


Fig. 5: Figueira e a rede Aldeias do Xisto, Pinhal Interior. Fonte: <http://aldeiasdoxisto.pt>

⁵⁶ <http://aldeiasdoxisto.pt>

O que outrora foi votado ao isolamento é hoje um local dinâmico e repleto de vivências graças à ADXTUR (Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto) e à criação do programa Aldeias do Xisto – um projeto de requalificação em estrutura, voltado para o de desenvolvimento sustentável e de âmbito regional, que nasceu com o intuito de incentivar o turismo do centro mas também de preservar a paisagem cultural do território e valorizar o património, as tradições e a cultura das diversas aldeias. Partindo de um património autêntico e único, digno de ser preservado o seu objetivo é o de garantir o futuro destas aldeias desertificadas com iniciativas de cariz turístico.

É um projeto muito centrado nas pessoas. Baseado numa ideia já antiga no que diz respeito à recuperação deste património, que foi alvo de um plano estratégico em que os municípios e as suas componentes técnicas elaboraram, com vista ao financiamento deste programa, onde as pessoas são o foco central destes planos. Elas fazem parte íntegra do que foi todo este desenvolvimento que aqui se criou à volta de uma mais-valia que viria a ser, no caso da implementação do projeto, de algum interesse turístico para quem visita.

Figueira e todas as aldeias da rede fizeram parte de um plano em que constaram estudos de caracterização socio económica, bem como arquitetónica, em que as pessoas foram inquiridas no sentido de dizer o que sentiam pela sua aldeia, qual era o espaço privilegiado na aldeia para elas próprias, o que é que gostariam de ver recuperado na sua aldeia, e tudo isso foi a estratégia e não um olhar mais técnico e político. Não obstante a melhoria da qualidade de vida das pessoas onde foram recuperadas casas particulares, que apesar de algum ceticismo inicial, a aderência foi total e foram descobrindo o potencial que tinham como um património que já estava esquecido ou do qual nem por isso se orgulhavam.

Uma das mais-valias deste projeto foi a autoestima das populações e também a disseminação de boas práticas como exemplo, numa correta recuperação de uma parte do uso das técnicas anteriormente praticadas e agora novamente aprendidas.⁵⁷

Estas aldeias estão organizadas em rede porque, muito além desta marca criada institucionalmente, elas ainda existem, chegaram aos dias de hoje e essa entidade fez com que elas se juntassem, não fosse a história do homem apagá-las – a nova construção, os novos modelos de consumo, os novos modelos arquitetónicos do pós-emigração as terem transformado e descaracterizado, como algumas aldeias que

⁵⁷ Conversa com a Arquiteta Cristina Matos da camara municipal de Proença-a-Nova em Março de 2014

deixaram de ser do xisto e que deram o seu salto para a modernidade perdendo o seu expectável passo para o futuro.

Viajar até às Aldeias do Xisto é visitar um território de uma beleza ímpar que vale a pena explorar em todas as suas vertentes: gastronómica, paisagística, tradicional, cultural, turística e patrimonial. Seja qual for a altura do ano elas conferem uma beleza ímpar por todas as zonas onde se encontram. As boas vindas são-nos dadas pelas suas gentes locais, sempre disponíveis para nos receber de braços abertos e com muitas histórias para contar.

Tratando-se de um destino turístico premiado, num dos territórios mais desfavorecidos do país, Figueira torna-se pertinente na escolha de uma delas como mote de intervenção, pela apetência e pelo coração.



Fig. 6: Figueira, Aldeia do Xisto. Fonte: Autora

2.1. Contexto Histórico-Cultural

Numa aldeia cujos registos históricos se encontram gravados na pedra e contados por testemunhos locais, pois grande parte da informação foi perdida após o 25 de abril, é importante o apoio que a monografia *Sobreira Formosa Passado e Presente* nos pode prestar. Para uma melhor compreensão do contexto histórico-cultural onde se insere o caso de estudo da Aldeia de Figueira, a monografia faz um retrato pormenorizado do crescimento, dos usos, costumes, tradições e história desde os tempos mais remotos até 1995, data da sua publicação. Apesar de descrever minuciosamente a freguesia de Sobreira Formosa, acaba por se tornar um documento fundamental como base de referência para um melhor entendimento do contexto em que se desenvolve a povoação da aldeia pertencente à dita freguesia.

Sabe-se, portanto, que Figueira é anterior a 1758, mas a sua verdadeira história é desconhecida por falta de documentos. Os elementos que eram os documentos base da sua história foram desaparecendo ao longo dos tempos, responsabilidade quer de inimigos da Pátria, quer de habitantes ou mesmo autarcas.

“ a História é um pouco madrasta das povoações de somenos importância deixando quase nas trevas os homens e os feitos que as ilustram”.⁵⁸



Fig. 7: Reminiscências de uma Aldeia perdida no tempo. Fonte: Autora

⁵⁸ VILHENA, M. Assunção, *Sobreira Formosa Passado e Presente (Monografia)*, Junta de Freguesia de Sobreira Formosa, Covilhã, Julho de 1995, p.24

No entanto a aldeia sobreviveu. E vários esforços foram e estão a ser feitos para que populações como esta saiam do isolamento e atraso a que durante gerações foram sujeitas. Há alguns vestígios históricos, marcas do tempo num lugar que aparentemente não o tem. Os vestígios deixados podem-nos contar as mais diversas histórias do que seria a vivência, basta estar atento aos fragmentos congelados no tempo.



Fig. 8: Vestígios gravados que nos contam História. Fonte: Autora

Concisa e cronologicamente saber-se-á que:

– A História dos povos é a História de Portugal e nesta zona várias influências romanas são encontradas tais como: estradas calcetadas, pontes, picotas, etc.

– Foi durante o período visigótico que se reedificou toda a zona de Idanha-a-Velha.

1222 – 1º Foral de Sobreira Formosa (apelidada de “Vila Nova”, pela filha bastarda de D. Sancho I).

1320 – D. Dinis mandou saber o rendimento das Igrejas, a da Sobreira Formosa foi taxada a 80 libras por causa das ordens militares apesar de Sobreira Formosa não ter pertencido a nenhuma ordem militar nem à de Cristo.

1510 – Foral de D. Manuel para a vila de Sobreira Formosa. Forais eram regulamentos para a boa ordem, usos e costumes do povo de então, dados a diversas terras, compostos por leis algo rudimentares.

Séc XIX – As invasões francesas foram o acontecimento que mais afetou e devastou a Sobreira.

1898 – Iluminação pública em Sobreira Formosa

1904 – Aparecem vestígios arqueológicos (presentes no Museu de Castelo Branco) que assertam a crença que toda a influência seja de Romanos e não de Mouros (que não se fixaram na região ao norte do Tejo).

1918 – 27 de Setembro, primeira menção de Sobreira Formosa como freguesia.

1941 – Obras de abastecimento de água à vila de Sobreira. Ciclone na Sobreira arrancou 250 sobreiras.

1956 – Segundo a direção da Casa do Povo. Toponimicamente passa-se a chamar de Sobreira Formosa, que vem da lenda de uma sobreira que sobressaía e dava abrigo aos transeuntes, situada no local do atual adro da Igreja. À sua volta construiu-se uma casa e outras se seguiram dando origem à freguesia que a formosa sobreira deu nome. Regra geral, a toponímia de muitas destas localidades surge associada a algo predominante no local, ou a características físicas do mesmo, assim como Proença-a-Nova se denominava “Cortiçada” por causa das sobreiras, se julga ter acontecido com o Lugar de Figueira, e também este possa dever o seu nome a uma determinada característica específica da flora em que se encontra e chamar-se “Figueira” devido à existência desta mesma espécie arbórea em abundância.

1966 – Inauguração da luz elétrica.

1972 – Primeiros registos relativos ao levantamento do número de alojamentos presentes em Figueira contabilizam um total de 38 Fogos.

1991 – Sai informação com dados mais precisos sobre a aldeia pela realização dos primeiros Censos, onde se apura uma população de 66 indivíduos agrupados em 27 famílias, a residir em 34 alojamentos num total de 34 edifícios, sem água, esgotos e lixos, porém com eletricidade.

1992 – Figueira torna-se a primeira povoação da freguesia a beneficiar da água trazida pela barragem das Corgas.

2007 – A aldeia de Figueira passa a integrar a rede das Aldeias do Xisto. Uma rede alargada de 27 aldeias que guardam memórias e tradições únicas, num projeto que, desde então, pretende promover a qualidade de vida dos cidadãos, promover o património histórico e arquitetónico, e todo o potencial turístico desta aldeia, dando início às obras de requalificação que se estendem aos dias de hoje.

2.2. Análise Física e Social, Morfológica, Tipológica e Espacial

A Aldeia do Xisto de Figueira é uma aldeia que, apesar de estar a ser requalificada, mantém o ambiente rural e o espírito extremamente comunitário dos seus habitantes.

Trata-se de uma aldeia quase despovoada, mergulhada numa densa mancha florestal.



Fig. 9: Ortofotomapa da Aldeia de Figueira. Fonte: Google Earth

Atualmente conta com 34 edifícios dos quais 27 são alojamentos e 7 encontram-se em avançado estado de degradação. Resistem por aqui cerca de 30 habitantes, maioritariamente na terceira idade. Poderá mesmo falar-se de uma população muito envelhecida, de características acentuadamente rurais, ainda que, para exceção deste facto, os descendentes de alguns habitantes tenham retornado da urbe para “fazer vida” neste local que sempre lhes pertenceu.



Fig. 10: População envelhecida de Figueira. Fonte: Autora

Figueira insere-se numa das cinco regiões arquitetónicas definidas por Mário Moutinho naquilo que o próprio define como um “ensaio de regionalização”. Regiões que levam em consideração comum o clima, a vegetação, o relevo, as formas de povoamento, os tipos de construções ligadas à produção e cores dominantes. Salvo exceções, são encontrados dentro de unidades naturais grupos de tipologias de habitação que definem, segundo determinados critérios, a Arquitectura Popular Portuguesa .

Assim temos para a zona II localizada na região Norte um tipo de povoamento aglomerado. *“O povoamento aglomerado é composto por um pequeno grupo de habitações agarradas aos flancos das serras ou no alto dos montes e têm um desenvolvimento que podemos considerar circular”*.⁵⁹

Caracterizada por um núcleo de formação medieval coeso disposto de forma orgânica. Possui dois “eixos” predominantes pontuados pelas portas da aldeia – as portas dos Lobos, uma vez que o lobo era o grande protagonista em tempos remotos.

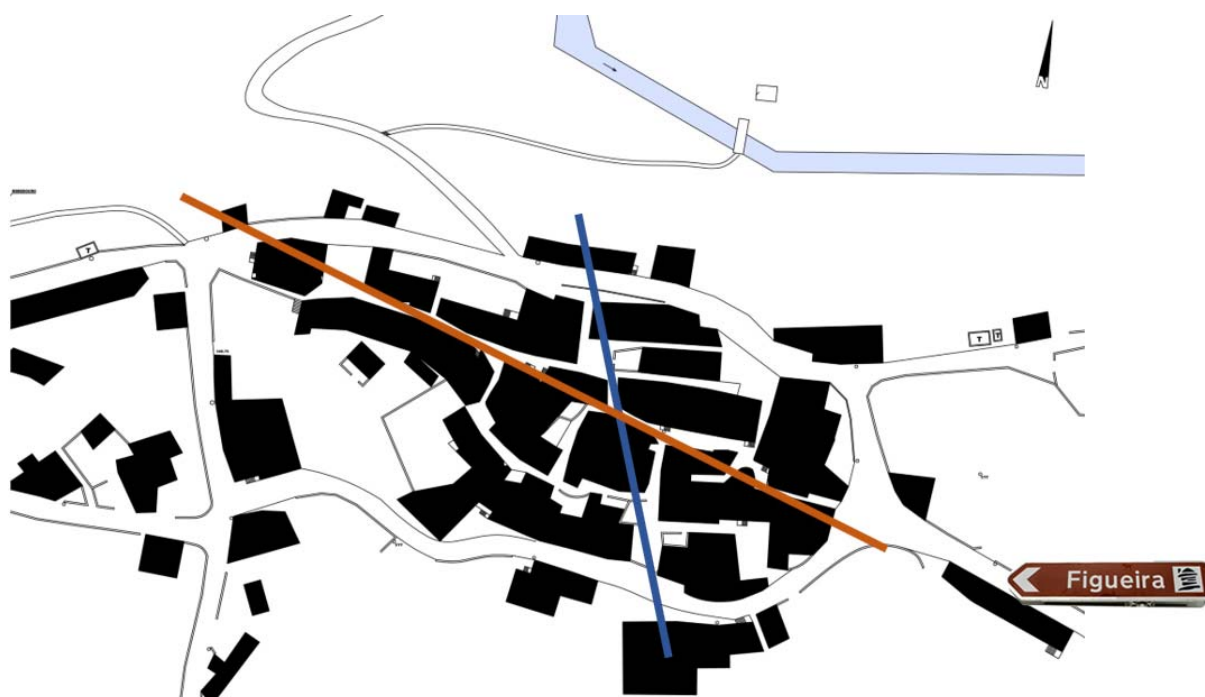


Fig. 11: Aglomerado orgânico com dois eixos principais. Fonte: Autora

⁵⁹ MOUTINHO, Mário C., *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Estampa, Lisboa, 1979

Esta função de defesa era também realçada pela própria topografia da aldeia em que se pode verificar uma acropolização da mesma, instalando-se numa espécie de promontório.



Fig. 12: Figueira em promontório. Fonte: Autora

Desta feita, e tendo em consideração o todo da aldeia e as suas dimensões genéricas, máximas e mínimas, podemos considerar o todo da aldeia como um organismo vivo, uma “grande casa” que funciona como uma pequena cidade morfologicamente falando.



Fig. 13: Dimensões genéricas de Figueira. Fonte: Autora

Percorrendo as estreitas ruas da aldeia inicialmente calcetadas em pedra irregular pode ser observado um conjunto de casas de xisto, muitas das quais ainda bem conservadas. Segundo a história a disposição das ruas e das casas não foi feita ao acaso, em várias partes da aldeia existiam entradas, como pode ser visível nos registos deixados na pedra, em que à noite eram colocadas portas para proteção à entrada dos lobos, que conforme dizem os antigos viriam para se alimentar dos animais.



Fig. 14: Detalhe da pedra de furos para colocação de portas. Fonte: Autora

Essas ruas estreitas, percorridas pelo gado, por vezes talhadas no solo, dão serventias às habitações e aos currais.



Fig. 15: Ruas estreitas outrora percorridas por pessoas e gado. Fonte: Autora

A tipologia da casa de “Pátio de Xisto” é a estrutura tradicional aqui encontrada, uma construção centenária típica das aldeias do xisto, com os currais no piso térreo.⁶⁰ Tipologicamente, são habitações de dois pisos com um pequeno pátio de acesso e os currais para o gado no piso térreo, sob a habitação, para aproveitar o calor dos animais tão importante nos rigorosos invernos.

⁶⁰ MOUTINHO, Mário C., *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Estampa, Lisboa, 1979



Fig. 16: Topologia de casa pátio de xisto, à esq. a Casa de dois andares, à dir. o seu pátio. Fonte: Autora

São construções pequenas dotadas de grande inércia pela grande espessura das suas paredes de pedra, contudo, os interiores muito efémeros são constituídos de divisórias simples de madeira.



Fig. 17: Interiores de habitação, à esq. curral no piso térreo, à dir. sala no primeiro piso. Fonte: Autora

“A casa como seu elemento constituinte pode ser entendida como a síntese do processo de construção dum Lugar e revelar, também, a identidade cultural do seu criador.”⁶¹

No meio de todo este casario de xisto, ruelas e becos facilmente se verifica que é uma aldeia viva ainda com ritmos verdadeiramente rurais. Desde sempre que subsiste de

⁶¹ Fábio Duarte in PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013, p.79

atividades sazonais às quais a passagem das estações dão o mote e interferem nas atividades que lhes são inerentes.



Fig. 18: Ritmos rurais cronometrados por atividades diárias e sazonais. Fonte: Autora

Essas evidências de uma comunidade rural são ainda bem patentes junto do forno comunitário que ainda hoje trabalha. Um autêntico ex-líbris da aldeia onde ocorrem os “ajuntamentos” sociais, onde ainda podemos encontrar o seu sistema de marcação de vez, uma espécie de calendário de utentes. Desde tempos remotos o pão era o alimento principal de todas as casas, as pessoas cultivavam a matéria-prima o centeio, o trigo e o milho, e o forno para além de cozer era ponto de encontro de rapazes e raparigas, lugar de festas e namoricos. Chegava a ser utilizado 10 a 15 vezes por dia, o que durava pela noite fora.



Fig. 19: Forno comunitário, é possível ver na foto à esq. o sistema de marcação de vez. Fonte: Autora

A passagem pela alminha, a eira, o forno da aldeia, e tantos outros elementos marcantes, testemunham um passado de atividade agrícola e de práticas de autossustentabilidade.

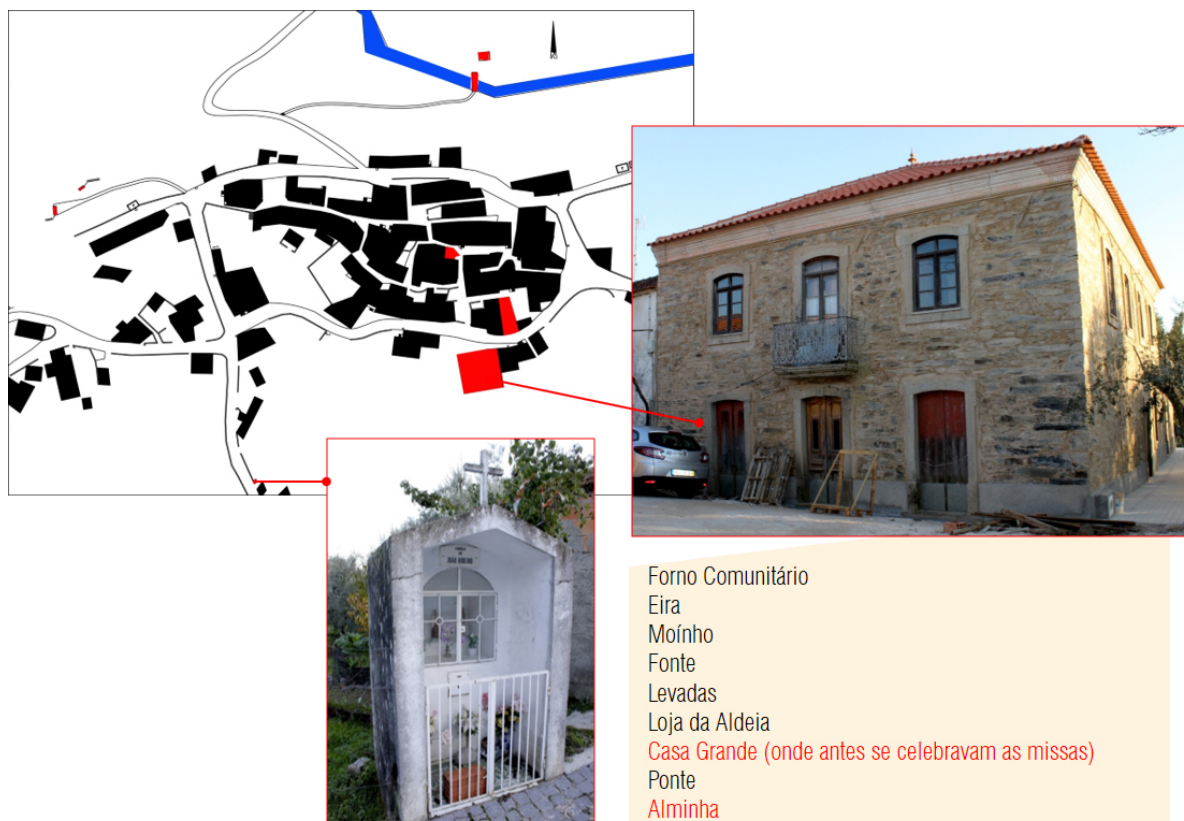


Fig. 20: Alminha e casa Grande, sinónimos de Fé de um povo rural. Fonte: Autora

São exemplo, os socalcos de pedra aparelhada que vencem os desníveis da encosta e aproveitam espaço para olivicultura.



Fig. 21: Socalcos em pedra são palco de atividades como olivicultura. Fonte: Autora

Das construções tradicionais e de utilização coletiva da aldeia restam o referido forno, a fonte e o respetivo tanque e a eira. Ao redor da aldeia existe um caminho que nos leva até ao moinho e a uma ponte filipina.

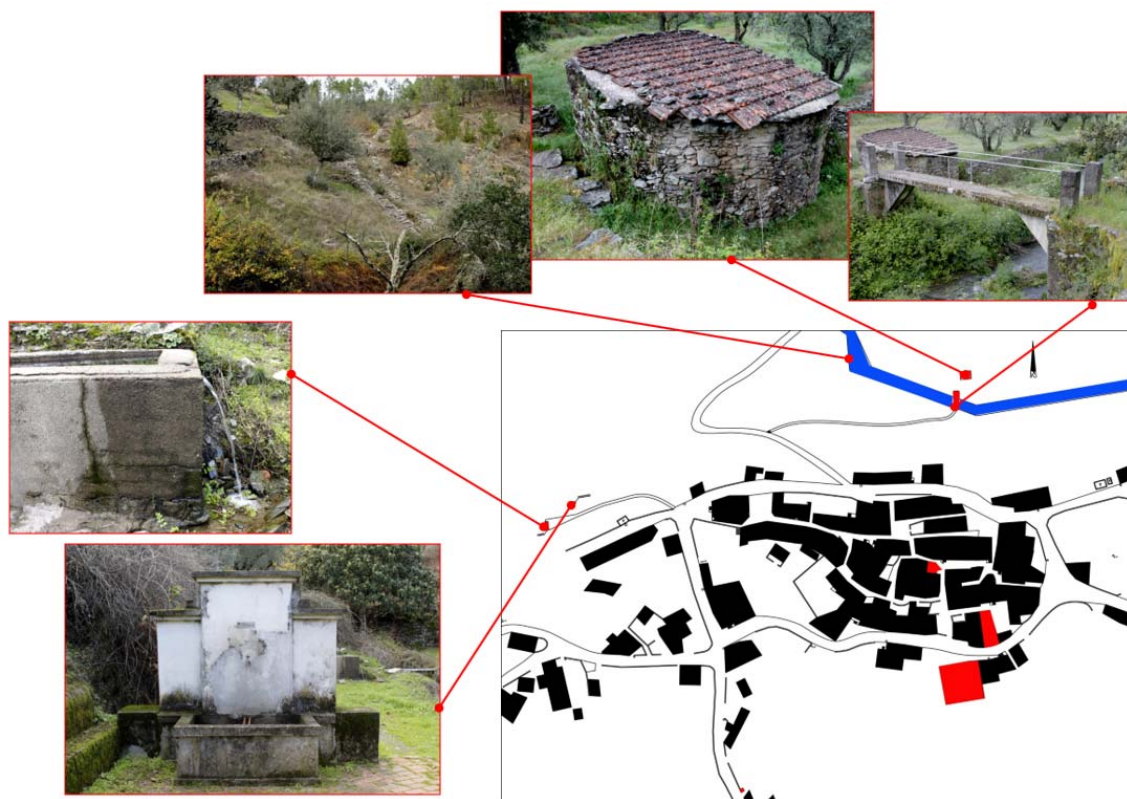


Fig. 22: A água como elemento vital dá origem a várias construções tradicionais. Fonte: Autora

Aqui o Xisto é rei, até o pequeno curso de água que fazia funcionar este moinho é encaminhado por entre paredes de pedra vestindo-o de xisto, as Levadas.



Fig. 23: Levadas, paredes de xisto que encaminham o curso de água. Fonte: Autora

2.3. Análise Fenomenológica

A análise fenomenológica afigura-se como uma ferramenta de suma importância à interpretação das características sensíveis da aldeia de Figueira por forma ser exposta a sua essência intrínseca. Esta análise desenvolve-se no cruzamento entre a história e a memória no resgate de uma paisagem rural que se realiza e acumula, sobrepõe e troca significados no espaço e no tempo.

Figueira brota no meio de um campo verdejante pontilhado de sobreiros e cerejeiras cujos arredores são muito desérticos, surgindo como um oásis no deserto.



Fig. 24: Figueira, um oásis no deserto. Fonte: Autora

A localização estratégica da aldeia evidencia o seu carácter estruturante. A “malha urbana” corresponde quase exclusivamente aos dois eixos principais criados pelos caminhos que atravessam a aldeia e que ligam as suas portas principais, como se de uma alusão do período romano, e de um cardus e um decumanus, se tratasse.

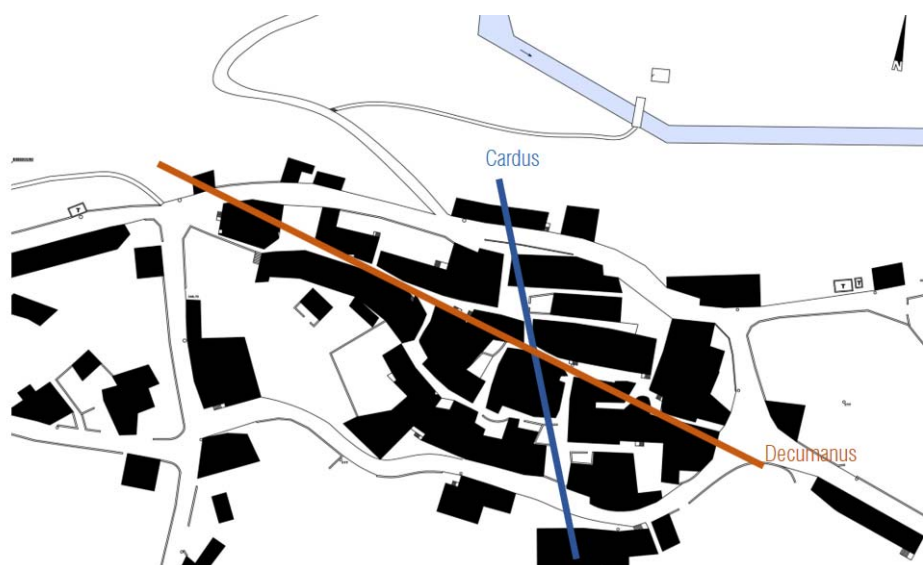


Fig. 25: Formação medieval da aldeia. Fonte: Autora

Esta extrapolação fenomenológica da formação do período romano através dos eixos, permite-nos inferir na ideia de que o encontro entre eles se materializa no forno como se estivéssemos a falar do fórum.



Fig. 26: Forno comunitário, local de encontro e de festa. Fonte: Autora

Algumas vielas e uns pequenos largos quebram o contínuo das construções que se encavalitam umas nas outras. Por todo o lado o xisto, escuro e tosco, predomina.



Fig. 27: No aglomerado e seu edificado tudo é feito de xisto. Fonte: Autora

Baseada numa matriz de cariz medieval, topologicamente a aldeia sofre influência dos aglomerados árabes. Enquanto conjunto é bastante coeso funcionando como um núcleo, num grande sentido de unicidade, toda a aldeia parece uma só casa, é quase uma aldeia museu. O aglomerado desenvolve-se sobre uma linha de feito seguindo uma ideologia de proteção. A própria aldeia possui um sistema de fechamento no final das principais ruas com o propósito de proteger as pessoas e rebanhos dos ataques noturnos por parte dos lobos.

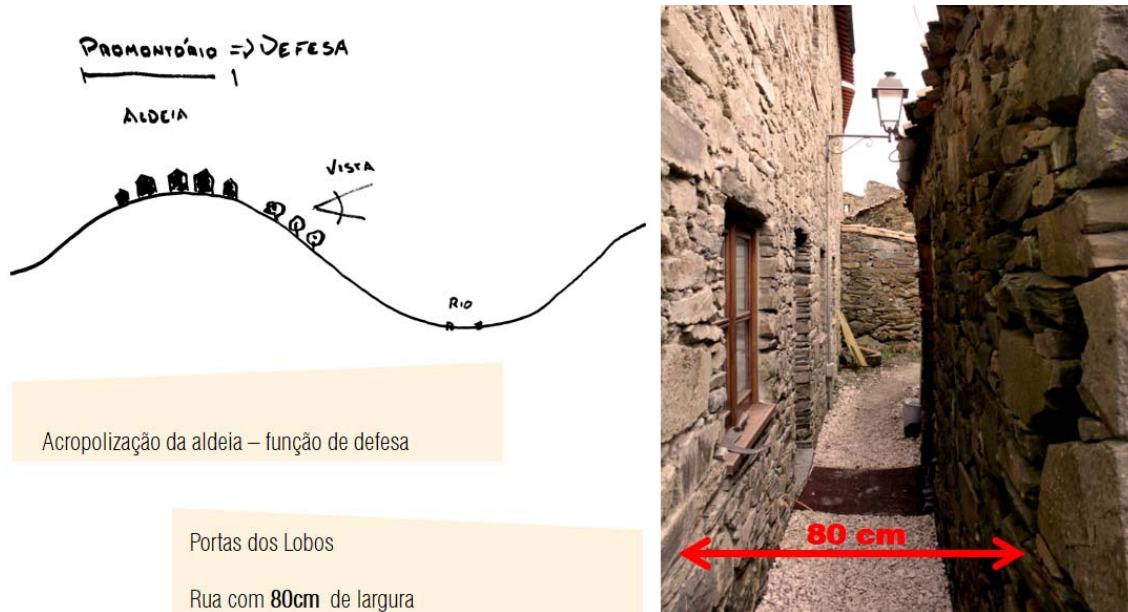


Fig. 28: Acropolização da aldeia, função de defesa. Fonte: Autora

Uma vez no interior da aldeia aventuramo-nos a descobri-la nos seus diversos arruamentos, o pulsar do ritmo cardíaco é provocado pela surpresa que é encontrada ao virar da esquina, como se num labirinto de pedra nos encontrássemos.



Fig. 29: Labirinto de Xisto. Fonte: Autora

Rodeados de xisto apercebemo-nos de que a luz vem sempre de cima, numa sensação de verticalidade, é para aí que o nosso olhar inevitavelmente se dirige.

O teto desta 'grande casa' é o céu.

Sensação de que estamos fechados/encurralados num labirinto de pedra e o céu é a única escapatória.



Fig. 30: Sensação de verticalidade no interior do núcleo. Fonte: Autora

Por entre quelhas e becos a qualquer momento tropeçamos em escadas que surgem apenas às fachadas das casas a que dão acesso ao seu “ piso nobre”.



Fig. 31: Um sem número de escadas são encontradas apenas às fachadas. Fonte: Autora

Os tons quentes do xisto oferecem-nos uma paleta variada de cores que alteram com luz do dia e das próprias estações.



Fig. 32: Policromia do Xisto. Fonte: Autora

Aqui, a Natureza reina e avassala o que o homem construiu e em tempos lhe roubou, numa relação de dominância onde o pulsar da terra se sente em comunhão com ele.



Fig. 33: O homem apoderou-se da natureza e de um Lugar, agora a natureza apodera-se da sua construção. Fonte: Autora

Por todo o lado há memórias presas a um lugar e a um tempo que já lá vai, gravadas em vestígios que teimam em não desaparecer. O tempo, esse parece não querer passar. Talvez seja nos rostos de quem habita que mais se vinca esse facto. A passagem do tempo é demarcada pela passagem das estações e das atividades que

lhes são inerentes. Tal como as casas 'enrugadas' assim são os rostos de quem lá vive e as habita.



Fig. 34: Rostos e casas, ambos enrugados. Fonte: Autora

Esta aldeia ainda é mesmo uma aldeia na verdadeira aceção da palavra. Todos nos cumprimentam, até as cabras nos seus poleiros. O forno ainda guarda o sabor do pão quente acabado de cozer, onde ainda se faz o pão de trigo e a broa como se fazia antigamente.

Há um descer à terra donde tudo emergiu um libertar dos centros urbanos para tomar o cheiro do pão e do vinho verdadeiros.



Fig. 35: Forno com pão, broa e tigeladas. Fonte: Autora

Chegados aqui, facilmente nos deparamos com um destino carregado de alma onde as pessoas nos dão, não só afetos, mas também simpatia, histórias, saberes, tradições e uma identidade à qual é impossível ficar indiferente.

É fortemente perceptível o sentimento de pertença a um sítio, a ancoragem de uma comunidade a uma zona que faz com que haja um acentuado regionalismo devido ao isolamento da população.



Fig. 36: O regionalismo de uma comunidade ancorada à aldeia. Fonte: Autora

Percorrer a aldeia de Figueira é sem dúvida um exercício sensorial. O silêncio é interrompido pelos sons característicos provindos da Natureza - um curso de água que percorre as levadas, os chocalhos do rebanho, o berrar das cabras ou o chilrear de uma ave autóctone, harmoniza o corpo e revigora o espírito.

Da fonte, no meio de uma frondosa vegetação, é possível sentir o entoar da canção da água que segue alegremente até ao tanque.

As levadas vestem o rio e encaminham-no conduzem-no numa dança até ao rodopio do moinho.



Fig. 37: À esquerda, a fonte que se descobre num percurso de sensações. À direita, também o rio se traja de xisto. Fonte: Autora

Figueira, possui uma mística muito própria e descobri-la é como mergulhar no mundo mágico dos costumes de outrora, num lugar que à noite encerrava as suas portas aos lobos que espreitavam por entre sobreiros, castanheiros, carvalhos e pinheiros.

Aqui, damos de caras com costumes antigos ainda preservados, muita tradição e histórias contadas pelas estreitas ruas que convidam a passeio por entre casas de grande simplicidade que constituem magníficos postais de xisto e madeira.



Fig. 38: Por entre sobreiros, Figueira espreita num postal de Xisto. Fonte: Autora

Os pés na terra, a pele encostada numa parede de xisto quente ao fim de mais um dia, a inércia que deixa de ser apenas térmica e nos enche a alma e preenche um estado que passa a transcender o “eu” comum, afastando-nos da azáfama quotidiana, traz um estado de paz e de retiro revigorante. Uma experiência que nos prepara para mais uma temporada do que se apresenta à nossa frente.

3. Parte III – Proposta de Intervenção – o Projeto Centro de Artes do Lugar

Projetar com o lugar, será sempre um ato de grande responsabilidade para com o território onde se está a intervir. Carece de um trabalho metódico na tentativa de preservar a memória do sítio e de redesenhar a sua paisagem. É necessário reconhecer no território elementos capazes de o construir, sustentar e conservar esta memória que foi e sempre será coletiva.

Estar no Centro de Portugal é estar num mar de montanhas, das quais escorre água e se formam rios. As águas correm límpidas, as praias fluviais convidam para frescos mergulhos e os percursos pedem muitas caminhadas. A gastronomia tradicional da região quer ser degustada e não há nada mais revigorante que pernoitar num alojamento típico de uma casa de xisto. Se a isto pudermos juntar a fruição de um programa que nos faça reviver uma época, mas ao mesmo tempo que nos situa no nosso contexto e no nosso tempo, certamente sairemos mais plenificados.

Sendo que a arquitetura sê-lo-á sempre enquanto ato de resposta a uma necessidade – uma estaca no meio do deserto é arquitetura pois responde a uma intenção de marcar o território, esta proposta aparece como resposta a um hiato denotado e apresentado pela Câmara municipal de Proença-a-Nova, em reunião da mestrandia com a Arquiteta Cristina Matos da mesma.

Aos ideais já implementados pelo Programa Aldeias do Xisto, acresce um programa de cariz mais artístico e etnográfico ou de enriquecimento cultural – o **Centro de Artes do Lugar**.

3.1. O Programa – Estruturação Funcional e Espacial

Decorrendo da necessidade de reabilitação e adaptação de algumas casas da Aldeia do Xisto de Figueira, delas partimos para o desenvolvimento mais extenso do Centro de Artes do Lugar e conseguinte construção nova. Assim se propõe o seguinte programa funcional:

Receção – Casa Mãe a reabilitar:

- .átrio
- .bengaleiro
- .check-in
- .portaria/segurança/administração
- .IS
- .distribuição vertical e horizontal

Divulgação – Casa dos Saberes, construção nova:

- .Biblioteca / Repositório:
- .Espaço Multiusos: (máx. aprox. 90 pessoas)
 - Conferências
 - Cinema / Teatro
 - Casamentos
- .Salas Polivalentes:
 - Workshops (ligação moinho/forno/lagar – atividades da aldeia)
 - Cinema
- .Exposição:
 - Permanente (legado histórico – etnografia)
 - Temporária (contemporaneidade)

Bar e Restaurante – Casa dos Sabores, construção nova:

- .bar
- .sala de refeições
- .cozinha
- .loja da aldeia
- .IS

Ginásio/SPA

Ligação: Água – Fonte – Rio

Piscina, Ginásio, SPA, Balneário (apenas assinalados na estratégia de intervenção)

Turismo Rural (Somente ao nível estratégico)

.Ruínas

.Novas Habitações Temporárias

Estacionamento

Organograma Funcional:

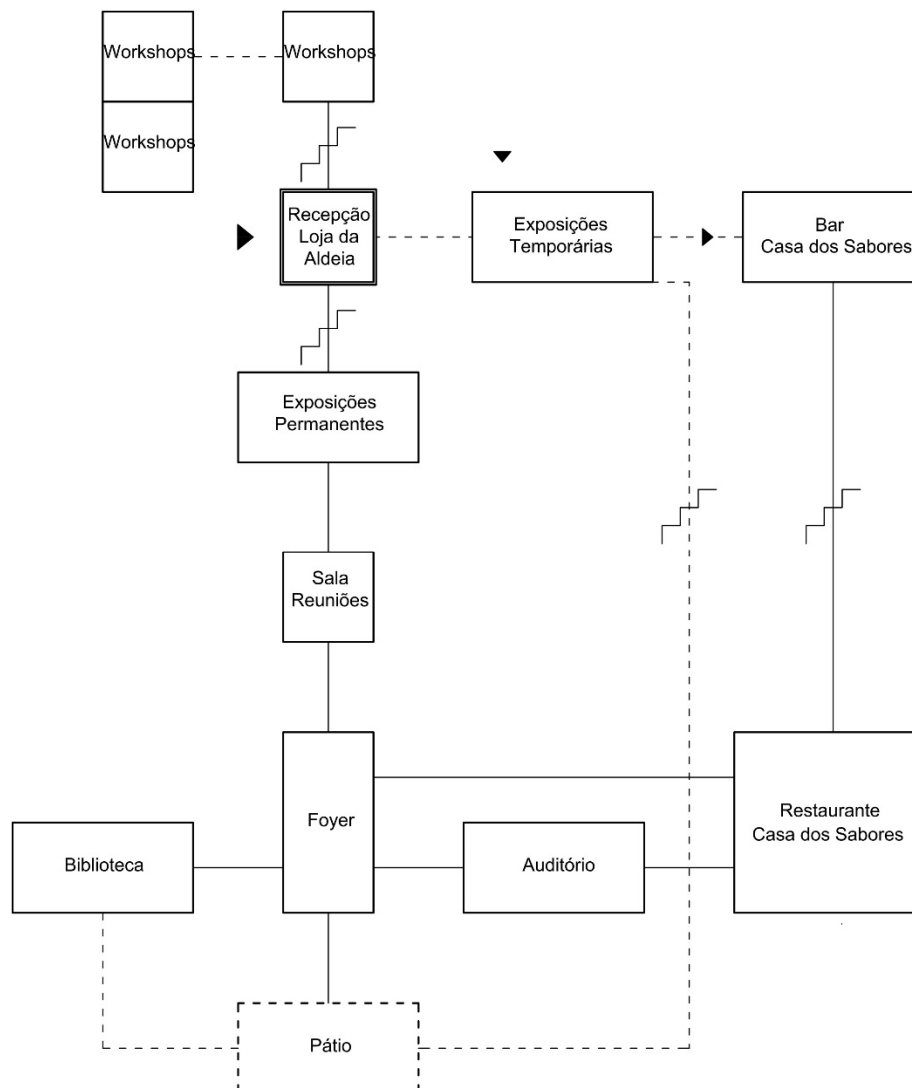


Fig. 39: Disposição Diagramática do Programa do Centro de Artes do Lugar Fonte: Autora

3.2. Estratégias de Projeto e Ideias Conceptuais

A importância da paisagem cultural ganha peso à medida que as instituições culturais oferecem relevância na estrutura social do país. Intervir nas aldeias do xisto é, de um modo mais alargado, intervir no património rural. A arquitetura rural remete muito para o espaço doméstico, tendo em conta a escala e o próprio uso que se faz das construções e dos espaços públicos. O espaço rural mais do que um espaço de produção é agora um espaço de consumo. Consequentemente, pode-se dizer que vamos falar de uma estratégia rural de intervenção em que a memória e a paisagem são os dois ingredientes principais da construção da proposta arquitetónica que se irá apresentar.

Esta aldeia tem sido requalificada sem deixar de manter o seu ambiente rural e o espírito comunitário dos seus habitantes. Nas ruas do núcleo antigo de Figueira encontramos casas genuinamente rurais e comunitárias, um dos maiores atrativos que esta aldeia oferece e se torna foco de grande atenção aos novos objetivos a que nos propomos. Acresce a responsabilidade da narrativa sobre o passado, com o esforço e a vontade de lembrar os seus elementos.

À luz da contemporaneidade vai-se intervir num legado, que mais do que a um Património pertence à Memória de um Povo e de um Lugar.

“o tempo é a marca do nosso pensamento projetado espacialmente – ele é, sobretudo, representação. De quê? Do passado, na memória simbólica dos registos dos momentos importantes daquilo a que se chama o destino humano, mas que se transforma sobretudo numa ficção desse silêncio tão desejado.”⁶²

Projetar com este Lugar é nada mais que construir com algo já construído, envolve projetar com o sítio, a sua pré-existência, uma memória, num ato pleno de interpretação. A Memória é um legado, uma herança de um passado quer longínquo ou próximo que nos permite construir lembranças – estas fazem parte de quem somos, de onde vimos. Guardadas e a ter conhecimento delas, transmitidas e com elas, construímos a nossa identidade. Uma identidade que busca o conhecimento às origens, ao ser coletivo que por sua vez define o ser individual. Projetar com o Lugar, torna-se, por isso, um ato de grande responsabilidade sobretudo quando a matéria-prima é a Memória e é ela que nos vai guiar para a proposta do seu espaço de representação. O Centro de Artes do Lugar nada mais será que um recetáculo dessa memória.

⁶² JORGE, Gorjão, *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Março 2007, p.33

A estratégia geral da aldeia é a ideia conceptual da própria proposta. O sítio é um local cheio de carácter cujos revestimentos são matérias, as formas e as sensações trazidas através da análise fenomenológica da qual elementos são fornecidos, e de uma forma quase mimética ou de uma interpretação, conceptualmente nos dão as premissas da nossa proposta. O espírito do Lugar será retratado num processo de Mimese que se transfere para o próprio Centro e o seu Lugar.

A alusão à aldeia, num processo mimético da mesma, pretende transmitir sensações equiparadas às exibidas pela mesma e ao que podemos encontrar no deambular do seu percurso.

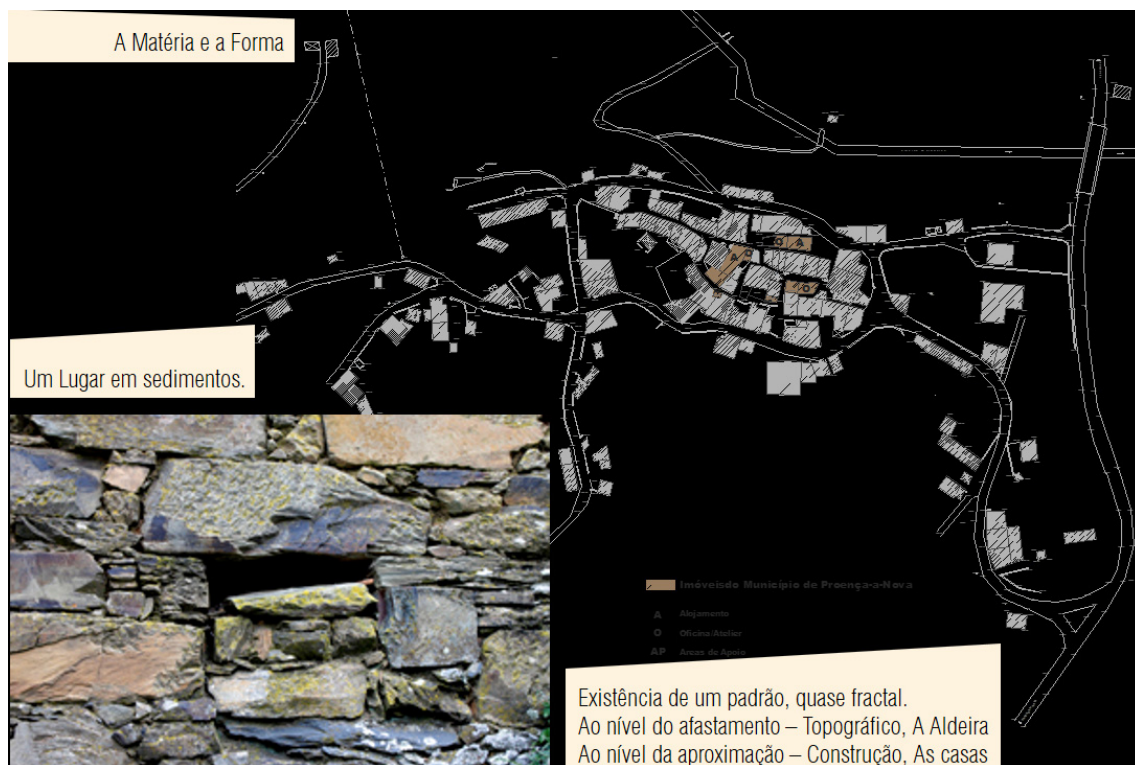


Fig. 40: Princípios formais que fornecem a génese do projeto. Fonte: Autora

O edifício fará ainda referência ao conceito de porta. Outrora a aldeia fechava-se sobre si mesma numa posição de proteção, por meio de portas que funcionavam como escudo ao ataque noturno dos lobos. Atualmente já não é necessária essa proteção, por isso o novo edificado em comunhão com a casa principal a reabilitar funcionarão como uma porta aberta que convida à sua fruição bem, como de toda a envolvente.

A escala da própria aldeia dá indicações muito importantes para a escala do programa proposto. A sua morfologia e topografia características, permitem-nos constatar que a relação com o terreno nos fornece os princípios que o território nos oferece para a

formulação da proposta. Há que adossar para incorporar a proposta, e quebrar a escala na extensão do desenvolvimento do programa, para melhor o integrar.



Fig. 41: Escala fragmentada para incorporação do programa. Fonte: Autora

A matéria e a forma deste contexto tão específico são a forma da matéria da proposta. Num Lugar que tem a ver com o Xisto há um descer à terra donde tudo emergiu. O espaço será telúrico na medida em que faz referência ao solo onde se encontra e será no interior da terra que nos encontramos no interior da proposta.

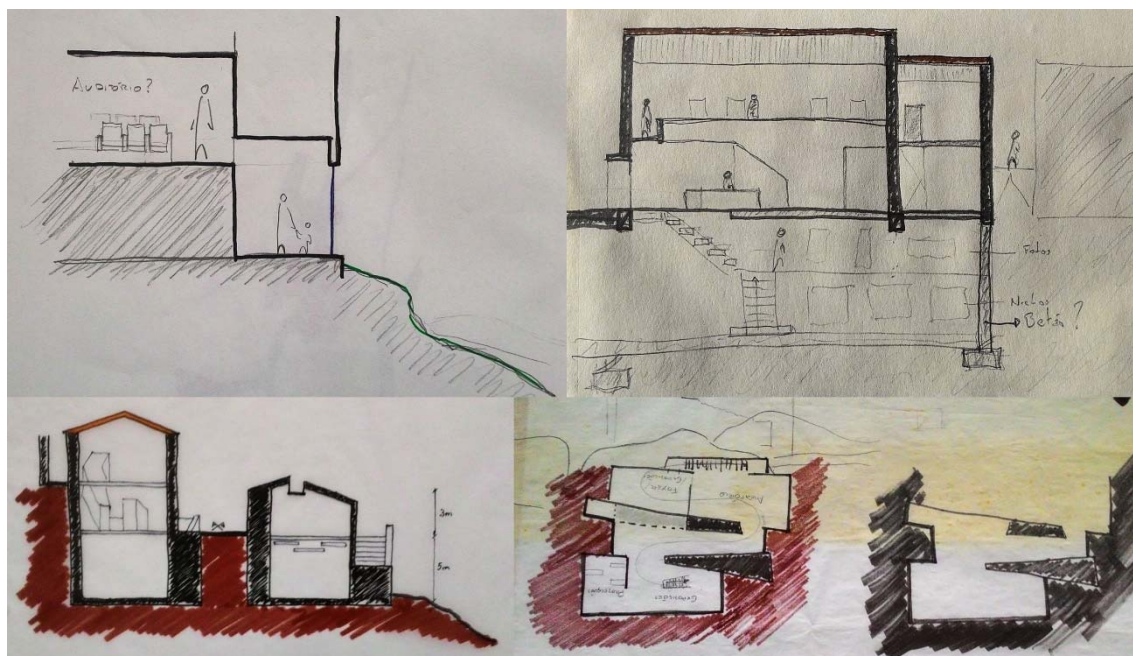


Fig. 42: Esquços conceptuais do enterrar do edifício. Fonte: Autora

3.3. Descrição da Solução Arquitetónica e Espacial Proposta

O Centro das Artes do Lugar é um projeto que se pretende como mais um edifício do Lugar de Figueira. Trata-se de um conjunto unificado de diferentes casas, quer novas quer reabilitadas que coexistem num todo uniforme formando um só edifício contíguo ao pequeno aglomerado.

Apesar de se tratar de um edifício público, a escala é humana ou humanizada, pois é através dela que se faz a transição entre o espaço doméstico e a própria proposta que é de uso coletivo. A forma de o conseguir, num programa com mais de 1700m², é pela fragmentação aparente em vários volumes, que correspondem a zonas com diferentes usos. Também o adotar do programa à encosta que o recebe e lhe serve de base de sustentação, evidencia e torna possível essa característica.

Implantado à margem da aldeia, o Centro de Artes do Lugar, funciona como remate da mesma, ou como mais uma porta do seu conjunto inicial de portas para proteção e fechamento. Só que neste caso, já que essa condição não se verifica mais, o edifício pretende representar uma porta aberta que convida à sua utilização e à experiência dos saberes tradicionais aí demonstrados.

Os caminhos tortuosos, sinuosos e apertados mostram-nos dois percursos de chegada possíveis. Um mais direto e à margem, outro pelo interior da aldeia.

A rua que passa à margem do núcleo da aldeia possui aqui um papel dinamizador e modela a qualidade urbanística do próprio núcleo e do espaço público que envolve a proposta, ressaltando a referida função de porta. Essa rua entra pelo edifício e por sua vez o edifício torna-se a própria rua.

Volumes novos, aparentemente independentes, lançam-se sobre a paisagem, no entanto, estão todos interligados e ancorados a uma casa pré-existente.

A casa mãe, o edifício principal a ser reabilitado, deriva para outros espaços, outras casas e é numa relação umbilical que, de forma visceral, se entra nela e desce para mergulhar no espaço de exposição permanente. A arquitetura é aqui tratada enquanto recipiente de cultura, marco de uma identidade de uma história local.

A entrada no edifício é feita de forma cronológica. Há um sentir do tempo a passar que nos leva à submersão da época para um regressar à atualidade. O edifício é uma máquina do tempo onde mergulhamos na história e emergimos à contemporaneidade.

É um edifício contendor de memórias. Na contemporaneidade sente-se o tempo que passou não esquecendo onde o indivíduo se encontra, projetando-se a si mesmo num

futuro. O espaço de representação da Memória do Lugar, um edifício recetáculo e gerador de identidade e de novas memórias a partir das experiências por ele produzidas. Tanto quanto um museu, acaba sempre por ser uma caixa que guarda essas memórias, e também a memória formal da aldeia é trazida para a génese física do próprio Centro. Através de texturas, disposições formais e espaciais, refletindo-se num processo de Mimese que retrata o próprio Lugar.

Sendo um dos ingredientes principais da construção da proposta arquitetónica, a memória é diretamente traduzida no espaço reservado à exposição permanente, onde se depõem os objetos que já não são utilizados, mas que outrora eram de grande utilidade e engenho tecnológico.

Nos espaços de experiência, as salas reservadas a workshops, podemos reviver e aprender a fazer objetos ou outros, aprender técnicas e experimentar produzir como se fazia antigamente.

Tal como no percorrer do interior da própria aldeia, também aqui a luz vem de cima e várias ruas são encontradas na proposta, uma no interior do edifício que percorre de ponta a ponta o programa do piso inferior, e duas no exterior que formam parte do espaço público e interligam os vários volumes.



Fig. 43: A luz vem de cima e há ruas na proposta. Fonte: Autora

Esta grande casa, à superfície, está dividida em três zonas que comunicam entre si por meio de ruas e escadas, mas é apenas no piso térreo que se dá a entrada e distribuição para todas elas.

O invólucro de cada zona do edifício é assumido para uma proposta de intervenção, não obstante o ter em conta a pré-existência como uma intencionalidade.

As paredes exteriores e as de separação definitiva do espaço interior são lâminas que sustentam e se agarram à terra, numa relação telúrica do edifício que já nos vem do próprio xisto das paredes da aldeia com as inúmeras escadas apenas às fachadas. Também aqui, a escada tem um papel vital e dinamizador da própria utilização da proposta. Num total de quatro, todas elas estão agarradas às paredes do edifício, três no interior e uma no exterior, num prolongamento do que seria a experiência já trazida de trás.

Os espaços interiores de utilização mais dinâmica (a sala dos contos e a sala multiusos), são encarados como algo efémero e volátil, que se pode transformar para permitir uma flexibilização do seu próprio uso. Tal como na aldeia as casas são interiormente divididas por simples painéis de madeira, estes espaços serão repartidos por painéis mais leves que permitem diversificar a sua configuração.

Os vestígios deixados que nos contam as mais diversas histórias do que seria a vivência de um tempo podem ser encontrados na zona de exposição permanente e em nichos existentes na mesma. Esses nichos com função de memória, serão tratados como pequenos espaços de representação ao servir para depositar alguns fragmentos que ficaram “congelados” no tempo e deixados até hoje, numa alusão às próprias casas da aldeia que possuem nichos como se de armários se tratassem.

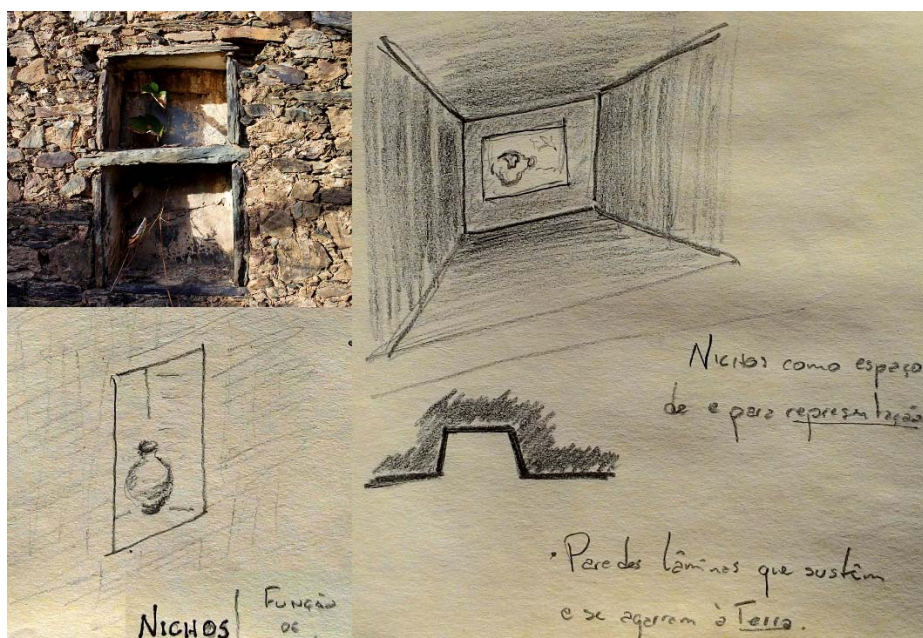


Fig. 44: Nichos – função de memória e exposição numa alusão mimética à aldeia. Fonte: Autora

A cozinha tem uma relação ancestral na arquitetura portuguesa, também na proposta o fogo marca presença através da cozinha e da sua representação formal na sala dos

sabores. Tal como o forno é o centro gerador, o fogo é o centro do restaurante nesta parte da “casa”.

Por cima do restaurante, uma esplanada remata o projeto e toma o lugar de encontro, metamorfoseando-se em linhas contemporâneas geometrizadas à luz da razão.

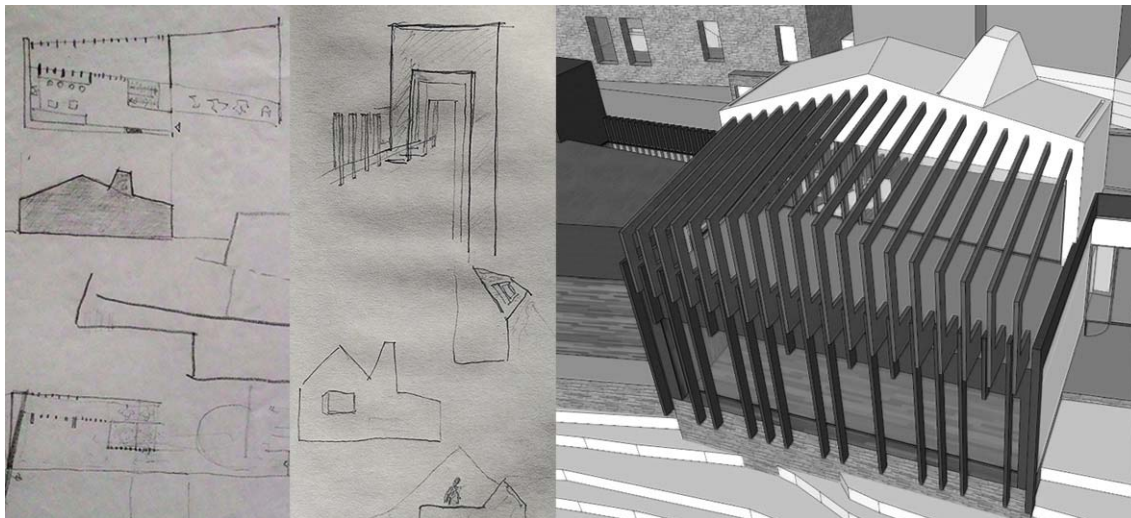


Fig. 45: A esplanada geometrizada. Fonte: Autora

No exterior, socalcos de pedra aparelhada outrora venciam os desníveis e aproveitavam espaço para olivicultura, são agora reinterpretados e transformados em espaço público de apoio, prolongando para o exterior a fruição do Centro.



Fig. 46: Esquízo da apropriação dos socalcos para espaço público. Fonte: Autora

Por todo o projeto existem diferentes sistemas de enquadramento que surpreendem, contêm e retêm a paisagem, agarrando-a em pedaços, emoldurando-a numa captura quase fotográfica, tal como acontece no casario de xisto. Há uma ilusão de possuir a paisagem pelo poder que se sente sobre ela ao apreciá-la sobre o seu ponto de vista único e irrepetível. Janelas de enquadramento, aberturas ou rasgos criam um sistema de vistas, quer no âmbito do edifício quer no usufruto do seu espaço público envolvente. Imprimem a sensação de captura desse poder, numa recolha de fragmentos que se trazem connosco.

O Centro de Artes do Lugar é, resumidamente, um edifício de carácter etnográfico e social. Serve de suporte à tradição, albergando um espólio de conhecimento, técnicas e materiais produtores e produzidos no local e região onde se encontram.

É resultado da declaração de uma vontade política, conjugada com o manifesto de uma vontade própria e fenomenológica. Provém de uma análise sensível e racional que, combinadas com uma conceptualização mimética, se transformam em carácter, dando lugar a uma narrativa.

3.4. Apropriação dos Edifícios pela Contextualização Cultural e Social

Num território já consolidado, porém, um pouco perdido no tempo, há um novo elemento que surge e reestrutura todo o Lugar. Cria novas dinâmicas e revitaliza um povo, que tão bem sabe acolher, numa relação recíproca de quem tudo dá, mas agora também recebe.

À medida que as instituições culturais ganham relevância na estrutura social do país a criação desta proposta apresenta um edifício que possibilita dar a conhecer uma gente, uma paisagem, um modo de viver, um tempo ou vários tempos na medida em que a representação de um passado se encontra aqui cara-a-cara com o presente.

A primeira condição fundamental à criação da proposta foi a tarefa de reconhecimento das necessidades da localidade por forma a lançar a semente com base na vida dos próprios homens que ali residem.

Neste caso, o carácter etnográfico e social, e o forte apelo a um simbolismo subjacente, surgiram de uma forma muito natural, quase por si mesmos numa proposta que emana admiração, seriedade e dignidade, mas também alguma alegria, a acessibilidade pela escala, aproximação pelo apelo ao arquétipo da casa, uma forma que nos é tão próxima e até familiar. Mas é a memória dessas coisas, ou melhor, da experiência dessas coisas, que nos permite reconhecê-las ou evoca-las. Compreendemos o mundo por intermédio das suas representações e, assim, a ele temos acesso e aos seus conteúdos, de forma indireta, referenciada. Essas representações de um outrora estarão aqui traduzidas neste contentor para que possam ser experienciadas – a capacidade evocadora da experiência das coisas e do que elas querem dizer neste mesmo contexto.

O Centro de Artes do Lugar permite uma experiência mais alargada que o simples contacto direto com a aldeia pode proporcionar. A transmissão de conhecimento e técnicas a funcionar como legado são um ensinamento, uma mais-valia na recuperação de um património que teima em não se perder. Na aldeia podemos sentir a essência e ver a aparência, no edifício toma-se a sensação da experiência.

O objetivo deste projeto é praticar uma conservação cuidadosa, mantendo e reparando, num paralelo entre o que é de facto a realidade e a proposta apresentada. E com isso expor uma solução que se adapte e albergue uma realidade que lhe é subjacente. Por exemplo:

- Atualmente deparamo-nos com uma câmara municipal muito ativa que promove inúmeras atividades anunciadas e publicadas numa revista semestral, como sejam: exposições de fotografia, máscaras de carnaval, pintura, desporto, trabalhos; feiras da tigelada; passeios pedestres para 90 pedestrianistas; cursos de apicultura; noite dos insetos; festival do peixe do rio; atuações de acordeonista; tardes de cinema para jovens e adultos (e idosos); hora do conto; concertos psíquicos; workshops de xilogravura e gravura, batik; feira do Idoso; feira de doces compotas e licores; cursos de formação Informática, Astronomia, etc; espetáculos e atividades nas noites de verão; noite de fados (que acolhe centenas de pessoas no largo da aldeia de Figueira com caldo verde enchidos, maranho, tigelada e vinho); feira do pão caseiro e do bolo finto com rancho folclórico; entre muitas outras. No entanto, estas atividades ficam disseminadas ou são albergadas no Centro de Ciência Viva da Floresta que não foi concebido para este propósito.
- Os vestígios arqueológicos encontrados nesta zona estão presentes no Museu de Castelo Branco que se situa a 45km de distância.
- O projeto para a biblioteca de Sobreira Formosa era para existir, mas não foi avante, no entanto muitos livros foram oferecidos nesse sentido.
- A loja Aldeias do Xisto de Figueira já existe, encontra-se situada à entrada do núcleo central da povoação e dispõe de uma variada gama de produtos, é um espaço polivalente que permite muitas atividades, todavia é demasiado exíguo para o que se propõe e atualmente está aberta apenas à sexta-feira e sábado.

Reunidas as condições estão, para a justificação desta proposta que se insurge com um propósito mais que fundamentado para a criação desta solução, que poderia: tornar-se o polo dinamizador da zona; promover a administração corrente do Património da freguesia e a sua conservação; promover o turismo criativo e artístico; e albergar eventos relacionados com as mais diversas áreas. A ter em conta: a dinamização da gastronomia local (maranho, bucho recheado, achegan grelhado, pão de centeio, tigelada, entre outros) reproduzida e apresentada no restaurante da proposta; a criação de inúmeras atividades e workshops (cerâmica de iola, olaria, tecelagem, tropeços – banquinhos de cortiça, fiar o linho, contos de lendas e superstições que são muitas, cozer no forno) nos espaços e salas propositadamente designados ao seu efeito; a realização de eventos direcionados ao mundo empresarial e promoção dos seus produtos, ou até atividades e retiros de trabalho; ou ainda eventos vários como ações de formação, colóquios, conferências ou casamentos.

Em suma, a ideia é não só poder albergar essas atividades no Centro de Artes do Lugar, por forma a enriquecer a vida deste Lugar e da população que o habita e lhe é próxima, mas também dar a conhecer a nossa cultura de uma zona tão cheia de carácter, e que apesar de estar agora a despertar ainda tem muito por explorar. É preciso oferecer paisagens, natureza, bons alojamentos, gastronomia, saberes e tradições. Devolver Portugal a Portugal e ao resto do Mundo.

Conclusão

Aldeias são as células de um território, o espaço vivo, o espaço cultural específico, são o espaço de comunidade que estruturam este território imenso que constitui, neste caso, o Pinhal Interior.

Aldeia do xisto, porque se enquadra dentro desta filosofia e porque decorre da naturalidade de ser enquadrada dentro da geologia deste material. É um conjunto de casas agregadas que se encontram nas margens de um rio que por sua vez está dentro daquilo que é o material de construção mais habitual nesta zona, o xisto.

Estamos na zona centro, num dos patrimónios mais ricos do país. Diversos aglomerados de casas pintam a paisagem de xisto num ambiente único de perfeita harmonia entre diversas aldeias, a natureza, as tradições e a história de um território memorável. Longe do reboiço das grandes cidades, a Aleia do Xisto de Figueira é a porta de entrada para um território admirável com variada oferta de turismo e lazer em íntimo contacto com a Natureza e as tradições singulares da região, revela-se um verdadeiro convite à prática de projeto e ao intervir num património singular.

A proposta apresentada vem preencher um hiato denotado a montante pela câmara municipal, pretende aliar o saber e a tradição num projeto de arquitetura que ambiciona dinamizar o território do interior rural onde a memória é a matéria principal da construção.

É através de uma análise essencialmente fenomenológica que percebemos o carácter, a verdadeira essência e identidade do local de intervenção.

Nesta abordagem tivemos em consideração o Lugar, que por definição é o local resultante da ação do Homem que lhe confere identidade e significado. É aqui entendido como um território cultural diversificado: quanto ao enquadramento, à implantação, às funcionalidades, usos, conteúdos, tecnologias, recursos e significado.

A aldeia de Figueira, apesar de já introduzida no programa das Aldeias do Xisto, segundo o próprio município, continua a precisar de novos instrumentos que potenciem o seu desenvolvimento. E, como Lugar de Património, a sua ligação a uma memória coletiva merece ser representada e continuada, o que neste caso se manifestou sob a forma uma proposta de reabilitação.

Para tal, foi sugerido um Centro de Artes do Lugar, um edifício recetáculo da informação de um outrora e um presente de uma aldeia, o espaço de representação da mesma. Pretende criar a ponte entre o passado e o presente, na intenção de preservar a memória de um local tão característico e com a transmissão da sua cultura e preservação de saberes. Veiculado por uma conceptualização mimética torna-se arquitetura na criação de espaços evocativos da identidade e memória coletivas. É simultaneamente potenciador dos tempos futuros que, sendo dotado de um forte carácter histórico-cultural, está adequado aos usos e *habitar* contemporâneos.

Levando-nos a concluir que a Arquitetura sempre será a representação do Homem e da sua época e é através da Memória que ela se faz representar.

Bibliografia

Listagem de fontes documentais primárias e secundárias:

ÁBALOS, Iñaki, *A Boa-vida, Visita Guiada às Casas da Modernidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2003.

AUGÉ, Mark, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Editora 90º, Lisboa, 2005.

BAEZA, Alberto Campo, *Pensar com as mãos*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Fevereiro 2011.

BOLLNOW, O.Friedrich, *Hombre y Espacio*, Editorial Labor, S. A., Barcelona, 1969.

CHING, Francis D. K., *Arquitectura: Forma, Espacio e Orden*, Ed. Gustavo Gili, México, 1991.

CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Maio 2006.

CONSIGLIERI, Victor, *As Significações da Arquitectura – 1920-1990*, Ed. Estampa, Lisboa, 2000.

COSTA, Alexandre Alves, *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, FAUP, Porto, 1995.

HEIDEGGER, Martin, *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, 1999

JORGE, Gorjão, *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Março 2007.

MEISS, Pierre Von, *Elements of Architecture – From Form to Place*, E & FN Spon Ed., London, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice, *Fenomenologia da Percepção*, Martins Fontes, São Paulo, 1996.

MONTANER, Josep Maria, *A Modernidade Superada – Arquitectura, Arte e Pensamento do Séc.XX*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001.

MOUTINHO, Mário C., *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Estampa, Lisboa, 1979.

MUNTANOLA, Josep, *La Arquitectura como Lugar*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1974.

MUNTANOLA, Josep, *Topos e Logos*, Ed. Kairos, Barcelona, 1978.

NESBITT, Kate, *Theorizing a New Agenda for Architecture: an anthology of architectural theory : 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *A Paisagem e a Obra do Homem*, in Revista Arquitectura

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Architecture: Presence, Language, Place*, Ed. Skira, Milan, 2000.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Intentions in Architecture*, Ninth printing, Massachusetts, 1992.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984.

PEREIRA, Paulo, *Património edificado. Pedras angulares*, Aura, Lisboa, 2000.

PIRES, Amílcar de Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Dezembro 2013.

PLATÃO, *A República*, Publicações Europa América, Mem Martins, Setembro 1975.

SCRUTON, Roger, *Estética da Arquitectura*, Lisboa: Ed. 70, 1979.

SOARES, Isaura Ribeiro Antunes, *Etnografia do Concelho de Proença A Nova*, Num, Évora, 2001

TAINHA, Manuel, *Arquitectura em Questão*, AEFA - UTL, ed. autor, Lisboa, 1994.

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto, 2004.

VENTURI, Robert, *Complexidade e Contradição em Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo, 2004.

VILHENA, M. Assunção, *Sobreira Formosa Passado e Presente (Monografia)*, Junta de Freguesia de Sobreira Formosa, Covilhã, Julho de 1995.

ZEVI, Bruno, *Saber Ver a Arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

Documentos:

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo II, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2002

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo IV, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2003

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Círculo de Leitores, Tomo VI, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, 2003

HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar* [Bauen, Wohnen, Denken] (1951), in HEIDEGGER, Martin, *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. (Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback)

PAULO, Luísa M. da Conceição, *A Reabilitação do Património como Factor de Desenvolvimento Local: o modelo de aldeia sustentável (texto policopiado)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

Revistas:

Ar Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, n.6, Julho 2006

DUARTE, Rui Barreiros, «A Poética do Lugar», in Arquitectura e Vida, n.23, Janeiro 2002, pp.44-49.

DUARTE, Rui Barreiros, «Os Valores do Lugar», in Arquitectura e Vida, n.26, Abril 2002, pp.66-69.

PIRES, Amílcar de Gil e, «Carácter da Arquitectura e do Lugar», ARTITEXTOS06, Julho 2008.

Webgrafia:

- <http://aldeiasdoxisto.pt>
- <http://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/figueira>
- <http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david>
- <http://centrodeartes.sines.pt/pages/731>
- <http://www.significados.com.br/fenomenologia/>
- <http://www.philosophy.pro.br/alma.htm>

Anexos

- I – Lista de Peças Desenhadas
- II – Memória Descritiva e Justificativa
- III – Esquços de Trabalho
- IV – Fotografias das Maquetes de Estudo
- V – Peças Desenhadas (painéis finais reduzidos para A3)

I – Lista de Peças Desenhadas

- .Planta de Localização – escala 1:500
- .Planta de Implantação – escala 1:200
- .Planta de Coberturas – escala 1:100
- .Planta do Piso 01 – escala 1:100
- .Planta do Piso 00 – escala 1:100
- .Planta do Piso -01 – escala 1:100
- .Corte ee' – escala 1:100
- .Corte ff' – escala 1:100
- .Corte ee' – escala 1:100
- .Corte 22' – escala 1:100
- .Corte 33' – escala 1:100
- .Corte 44' – escala 1:100
- .Corte 55' – escala 1:100
- .Corte 66' – escala 1:100
- .Alçado Sul aa' – escala 1:100
- .Alçado Sul bb' – escala 1:100
- .Alçado Sul dd' – escala 1:100
- .Alçado Norte b'b – escala 1:100
- .Alçado Norte c'c – escala 1:100
- .Alçado Norte g'g – escala 1:100
- .Alçado Nascente – escala 1:100
- .Alçado Poente – escala 1:100
- .Planta do Piso 01 – escala 1:50
- .Planta do Piso 00 – escala 1:50
- .Planta do Piso -01 – escala 1:50
- .Corte Longitudinal 01 – escala 1:50
- .Corte Longitudinal 02 – escala 1:50
- .Corte Transversal 01 – escala 1:50
- .Corte Transversal 02 – escala 1:50
- .Corte Construtivo – escala 1:20
- .Detalhe Construtivo – escala 1:5

II – Memória Descritiva e Justificativa

Objeto

O Centro das Artes do Lugar é um projeto que se pretende como mais um edifício do lugar da Figueira. Trata-se de um conjunto unificado de diferentes casas, quer novas quer reabilitadas que coexistem num todo uniforme formando um só edifício agregado ao pequeno aglomerado da aldeia.

É um edifício de carácter etnográfico e social que serve de suporte à tradição, albergando um espólio de conhecimento, técnicas e materiais produtores e produzidos no local e região onde se encontram.

É o resultado da declaração de uma vontade política, conjugada com o manifesto de uma vontade própria e fenomenológica. Provém de uma análise sensível e racional que, combinadas com uma conceptualização mimética, se transformam em carácter, dando lugar a uma narrativa.

Localização

Figueira é uma povoação pertencente à freguesia de Sobreira Formosa no concelho de Proença-a-Nova. Fica a 190Km de Lisboa e 105 km da Guarda. Está inserida na rede de 27 Aldeias do Xisto distribuídas num vasto território que abrange 16 Municípios do Pinhal Interior, Região Centro de Portugal. Desde a Serra da Lousã a Castelo Branco são verdadeiros tesouros feitos de pedra e xisto fincadas em paisagens de cortar a respiração, que guardam a memória e as tradições únicas de uma região.

Contexto Histórico

Numa aldeia cujos registos históricos se encontram gravados na pedra e contados por testemunhos locais, sabe-se, que, Figueira é anterior a 1758. Porém, a sua verdadeira história é desconhecida por falta de documentos, pois os elementos base da sua história foram desaparecendo ao longo dos tempos (grande parte da informação foi perdida após o 25 de abril), responsabilidade quer de inimigos da Pátria, quer de habitantes ou mesmo autarcas. Apesar de tudo, a aldeia sobreviveu, e vários esforços foram e estão a ser feitos para que populações como esta saiam do isolamento e atraso a que durante gerações foram sujeitas.

Após diversas desventuras decorridas ao longo dos tempos, e das adversidades dos vários povos que por ali passaram e deixaram o seu cunho, é em 2007 que a aldeia passa a integrar a rede de Aldeias do Xisto e um leque de transformações de cariz reabilitacional se sucedem e estendem aos dias de hoje.

Situação Atual

Figueira está incorporada num projeto de 27 aldeias que guardam inúmeras memórias e tradições, cujo objetivo é promover a qualidade de vida dos cidadãos, bem como, o património histórico e arquitetónico, e todo o potencial turístico desta aldeia, através de obras de melhoramento e requalificação, muitas delas já realizadas. No entanto, segundo o próprio município, continua a precisar de novos instrumentos que potenciem o seu desenvolvimento. E, como Lugar de Património, a sua ligação a uma memória coletiva merece ser representada e continuada.

Edifícios Pré-Existentes

Esta aldeia tem sido requalificada sem deixar de manter o seu ambiente rural e o espírito comunitário dos seus habitantes. Nas ruas do núcleo antigo de Figueira encontramos casas genuinamente rurais e comunitárias, um dos maiores atrativos que esta aldeia oferece e se tornam foco de grande atenção aos novos objetivos a que nos propomos. Atualmente conta com 34 edifícios dos quais 27 são alojamentos e 7 encontram-se em avançado estado de degradação. Porém, percorrendo as estreitas ruas da aldeia inicialmente calcetadas em pedra irregular pode ser observado no seu conjunto de casas de xisto, muitas ainda bem conservadas.

Essas ruas estreitas, percorridas pelo gado, por vezes talhadas no solo, dão serventias às habitações e aos currais.

A tipologia da casa de “Pátio de Xisto” é a estrutura tradicional aqui encontrada, uma construção centenária típica das aldeias do xisto, com os currais no piso térreo. Tipologicamente, são habitações de dois pisos com um pequeno pátio de acesso e os currais para o gado no piso térreo, sob a habitação, para aproveitar o calor dos animais, nos rigorosos invernos.

São construções pequenas dotadas de grande inércia pela grande espessura das suas paredes de pedra, contudo, os interiores muito efémeros são constituídos de divisórias simples de madeira.

Envolvente

Estamos na zona centro, num dos patrimónios mais ricos do país. Diversos aglomerados de casas pintam a paisagem de xisto, num ambiente único de perfeita harmonia entre diversas aldeias, a natureza, as tradições e a história de um território memorável. Longe do reboiço das grandes cidades, a Aleia do Xisto de Figueira é a porta de entrada para um território admirável com variada oferta de turismo e lazer em íntimo contacto com a Natureza e as tradições singulares da região. Trata-se de uma aldeia quase despovoada, mergulhada numa densa mancha florestal.

Caracterizada por um núcleo de formação medieval coeso, a sua matriz topológica é disposta de forma orgânica. O aglomerado desenvolve-se sobre uma linha de fecho seguindo uma ideologia de proteção. A própria aldeia possui um sistema de fechamento no final das principais ruas com o propósito de proteger as pessoas e rebanhos dos ataques noturnos por parte dos lobos. Possui dois “eixos” predominantes pontuados pelas referidas portas.

Esta função de defesa é também realçada pela própria topografia da aldeia onde se pode verificar uma acropolização da mesma, instalando-se numa espécie de promontório.

Programa Proposto

Projetar com o lugar, será sempre um ato de grande responsabilidade para com o território onde se está a intervir. Carece de um trabalho meticuloso na tentativa de preservar a memória do sítio e de redesenhar a sua paisagem. É necessário reconhecer no território elementos capazes de o construir, sustentar e conservar esta memória que foi e sempre será coletiva.

Sendo que a arquitetura sê-lo-á sempre enquanto ato de resposta a uma necessidade, esta proposta aparece como resposta a um hiato denotado e apresentado pela Câmara municipal de Proença-a-Nova, em reunião da mestrandia com a Arquitecta Cristina Matos da mesma.

Aos ideais já implementados pelo Programa Aldeias do Xisto, acresce, portanto, um programa de cariz mais artístico e etnográfico ou de enriquecimento cultural. Um programa que nos faça reviver uma época, mas ao mesmo tempo, situa-nos no nosso contexto e no nosso tempo – o **Centro de Artes do Lugar**.

Decorrendo da necessidade de reabilitação e adaptação de algumas casas da Aldeia do Xisto de Figueira, delas partimos para o desenvolvimento mais extenso do Centro de Artes do Lugar e conseguinte construção nova. Assim se propõe o seguinte programa funcional:

Receção – Casa Mãe, a reabilitar

.átrio

.bengaleiro

.check-in

.portaria/segurança/administração

.IS

.distribuição vertical e horizontal

Divulgação – Casa dos Saberes, construção nova

.Biblioteca / Repositório:

.Espaço Multiusos: (máx. aprox. 70 pessoas)

Conferências

Cinema / Teatro

Casamentos

.Salas Polivalentes:

Workshops (ligação moinho/forno/lagar – atividades da aldeia)

Cinema

.Exposição:

Permanente (legado histórico – etnografia)

Temporária (contemporaneidade)

Bar e Restaurante – Casa dos Sabores, construção nova

.bar

.sala de refeições

.cozinha

.loja da aldeia

.IS

Ginásio/SPA

Ligação: Água – Fonte – Rio

Piscina, Ginásio, SPA, Balneário (apenas assinalados na estratégia de intervenção)

Turismo Rural (Somente ao nível estratégico)

.Ruínas

.Novas Habitações Temporárias

Estacionamento

Objetivos do Projeto

A proposta apresentada, que neste caso se manifestou sob a forma uma proposta de reabilitação, vem preencher um hiato denotado a montante pela câmara municipal. Pretende aliar o saber e a tradição num projeto de arquitetura que ambiciona dinamizar o território do interior rural onde a memória é a matéria principal da construção. Acresce a responsabilidade da narrativa sobre o passado, com o esforço e a vontade de lembrar os seus elementos.

À medida que as instituições culturais ganham relevância na estrutura social do país a criação desta proposta apresenta um edifício que possibilita dar a conhecer uma gente, uma paisagem, um modo de viver, um tempo ou vários tempos na medida em que a representação de um passado se encontra aqui cara-a-cara com o presente.

Conceito

A estratégia geral da aldeia é a ideia conceptual da própria proposta. O sítio é um local cheio de carácter cujos revestimentos são matérias, formas e sensações, trazidas através da análise fenomenológica cujos elementos são fornecidos, e de uma forma quase mimética ou de uma interpretação, conceptualmente nos dão as premissas da proposta. O espírito do Lugar será retratado num processo de Mimese que se transfere para o próprio Centro e o seu Lugar.

Síntese Conceptual e Estratégias de Projeto

A importância da paisagem cultural ganha peso à medida que as instituições culturais oferecem relevância na estrutura social do país. Intervir nas aldeias do xisto é, de um modo mais alargado, intervir no património rural. A arquitetura rural remete muito para o espaço doméstico, tendo em conta a escala e o próprio uso que se faz das construções e dos espaços públicos. O espaço rural mais do que um espaço de produção é agora um espaço de consumo. Consequentemente, pode-se dizer que vamos falar de uma estratégia rural de intervenção em que a memória e a paisagem são os dois ingredientes principais da construção da proposta arquitetónica que se apresenta.

Esta aldeia tem sido requalificada sem deixar de manter o seu ambiente rural e o espírito comunitário dos seus habitantes. Nas ruas do núcleo antigo de Figueira encontramos casas genuinamente rurais e comunitárias, um dos maiores atrativos que esta aldeia oferece e se torna foco de grande atenção aos novos objetivos a que nos propomos. Acresce a responsabilidade da narrativa sobre o passado, com o esforço e a vontade de lembrar os seus elementos.

À luz da contemporaneidade vai-se intervir num legado, que mais do que a um Património pertence à Memória de um Povo e de um Lugar.

Projetar com este Lugar, é nada mais que construir com algo já construído. Envolve projetar com o sítio, a sua pré-existência, uma memória, num ato pleno de interpretação. A Memória é um legado, uma herança de um passado quer longínquo ou próximo que nos permite construir lembranças – estas fazem parte de quem somos, de onde vimos. Guardadas e a ter conhecimento delas, transmitidas e com elas, construímos a nossa identidade. Uma identidade que busca o conhecimento às origens, ao ser coletivo que por sua vez define o ser individual. Projetar com o Lugar, torna-se, por isso, um ato de grande responsabilidade sobretudo quando a matéria-prima é a Memória e é ela que nos vai guiar para a proposta do seu espaço de representação. O Centro de Artes do Lugar nada mais será que um recetáculo dessa memória.

A alusão à aldeia, num processo mimético da mesma, pretende transmitir sensações equiparadas às exibidas pela mesma e ao que podemos encontrar no deambular do seu percurso.

O edifício fará ainda referência ao conceito de porta. Outrora a aldeia fechava-se sobre si mesma numa posição de proteção, por meio de portas que funcionavam como escudo ao ataque noturno dos lobos. Atualmente já não é necessária essa proteção, por isso o novo edificado em comunhão com a casa principal a reabilitar funcionaram como uma porta aberta que convida à sua fruição, bem como de toda a envolvente.

A escala da própria aldeia dá indicações muito importantes para a escala do programa proposto. A sua morfologia e topografia características, permitem-nos constatar que a relação com o terreno nos fornece os princípios que o território nos oferece para a formulação da proposta. Há que adossar para incorporar a proposta, e quebrar a escala na extensão do desenvolvimento do programa, para melhor o integrar.

Solução Arquitetónica e Estruturação Espacial

O Centro das Artes do Lugar é um projeto que se pretende como mais um edifício do Lugar de Figueira. Trata-se de um conjunto unificado de diferentes casas, quer novas quer reabilitadas que coexistem num todo uniforme formando um só edifício contíguo ao pequeno aglomerado.

Apesar de se tratar de um edifício público, a escala é humana ou humanizada, pois é através dela que se faz a transição entre o espaço doméstico e a própria proposta que

é de uso coletivo. A forma de o conseguir, num programa com mais de 1700m², é pela fragmentação aparente em vários volumes, que correspondem a zonas com diferentes usos. Também o adotar do programa à encosta que o recebe e lhe serve de base de sustentação, evidencia e torna possível essa característica.

Implantado à margem da aldeia, o Centro de Artes do Lugar, funciona como remate da mesma, ou como mais uma porta do seu conjunto inicial de portas para proteção e fechamento. Só que neste caso, já que essa condição não se verifica mais, o edifício representa uma porta aberta que convida à sua utilização e à experiência dos saberes tradicionais aí demonstrados.

Os caminhos tortuosos, sinuosos e apertados da aldeia, mostram-nos dois percursos de chegada possíveis. Um mais direto e à margem, outro pelo interior da aldeia.

A rua que passa à margem do núcleo da aldeia possui aqui um papel dinamizador e modela a qualidade urbanística do próprio núcleo e do espaço público que envolve a proposta, ressaltando a referida função de porta. Essa rua entra pelo edifício e por sua vez o edifício torna-se a própria rua.

Volumes novos, aparentemente independentes, lançam-se sobre a paisagem, no entanto, estão todos interligados e ancorados a uma casa pré-existente.

A casa mãe, o edifício principal a ser reabilitado, deriva para outros espaços, outras casas e é numa relação umbilical que, de forma visceral, se entra nela e desce para mergulhar no espaço de exposição permanente. A arquitetura é aqui tratada enquanto recipiente de cultura, marco de uma identidade de uma história local.

A entrada no edifício é feita de forma cronológica. Há um sentir do tempo a passar que nos leva à submersão da época para um regressar à atualidade. O edifício é uma máquina do tempo onde mergulhamos na história e emergimos à contemporaneidade.

É um edifício contenedor de memórias. Na contemporaneidade sente-se o tempo que passou não esquecendo onde o indivíduo se encontra, projetando-se a si mesmo num futuro. O espaço de representação da Memória do Lugar, um edifício recetáculo e gerador de identidade e de novas memórias a partir das experiências por ele produzidas. Tanto quanto um museu, acaba sempre por ser uma caixa que guarda essas memórias, e também a memória formal da aldeia é trazida para a génese física do próprio Centro. Através de texturas, disposições formais e espaciais, refletindo-se num processo de Mimese que retrata o próprio Lugar.

Sendo um dos ingredientes principais da construção da proposta arquitetónica, a memória é diretamente traduzida no espaço reservado à exposição permanente, onde se depõem os objetos que já não são utilizados, mas que outrora eram de grande utilidade e engenho tecnológico.

Nos espaços de experiência, as salas reservadas a workshops, podemos reviver e aprender a fazer objetos ou outros, aprender técnicas e experimentar produzir como se fazia antigamente.

Tal como no percorrer do interior da própria aldeia, também aqui a luz vem de cima e várias ruas são encontradas na proposta, uma no interior do edifício que percorre de ponta a ponta o programa do piso inferior, e duas no exterior que formam parte do espaço público e interligam os vários volumes.

Esta grande casa, à superfície, está dividida em três zonas que comunicam entre si por meio de ruas e escadas, mas é apenas no piso térreo que se dá a entrada e distribuição para todas elas.

O invólucro de cada zona do edifício é assumido para uma proposta de intervenção, não obstante o ter em conta a pré-existência como uma intencionalidade.

As paredes exteriores e as de separação definitiva do espaço interior são lâminas que sustentam e se agarram à terra, numa relação telúrica do edifício que já nos vem do próprio xisto das paredes da aldeia com as inúmeras escadas apenas às fachadas. Também aqui, a escada tem um papel vital e dinamizador da própria utilização da proposta. Num total de quatro, todas elas estão agarradas às paredes do edifício, três no interior e uma no exterior, num prolongamento do que seria a experiência já trazida de trás.

Os espaços interiores de utilização mais dinâmica (a sala dos contos e a sala multiusos), são encarados como algo efémero e volátil, que se pode transformar para permitir uma flexibilização do seu próprio uso. Tal como na aldeia as casas são interiormente divididas por simples painéis de madeira, estes espaços serão repartidos por painéis mais leves que permitem diversificar a sua configuração.

Os vestígios deixados que nos contam as mais diversas histórias do que seria a vivência de um tempo podem ser encontrados na zona de exposição permanente e em nichos existentes na mesma. Esses nichos com função de memória, serão tratados como pequenos espaços de representação ao servir para depositar alguns fragmentos que

ficaram “congelados” no tempo e deixados até hoje, numa alusão às próprias casas da aldeia que possuem nichos como se de armários se tratassem.

A cozinha tem uma relação ancestral na arquitetura portuguesa, também na proposta o fogo marca presença através da cozinha e da sua representação formal na sala dos sabores. Tal como o forno é o centro gerador, o fogo é o centro do restaurante nesta parte da “casa”.

Por cima do restaurante, uma esplanada remata o projeto e toma o lugar de encontro, metamorfoseando-se em linhas contemporâneas geometrizadas à luz da razão.

No exterior os socacos de pedra aparelhada que outrora venciam os desníveis e aproveitavam espaço para olivicultura, são agora reinterpretados e transformados em espaço público de apoio, prolongando para o exterior a fruição do Centro.

Por todo o projeto existem diferentes sistemas de enquadramento que surpreendem, contêm e retêm a paisagem, agarrando-a em pedaços, emoldurando-a numa captura quase fotográfica, tal como acontece no casario de xisto. Há uma ilusão de possuir a paisagem pelo poder que se sente sobre ela ao apreciá-la sobre o seu ponto de vista único e irrepetível. Janelas de enquadramento, aberturas ou rasgos criam um sistema de vistas, quer no âmbito do edifício quer no usufruto do seu espaço público envolvente. Imprimem a sensação de captura desse poder, numa recolha de fragmentos que se trazem connosco.

Uso e Adequação da Proposta ao Contexto Sociocultural

A primeira condição fundamental à criação da proposta foi a tarefa de reconhecimento das necessidades da localidade por forma a lançar a semente com base na vida dos próprios homens que ali residem. Assim, num território já consolidado, porém, um pouco perdido no tempo, há um novo elemento que surge e reestrutura todo o Lugar. Cria novas dinâmicas e revitaliza um povo, que tão bem sabe acolher, numa relação recíproca de quem tudo dá, mas agora também recebe.

Neste caso, o carácter social e etnográfico, e o forte apelo a um simbolismo subjacente, surgiram numa proposta que emana admiração, seriedade e dignidade, mas também alguma alegria, a acessibilidade pela escala, e a aproximação pelo apelo ao arquétipo da casa, uma forma que nos é tão próxima e até familiar. Mas é a memória das coisas, ou melhor, da experiência dessas coisas, que nos permite reconhecê-las ou evoca-las. E as representações de um outrora estarão aqui apresentadas neste contentor para que

possam ser experienciadas, a capacidade evocadora da experiência das coisas e do que elas querem dizer neste mesmo contexto.

O Centro de Artes do Lugar permite uma experiência mais alargada que o simples contacto direto com a aldeia pode proporcionar. A transmissão de conhecimento e técnicas a funcionar como legado são um ensinamento, uma mais-valia na recuperação de um património que teima em não se perder. Na aldeia podemos sentir a essência e ver a aparência, no edifício toma-se a sensação da experiência.

Para tal, pretende-se, neste projeto, praticar uma conservação cuidadosa, mantendo e reparando, num paralelo entre o que é de facto a realidade e a proposta apresentada. E com isso expor uma solução que se adapte e albergue uma realidade que lhe é subjacente.

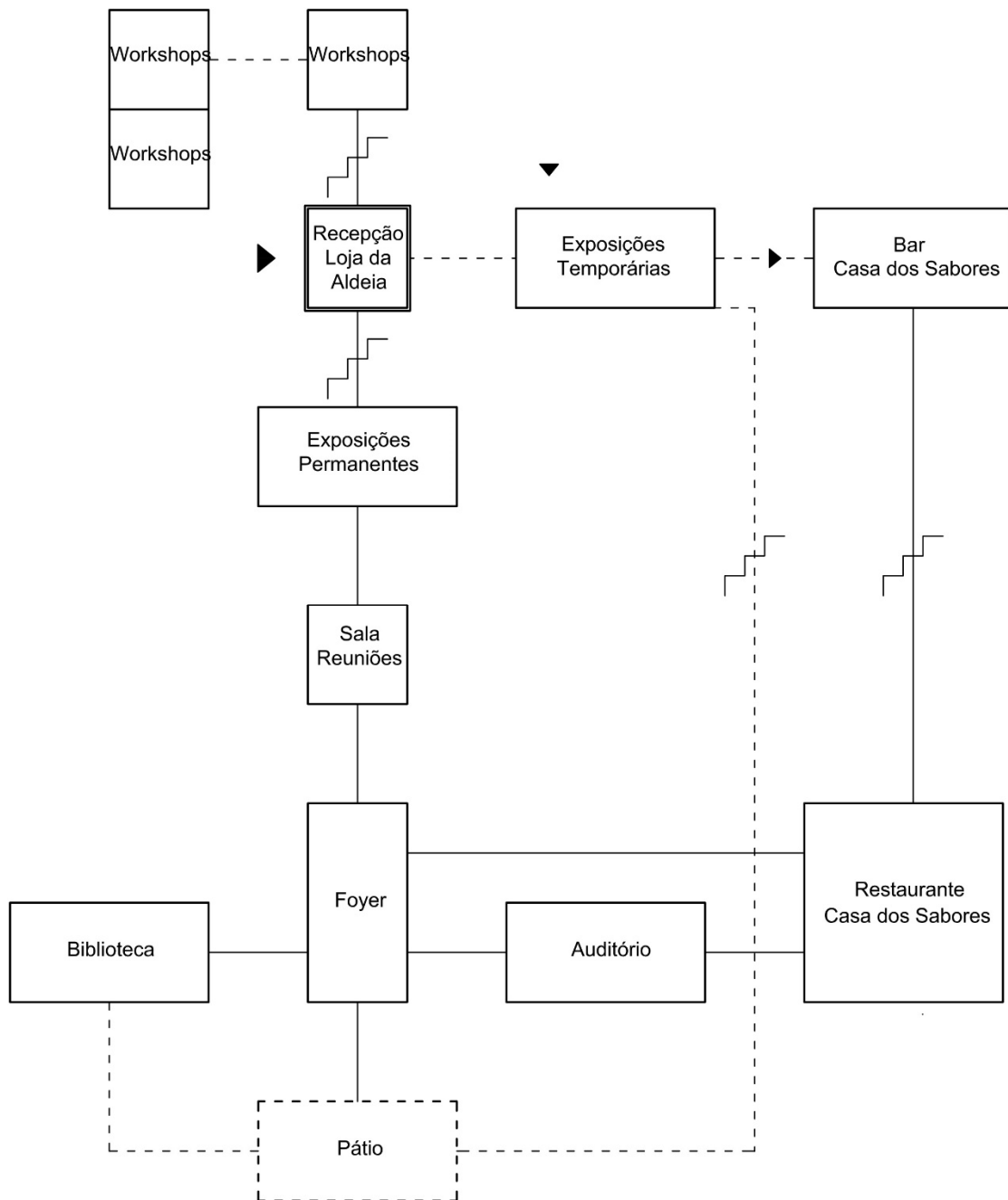
Para a justificação desta proposta que se insurge como um propósito mais que fundamentado para a criação desta solução, pretende-se que ela venha a: tornar-se o polo dinamizador da zona; promover a administração corrente do Património da freguesia e a sua conservação; promover o turismo criativo e artístico; e albergar eventos relacionados com as mais diversas áreas. A ter em conta: a dinamização da gastronomia local (maranho, bucho recheado, achegan grelhado, pão de centeio, tigelada, entre outros) reproduzida e apresentada no restaurante da proposta; a criação de inúmeras atividades e workshops (cerâmica de iola, olaria, tecelagem, tropeços, fiar o linho, contos de lendas e superstições, cozer no forno) nos espaços e salas propositadamente designados ao seu efeito; a realização de eventos direcionados ao mundo empresarial e promoção dos seus produtos, ou até atividades e retiros de trabalho; ou ainda eventos variados como ações de formação, colóquios, conferências ou casamentos.

Em suma, é não só, albergar essas atividades no Centro de Artes do Lugar, por forma a enriquecer a vida deste Lugar e da população que o habita e lhe é próxima, mas também dar a conhecer a nossa cultura de uma zona tão cheia de carácter, e que apesar de estar agora a despertar ainda tem muito por explorar. É preciso oferecer paisagens, natureza, bons alojamentos, gastronomia, saberes e tradições. Devolver Portugal a Portugal e ao resto do Mundo.

Materialidade

A matéria e a forma deste contexto tão específico são a forma da matéria da proposta. Num Lugar que tem a ver com o Xisto há um descer à terra donde tudo emergiu. O espaço será telúrico na medida em que faz referência ao solo onde se encontra e será no interior da terra que nos encontramos no interior da proposta.

Organograma funcional



Áreas

PISO -01

- 1_Sala de Exposição Permanente_167,9 m² (com nichos, elevador e escadas)
- 2_Sala dos Contos_24,9 m²
- 3_Arrumos_24,3 m²
- 4_Espaço de Distribuição Expositivo_93 m²
- 5_Sala de Leitura e Multimédia_96 m²
- 6_Atendimento Biblioteca_6,3 m²
- 7_Arquivo_9,9 m²
- 8_Foyer_56,8 m²
- 9_Plataforma_87 m²
- 10_Sala Multiusos/Extensível_97 m² (57+40)
- 11_Arrumos_14,1 m²
- 12_Patamar_15 m²
- 13_Jardim Interior_18,1 m²
- 14_Instalações Sanitárias_25,8 m²
- 15_Restaurante_79,4 m²
- 16_Cozinha_43,3 m²
- 17_Zona de Confeção
- 18_Copa
- 19_Armazém_4,8 m²
- 20_Frios_5,5 m²
- 21_Lixos_4,8 m²
- 22_Vestiário_12,6 m²
- 23_Entrada de serviço_5,2 m²
- 24_Pátio_7,5 m²

Total de Área Útil no Piso -01_ 820,3 m²

Área Bruta no Piso -01_1029,3 m²

Espaço Público no Piso -01

Área Total_1 100 m²

PISO 00

CASA MÃE

Área Bruta_113,9 m²

Área Útil_89,9 m²

1_Loja da Aldeia

2_Receção

3_Bengaleiro

4_Instalações Sanitárias

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Área Bruta_202,5 m²

Área Útil_175,7 m²

5_Sala de Exposição Temporária_161,4 m²

6_Espaço de Distribuição Expositivo_14,2 m²

BAR

Área Bruta_116,2 m²

Área Útil_91,3 m²

7_Bar_37,9 m²

8_Esplanada_53,1 m²

Total de Área Útil no Piso 00_356,9 m²

Total de Área Bruta no Piso 00_432,6 m²

Espaço Público no Piso 00

Área Total_550 m²

PISO 01

CASA MÃE

Área Bruta_113,9 m²

Área Útil_68,8 m²

1_Espaço Distributivo_11 m²

2_Espaço Para Workshops_8,9 m²

3_Espaço Para Workshops_29 m²

4_Espaço Para Workshops_16,3 m²

CASA de WORKSHOPS

Área Bruta_66,9 m²

Área Útil_48,4 m²

5_ Sala da Olaria_ 18,4 m²

6_ Sala da Tecelagem_ 29,5 m²

Total de Área Útil no Piso 01_117,2 m²

Total de Área Bruta no Piso 01_180,8 m²

Espaço Público no Piso 01

Área Total_335 m²

Área Bruta Total de Reabilitação = 294,7 m²

Área Bruta Total de Construção Nova = 1 350 m²

Área Bruta Total de Construção Espaço Público = 1 985 m²

Estimativa de custos

Reabilitação – 1 000€/m²

Construção nova acima e abaixo do solo – 900€/m²

Arranjos Exteriores e Espaço Público – 150€/m²

Estimativa de custos para a Reabilitação – Casa Mãe + Casa Workshops

Área Bruta de Construção = 294,7m²

Custo/m² = 1 000€/m²

Custo Total = 294 700 €

Estimativa de custos para a Construção Nova

Área Bruta de Construção = 1 350m²

Custo/m² = 900€/m²

Custo Total = 1 215 000 €

Estimativa de custos para Arranjos Exteriores e Espaço Público

Área Bruta de Construção = 1 985m²

Custo/m² = 150€/m²

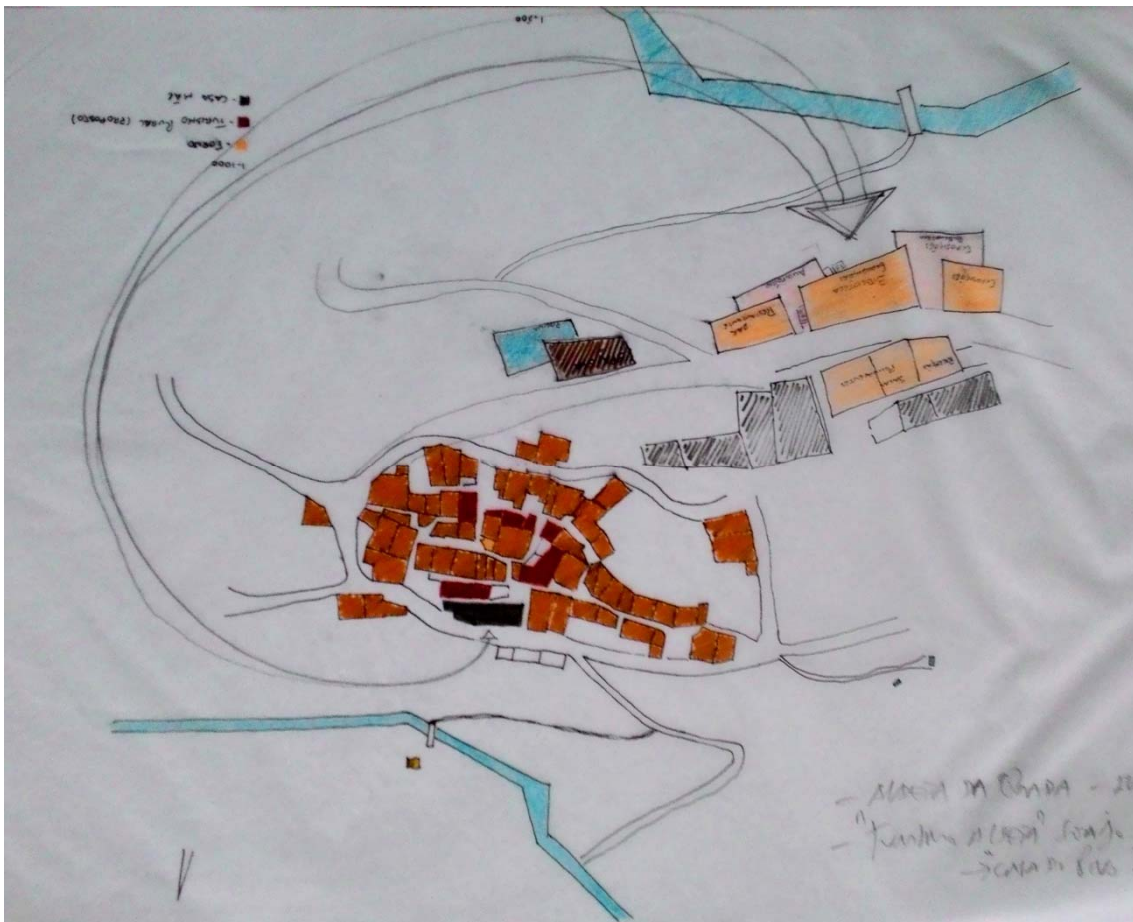
Custo Total = 297 750 €

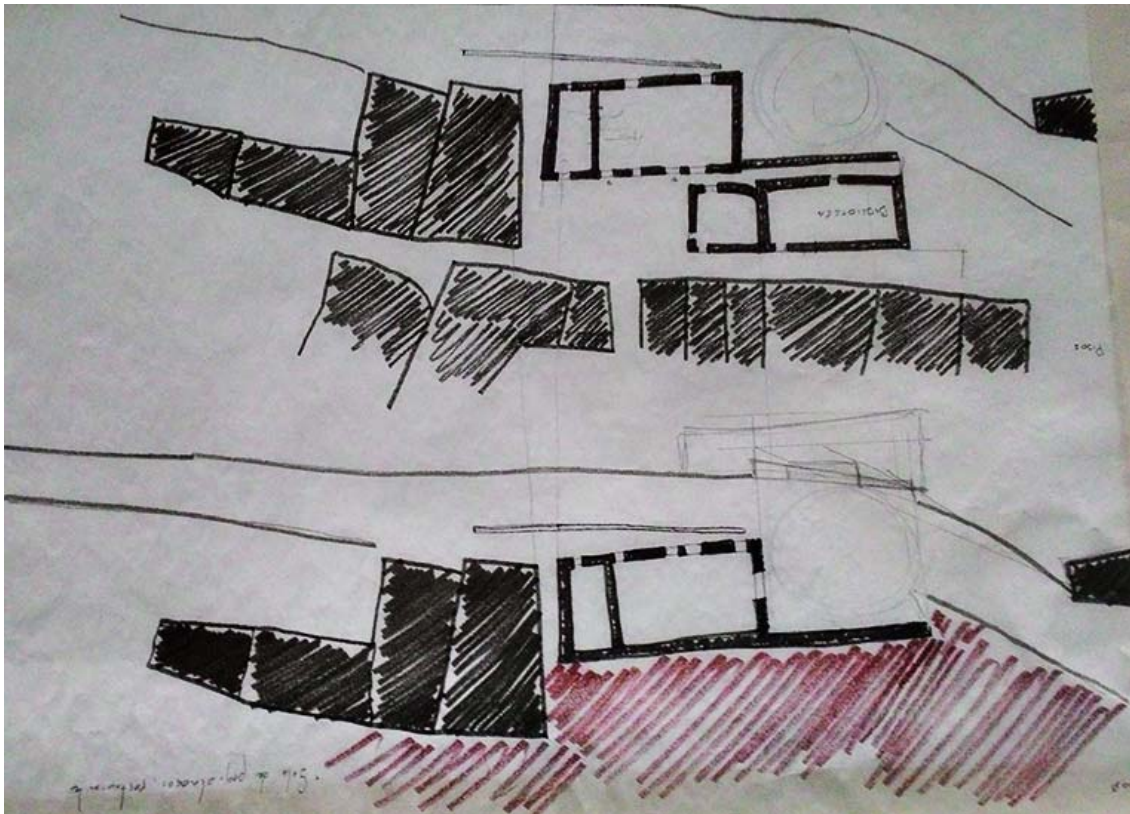
Estimativa de custos para o total da obra do Centro de Artes do Lugar

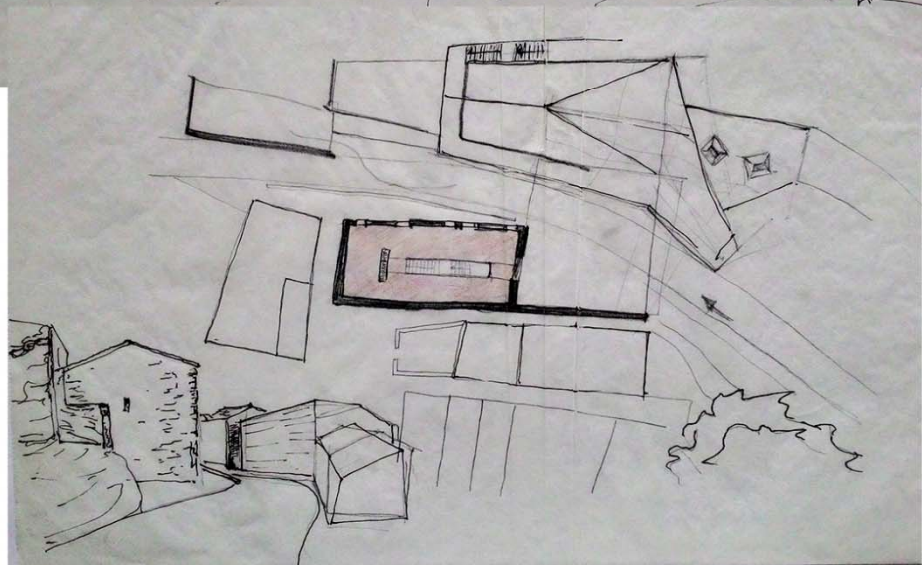
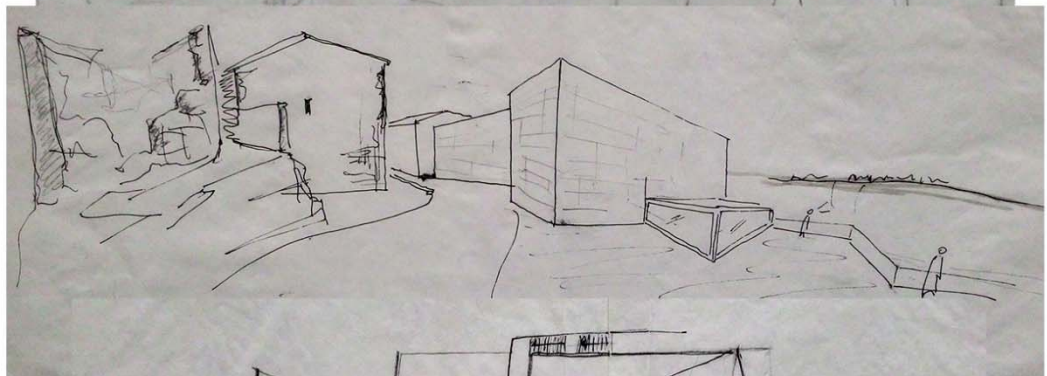
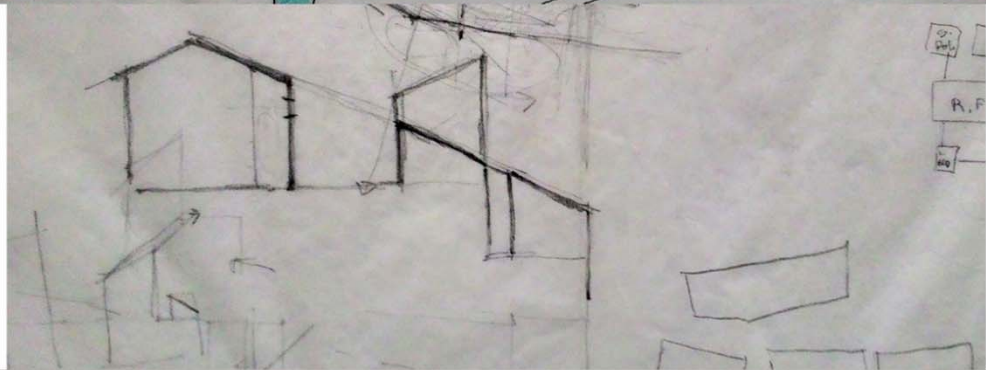
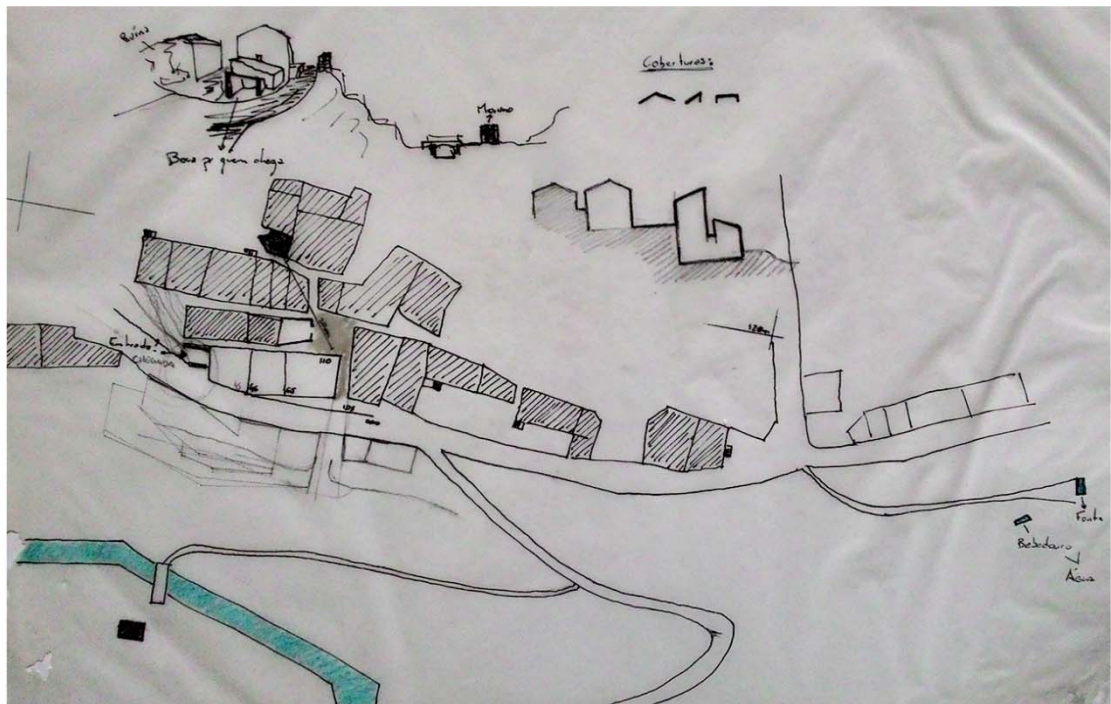
294 700 € + 1 215 000€ + 297 750 € = 1 807 450 €

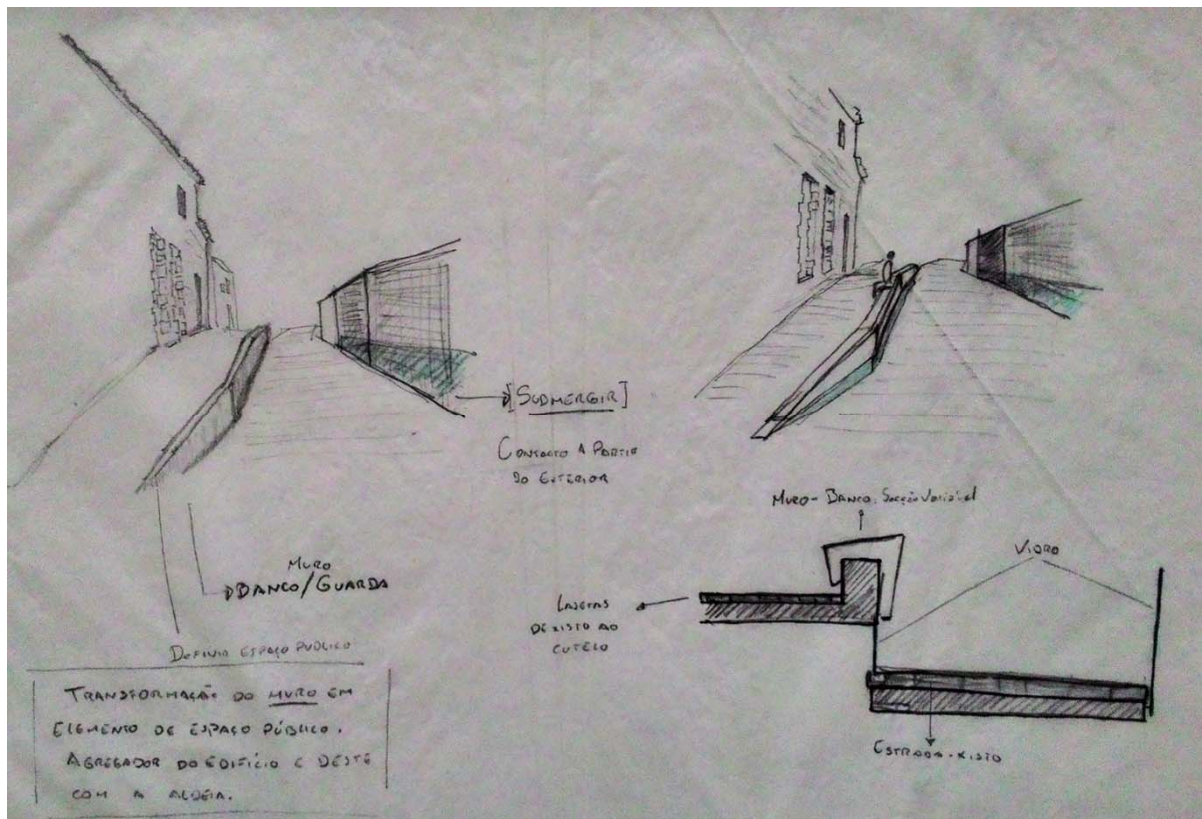
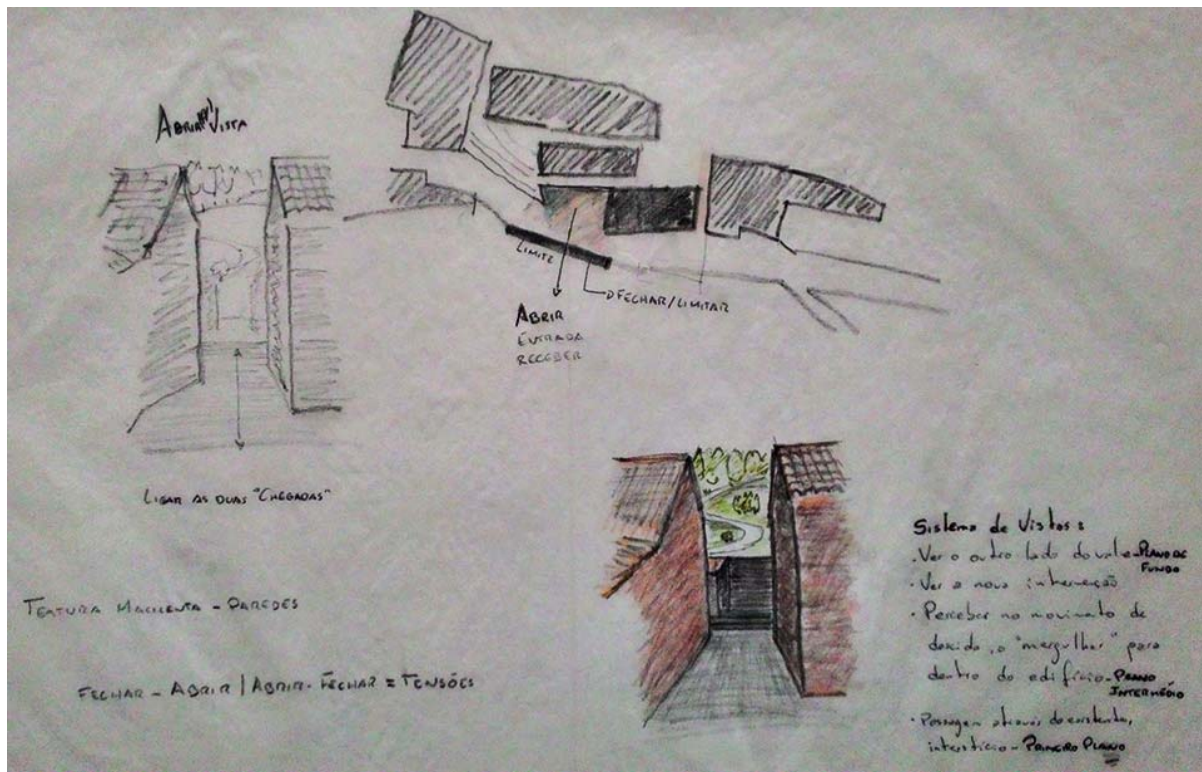
Custo total da obra: 1 807 450 €

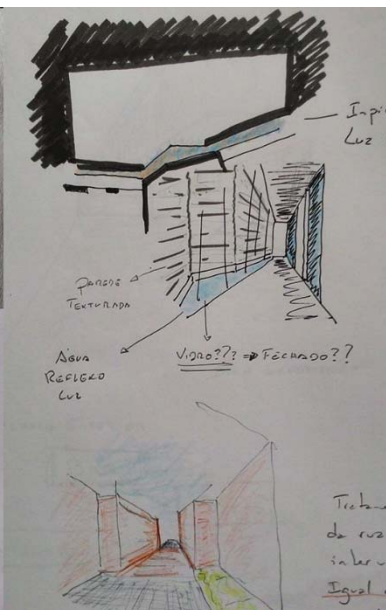
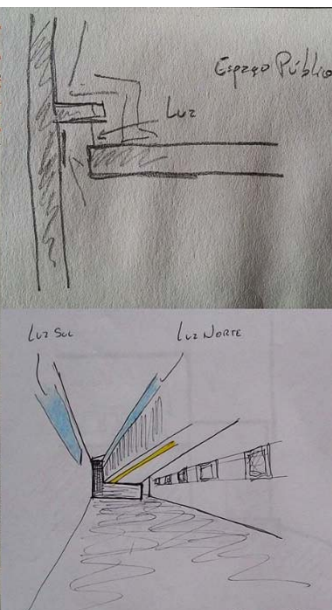
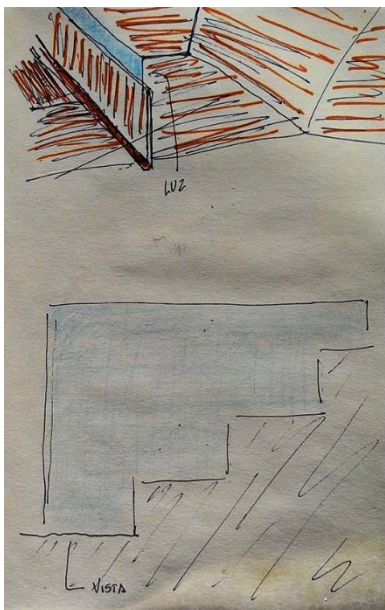
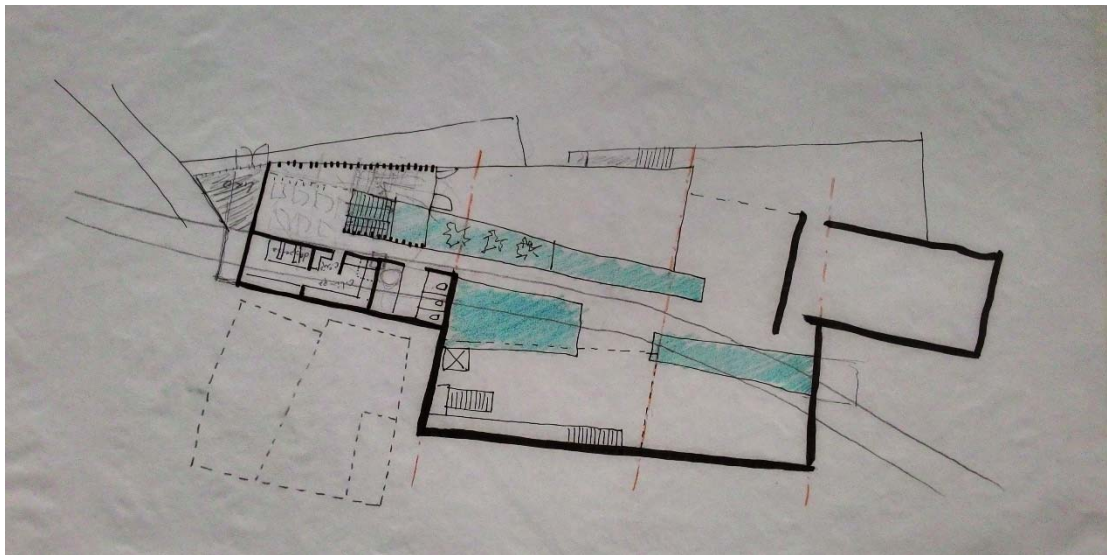
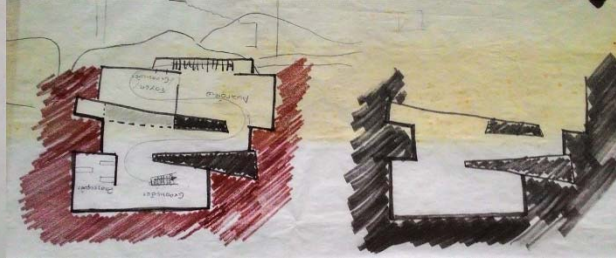
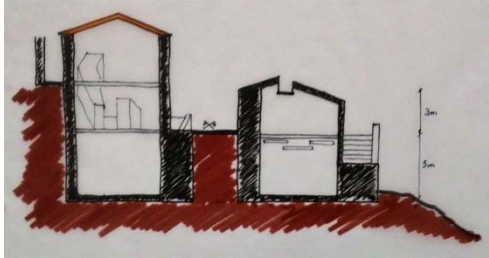
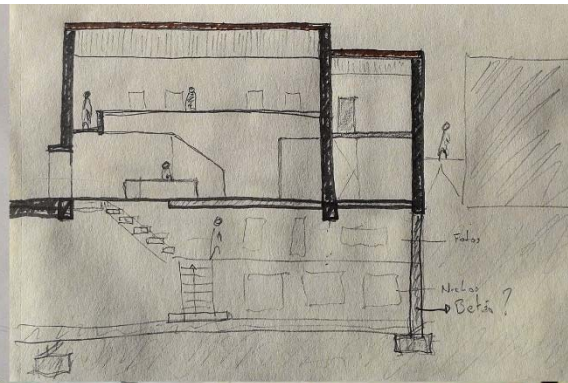
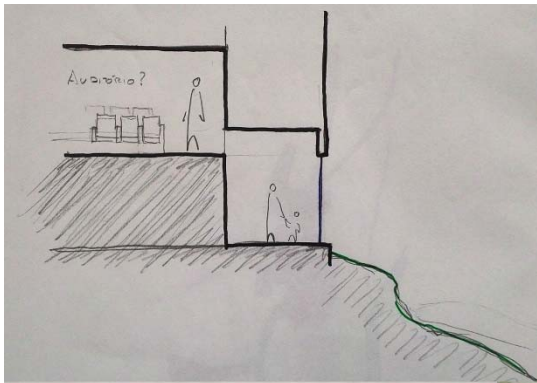
III – Esquços de Trabalho

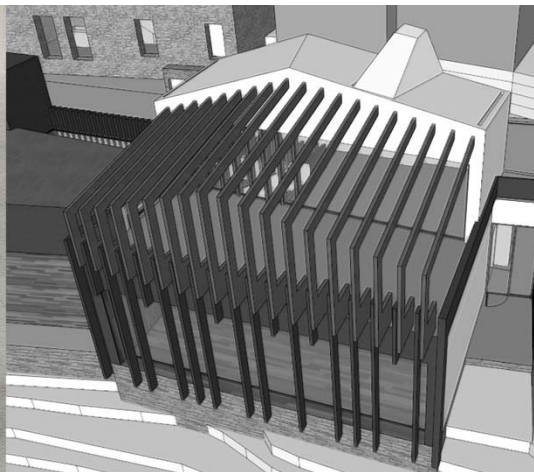
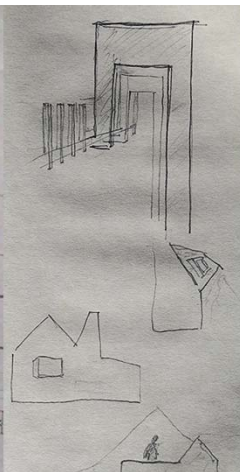
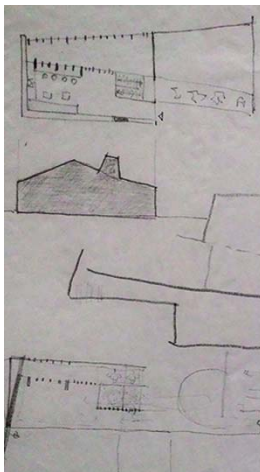
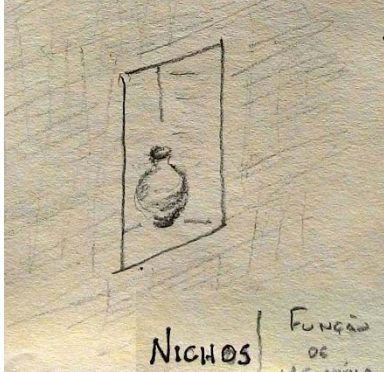
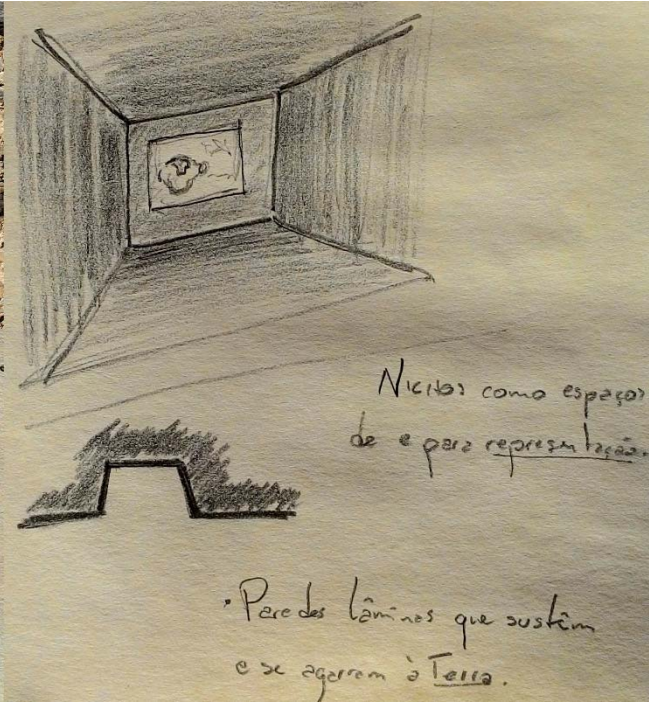


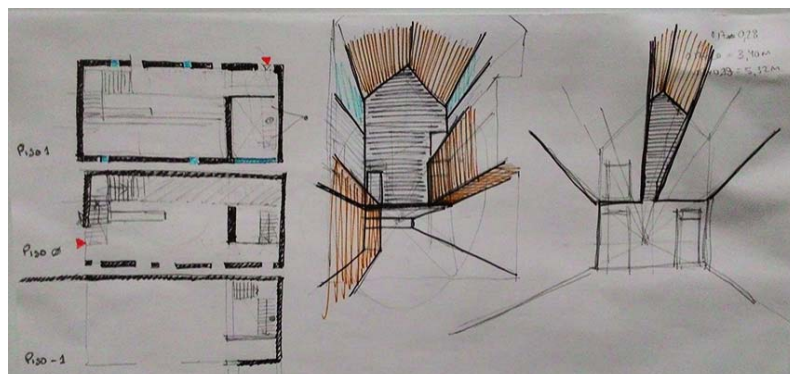
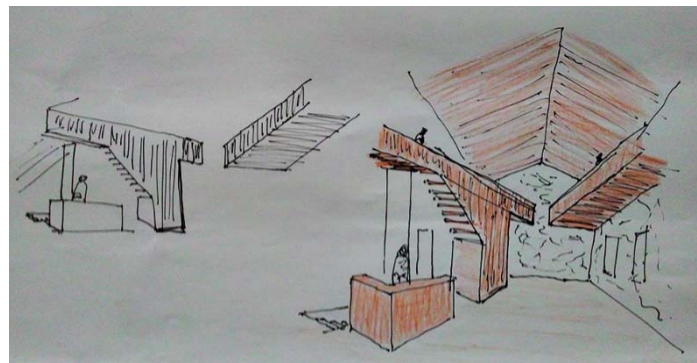
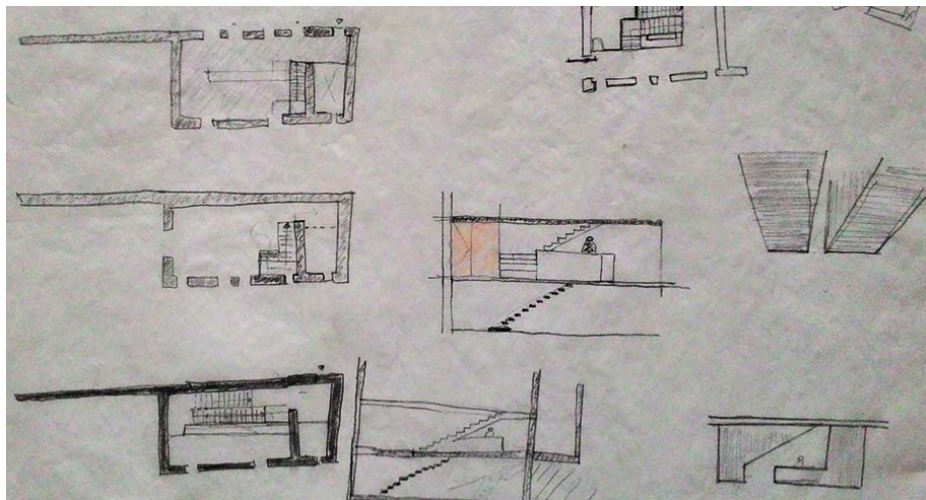
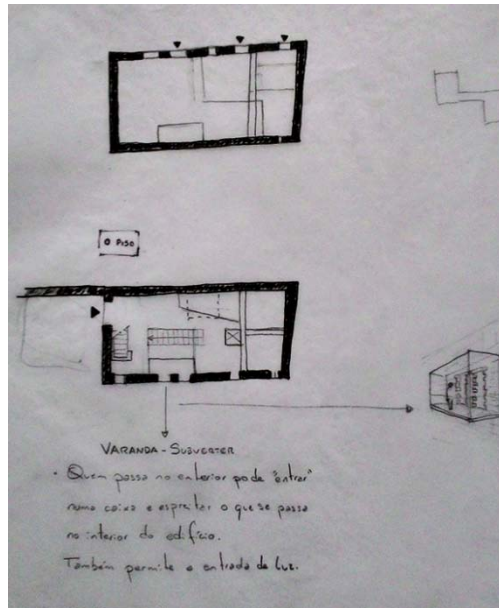
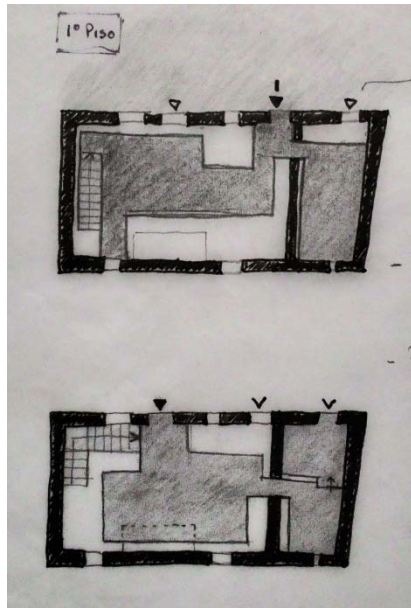


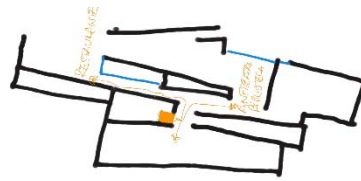
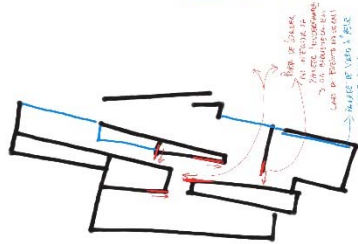
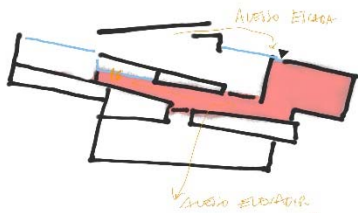
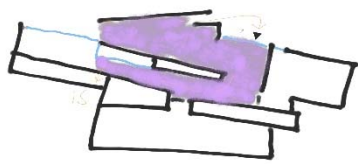




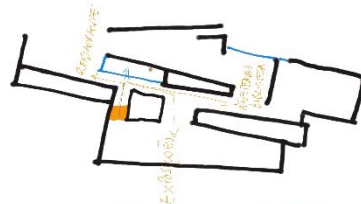




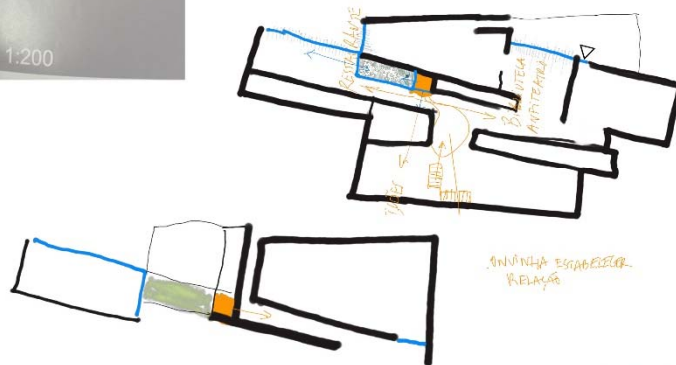




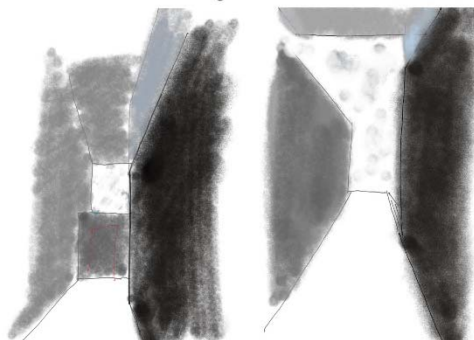
Relação visual do elevador / o "Kino"



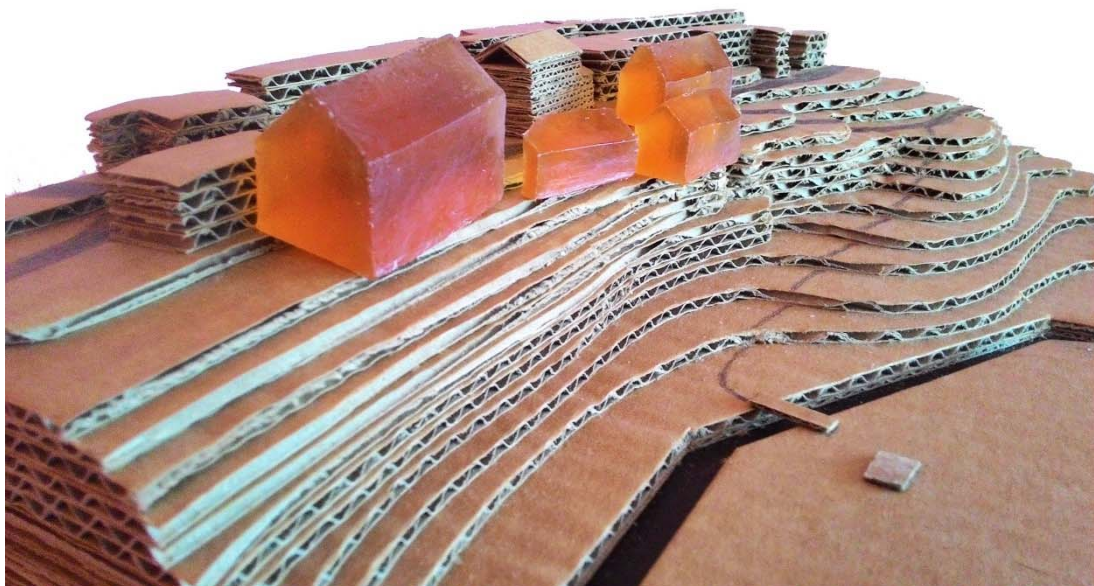
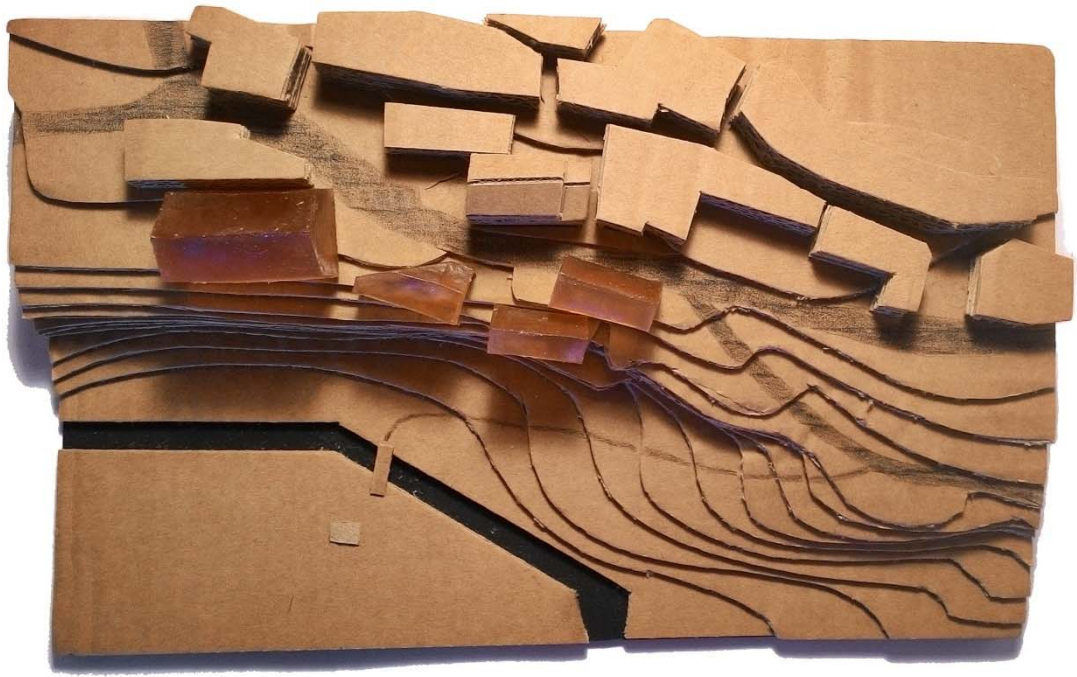
Relação visual do elevador / o "Kino"

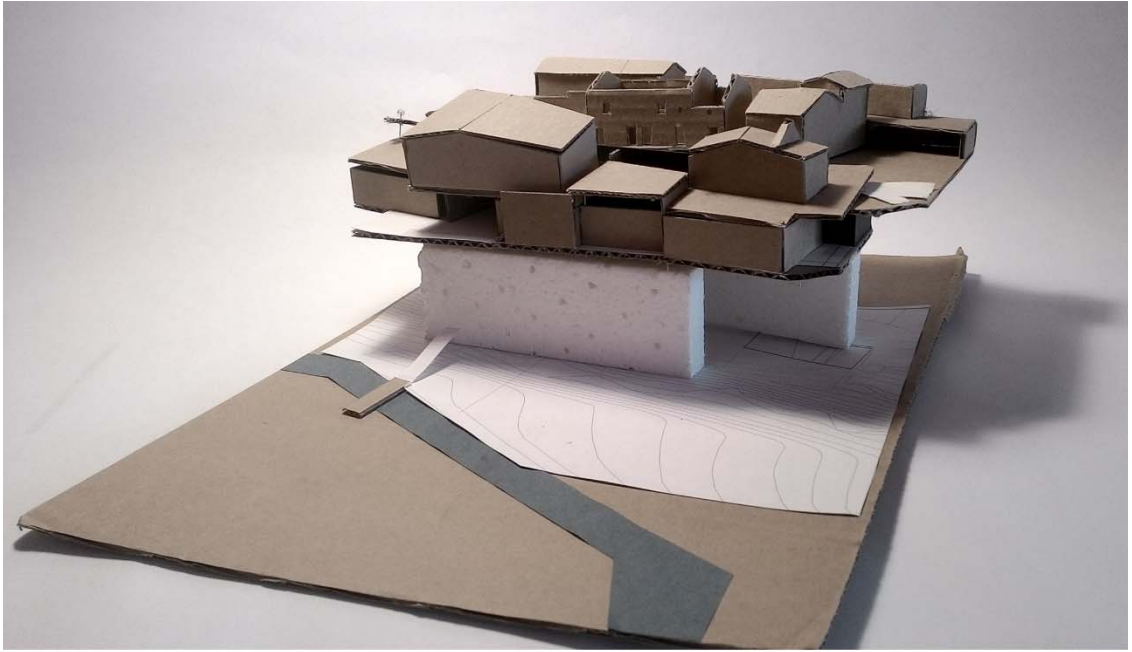


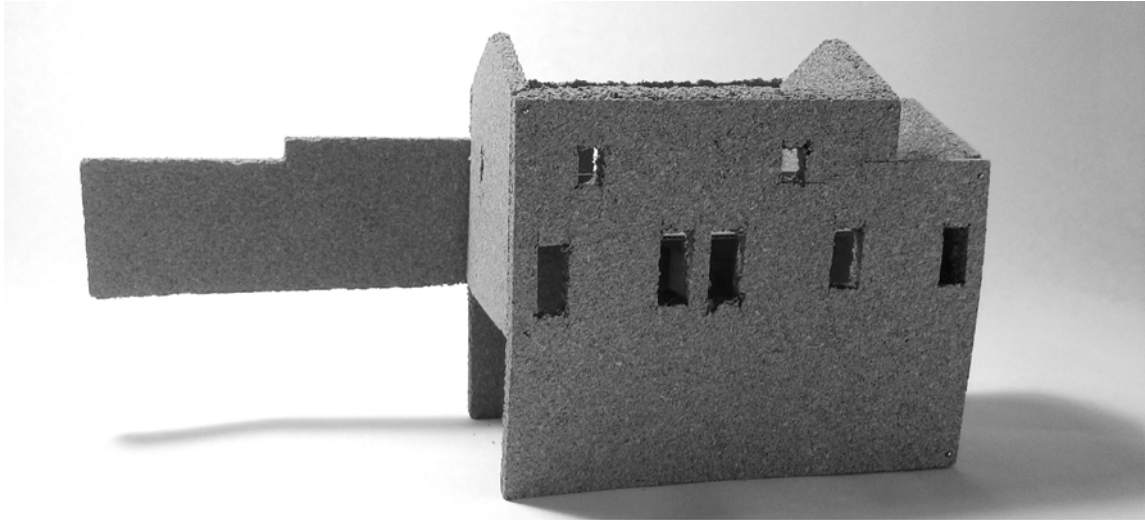
Relação visual do elevador / o "Kino"



IV – Fotografias das Maquetes de Estudo

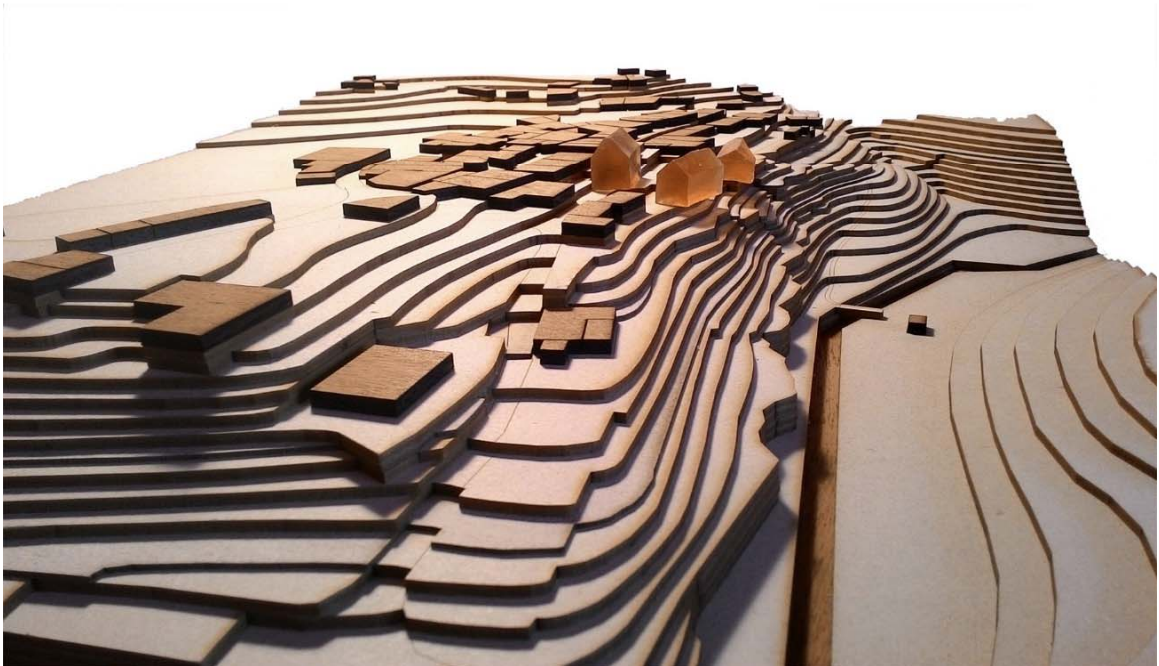




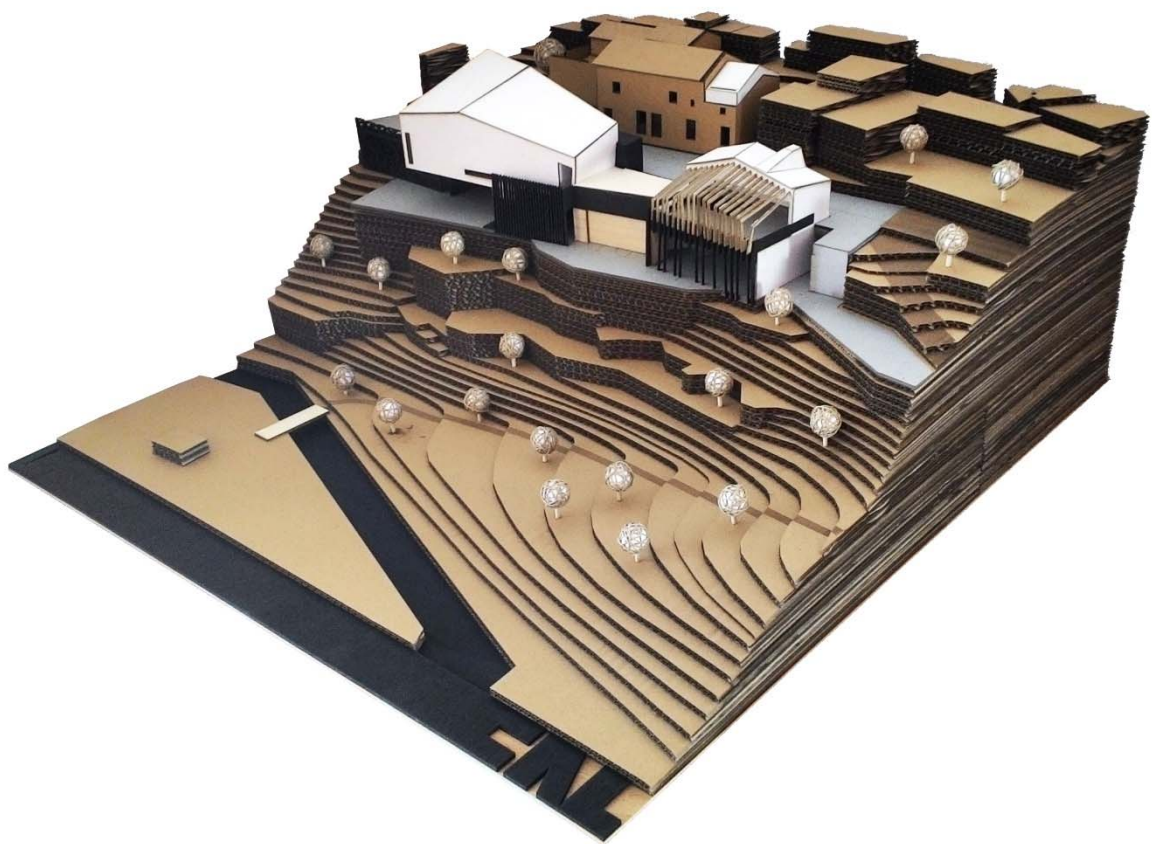




Maquete Final_esc.1:500



Maquete Final_esc.1:100



V – Peças Desenhadas (painéis finais reduzidos para A3)